LUMEN FLUENS
ESTUDOS COMPARADOS

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E O CRISTIANISMO: ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado III

GOIÂNIA

2026

HUGO TOMAZETI NETO

LUMEN FLUENS E O CRISTIANISMO: ONDE NOS TOCAMOS, ONDE NOS SEPARAMOS

Estudo Comparado III

Estudo Comparado III da série “Onde nos tocamos, onde nos separamos”, do Lumen Fluens, sobre o Cânon v1.2, refeito no formato completo da série em novembro de 2026. Versão 1.1, com as decisões do fundador de 4 de novembro de 2026. Preparado com assistência de inteligência artificial (Claude, Anthropic) sob direção e revisão do autor.

GOIÂNIA
2026

A luz não se acende — ela se revela.

Cânon Lumen Fluens, v1.2, Os Quatro Pilares, I

RESUMO

Este estudo compara a filosofia de vida Lumen Fluens, em seu Cânon v1.2, com o cristianismo, seguindo o princípio da série de Estudos Comparados: apresentar a doutrina visitada em sua melhor forma e só depois marcar as fronteiras. É a refação, no formato completo da série, da Ficha que servia de Estudo III desde outubro de 2026. O cristianismo é exposto pela Bíblia, na versão Almeida Revista e Atualizada, com o grego do Novo Testamento conferido, e por Agostinho, Tomás de Aquino, Bento, Inácio de Loyola, Lutero e Bonhoeffer, com a tradição que o lê — Arendt, Ricoeur, Levinas e os concílios. Encontra oito pontos de contato (a imagem de Deus, a lâmpada e a luz encoberta; “setenta vezes sete” e a mão que retoma; o samaritano e o Abrigo; a nuvem de testemunhas e o Flumen; o templo do corpo e o Corpus; a lâmpada acesa na noite e a Vigília; o exame de Inácio e o Examinar; a Regra de Bento e a Regra de Vida) e doze fronteiras (a origem nomeada e a Luz sem nome; a luz que é Cristo e a luz dos discípulos; a graça e a mão que retoma; o pecado e a luz encoberta; “vinde a mim” e “sê casa”; “amai os vossos inimigos” e o lobo; a vigília que espera o Senhor e a Vigília que fica; a ressurreição e a lamparina no rio; a consciência como voz de Deus e a Bússola; a confissão e o Examinar; a fé exigida e a fronteira da série; a mulher e a escravidão). Mede a Ficha de outubro frase a frase e propõe uma Ficha reescrita. Propõe a fórmula “o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo”, e entrega ao fundador dez questões novas, decididas em 4 de novembro de 2026 com a fórmula e a Ficha. Toda citação traz localização e marcador de verificação.

Palavras-chave: cristianismo; Lumen Fluens; imagem de Deus; graça; juízo; misericórdia; filosofia comparada.

ABSTRACT

This study compares the philosophy of life Lumen Fluens, in its Canon v1.2, with Christianity, following the principle of the Comparative Studies series: to present the visited doctrine in its best form and only then to draw the borders. It remakes, in the full format of the series, the sheet that had served as Study III since October 2026. Christianity is expounded from the Bible, in the Almeida Revista e Atualizada version with the Greek New Testament checked, and from Augustine, Thomas Aquinas, Benedict, Ignatius of Loyola, Luther and Bonhoeffer, with the tradition that reads it — Arendt, Ricoeur, Levinas and the councils. It finds eight points of contact (the image of God, the lamp and the covered light; “seventy times seven” and the hand that takes back; the Samaritan and the Shelter; the cloud of witnesses and the Flumen; the temple of the body and the Corpus; the lamp lit in the night and the Vigil; the examen of Ignatius and the Examining; the Rule of Benedict and the Rule of Life) and twelve borders (the named origin and the unnamed Lux; the light that is Christ and the light of the disciples; grace and the hand that takes back; sin and the covered light; “come to me” and “be a house”; “love your enemies” and the wolf; the vigil that awaits the Lord and the Vigil that stays; the resurrection and the lamp on the river; conscience as the voice of God and the Compass; confession and the Examining; required faith and the border of the series; women and slavery). It measures the October sheet sentence by sentence and proposes a rewritten sheet. It proposes the formula “Lumen Fluens accepts from Christianity anteriority and refuses judgement”, and hands the founder ten new questions, decided on 4 November 2026 together with the formula and the sheet. Every quotation carries a location and a verification marker.

Keywords: Christianity; Lumen Fluens; image of God; grace; judgement; mercy; comparative philosophy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

[V-pt: tradutor] / [V-en: tradutor] / [V-es]	citação conferida em edição portuguesa, inglesa ou espanhola nomeada
[V-pi] / [V-skt] / [V-zh]	citação conferida no páli (SuttaCentral), no sânscrito (GRETIL) ou no chinês do cânon Taishō
[V via secundária: autor]	citação lida por intermédio de outro autor, nomeado no Apêndice A
[tradução do estudo]	tradução de trabalho feita pelo estudo, com o original nas Fontes
[paráfrase]	sentido fiel ao texto; palavras do estudo
[tese a confirmar] / [localização a confirmar] / [página a confirmar]	o que ainda falta conferir
[leitura do estudo] / [inferência do estudo] / [hipótese do estudo]	marcas de autoria do estudo, distintas das três vozes
[Ficha, não cânon]	frase da Ficha de outubro de 2026, apontamento do fundador que o estudo mede e que a Ficha reescrita substitui
decisão n.º 1–7	decisões do fundador de 17 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VII
decisão n.º 1–12 (19/10)	decisões do fundador de 19 de outubro de 2026, numeradas como no Prólogo do Estudo VIII
decisão n.º 1–13 (23/10, Estudo IX) / 1–10 (23/10, Estudo X)	decisões do fundador de 23 de outubro de 2026 sobre os Estudos IX e X
decisão n.º 1–11 (31/10, Estudo XI) / 1–11 (31/10, Estudo XII) / 1–12 (31/10, Estudo XIII)	decisões do fundador de 31 de outubro de 2026 sobre os Estudos XI, XII e XIII
decisão n.º 1–12 (3/11, Estudo I)	decisões do fundador de 3 de novembro de 2026 sobre este estudo, numeradas na seção 1.2
decisão n.º 1–12 (3/11, Estudo II)	decisões do fundador de 3 de novembro de 2026 sobre o Estudo II, escrito em paralelo
Cânon v1.2	Cânon do Lumen Fluens, versão 1.2 (agosto de 2026), texto publicado
***sati* / presença**	a atenção do budismo e a presença do Corpus, lidas lado a lado
margem / outra margem	a margem do cânon, dentro do rio; a outra margem (*pāra*) do budismo, fim da travessia
dīpa	ilha ou lâmpada, em *DN* 16 e no *Bodhicaryāvatāra* III: controvérsia declarada, sem decisão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO 10
1.1 Como ler este estudo 13
1.2 O que a Ficha dizia e o que a série já disse 17
1.3 Decisões do fundador (versão 1.1, 4 de novembro de 2026) 17
2 O CRISTIANISMO EM SUA MELHOR FORMA 20
2.1 O percurso em vinte linhas 20
2.2 As três famílias, sem escolher 21
2.3 O Deus que se faz carne 21
2.4 A imagem de Deus 22
2.5 O pecado e a graça 23
2.6 O perdão 25
2.7 O duplo mandamento e o próximo 26
2.8 A cruz e a ressurreição 27
2.9 A Igreja e os sacramentos 28
2.10 A esperança 28
2.11 A regra e o exame 29
2.12 O que o cristianismo deixa dito com clareza 29
2.13 O que um leitor do Lumen Fluens leva daqui 30
3 ONDE NOS TOCAMOS 31
3.1 A imagem de Deus, a lâmpada e a luz encoberta 31
3.2 “Setenta vezes sete” e a mão que retoma 32
3.3 O samaritano e o Abrigo 33
3.4 A nuvem de testemunhas e o Flumen 34
3.5 O templo do corpo e o Corpus 34
3.6 A lâmpada acesa na noite e a Vigília 35
3.7 O exame de Inácio e o Examinar 36
3.8 A Regra de Bento, a Regra de Vida e o sabbath do fluxo 36
3.9 O material decidido como toque 38
4 ONDE NOS SEPARAMOS 39
4.1 A origem nomeada e a Luz sem nome 39
4.2 A luz que é Cristo, a luz dos discípulos e a Lux 40
4.3 A graça e a mão que retoma 40
4.4 O pecado e a luz encoberta; o pecado original e “ninguém começa do zero” 41
4.5 “Vinde a mim” e “sê casa”: a direção do Abrigo, o *agapē* e a dívida; o limite 42
4.6 “Amai os vossos inimigos” e o lobo que deve justiça 43
4.7 A vigília que espera o Senhor, a noite, a cruz e a providência 43

4.8 A ressurreição, a nuvem de testemunhas e a lamparina no rio 45
4.9 A consciência como voz de Deus e a Bússola 45
4.10 A confissão, o exame de Inácio, a Regra de Bento e o “sem culto” 46
4.11 A fé exigida, o *extra Ecclesiam*, a predestinação e o inferno 46
4.12 A mulher e a escravidão 47
4.13 A fórmula e a Ficha corrigida 48

5 O CRISTIANISMO DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE 50
5.1 Hegel (Estudo VII, 4.3) 50
5.2 Levinas (Estudo VIII, 4.3): a quenose e a substituição 51
5.3 Ricoeur (Estudo IX, 4.3): a filosofia sem absoluto 51
5.4 Platão (Estudo X, 4.2): os livros dos platônicos 52
5.5 Aristóteles (Estudo XI, 4.2): Tomás e o hábito 53
5.6 Agostinho (Estudo XII): a medida 53
5.7 Arendt (Estudo XIII, 4.4): Jesus e o perdão, Paulo e a vontade 54
5.8 A Stoa (Estudo II, 4.5 e 4.7) 55
5.9 O budismo (Estudo I, 4.8) 56
5.10 Três portas: o Vedanta, o existencialismo e o taoísmo 56
5.11 O padrão 57

6 A FICHA E AS PRÉVIAS: O QUE A SÉRIE JÁ DISSE DO CRISTIANISMO 58
6.1 A Ficha do Estudo III, toque a toque e fronteira a fronteira 58
6.2 As seis decisões que mandaram matéria à Ficha e as duas que fecharam portas 60
6.3 As seções dos Estudos VII a XIII e dos Estudos I e II sobre o cristianismo 61
6.4 A Ficha reescrita: aprovada pelo fundador 62

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS 65
7.1 O que o estudo encontrou 65
7.2 A fórmula 66
7.3 Questões abertas 67
7.4 O que o cristianismo oferece 71
7.5 A lamparina 71

REFERÊNCIAS 73

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO 87

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES 114

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO 117

1 INTRODUÇÃO: O ESTADO DA QUESTÃO E O MÉTODO

Gênero: Estudo Comparado · Nível: avançado · Parte do cânon: todo o cânon, em diálogo externo — em especial a Lux e a sua origem em aberto (a *imago Dei*, “imagem de Deus”; a luz que é Cristo e a luz dos discípulos; o *interior intimo meo*, “mais interior do que o meu íntimo”; a independência confessional), a Regra da Misericórdia (o perdão sem conta; a graça, toque do cristianismo; a mão que retoma, que é do rio), o Abrigo e as Águas Comuns (o próximo; “vinde a mim”; a quenose, ou esvaziamento, e a substituição, com o limite da Bússola), o Corpus (a encarnação; o templo; o corpo contra os platônicos), a Vigília e a noite (Getsêmani; a cruz; a providência; a esperança que a luz não promete), o Flumen (a nuvem de testemunhas; a ressurreição e a lamparina no rio), o Examinar (o exame de Inácio; a confissão), a Regra de Vida (a Regra de Bento; o domingo e o sabbath do fluxo), a Bússola (a consciência como voz de Deus), o lobo (“amai os vossos inimigos”; a justiça devida)
Princípio da série — Comparar não é competir. Cada estudo honra a doutrina visitada apresentando-a em sua melhor forma, e só então marca as fronteiras. Uma filosofia que precisa diminuir as outras para existir não confia na própria luz.
Versão 1.1, 4 de novembro de 2026 — com as decisões do fundador (ver o Prólogo). Versão 1.0, para validação: 4 de novembro de 2026.

O cristianismo é a casa de que o cânon mais herda sem ser dela. A Ficha de outubro o chamou “a grande escola” da intuição de que a dignidade vem antes do mérito; o Tratado da Luz Interior cita Agostinho por nome, pelo *interior intimo meo* e pelo mestre interior; a Regra da Misericórdia fala com palavras que a teologia usou por séculos — misericórdia, e, na Ficha, graça; o Abrigo foi lido ao lado de “vinde a mim”; e a Vigília nasceu de uma Disputatio sobre o mal, e recusa, desde o Estudo VII, a teodiceia (a justificação de Deus diante do mal) como resposta sua — sem adotar nem recusar a ordem do todo (decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII). O fundador escreve em português, numa cultura cristã, e o cânon declara independência confessional: “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; ver 4.1).

Por isso este estudo tem a fronteira mais fina e mais exposta da série: tudo o que o cristianismo diz da luz, da misericórdia, do próximo e da noite o cânon pode ouvir — e nada disso o cânon diz como o cristianismo o diz, porque o cristianismo o diz de Deus, e o cânon não nomeia.

Este é um estudo refeito. O Estudo III existia desde outubro de 2026 como Ficha na Biblioteca do site: quatro toques (a dignidade anterior ao mérito, com a *imago Dei* como “grande escola”; a luz — Jo 1,9, Mt 5,14-16 e o *interior intimo meo*; “misericórdia e graça:

falhar não apaga a luz”; “Abrigo e caridade: ‘vinde a mim os cansados’”) e três fronteiras (“estrutura vs. revelação: não nomeamos a origem da Luz — para o cristão, a Luz é Deus; a filosofia não decide por ninguém”; “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial”; “fidelidade intra-histórica: sobre o depois do rio, silêncio respeitoso”).

Em 3 de novembro de 2026 o fundador decidiu refazer os Estudos I a VI no formato completo da série — integral, resumo trilíngue, fórmula e decisões —, dois por vez, na ordem da numeração, antes do Estudo XIV. Os Estudos I, sobre o budismo, e II, sobre o estoicismo, foram refeitos e decididos no mesmo dia, com a publicação determinada pela n.º 12 de cada lista (03/11/2026, Estudos I e II); o Estudo IV, sobre o Vedanta, é escrito em paralelo a este. A numeração é a da série, mas a escrita vem depois do Estudo XIII e dos dois primeiros refeitos: este estudo herda todas as decisões do fundador, de 17 de outubro a 3 de novembro de 2026, e a letra dos Estudos VII a XIII e I e II, e trata a Ficha de outubro como ponto de partida a testar, não como autoridade. O que a conferência das fontes confirmou, confirma-se com a letra; o que corrigiu, corrige-se e registra-se (4.13 e 6.1), e a Ficha vale até o fundador dizer outra coisa.

Nenhuma Ficha da série recebeu tanta matéria por decisão antes de ser refeita. Seis decisões mandaram material para esta, e entram aqui como decidido, não como pergunta: a quenose e a substituição, “que o cristianismo de Levinas põe no centro” (decisão n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII), com o limite já fixado — “o Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola” (decisão n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII; ver 4.5); o material de Ricoeur — “a polifonia da nominação, o ágape como economia do dom, Jerusalém e Atenas” — “como matéria do interlocutor” (decisão n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX; ver 5.3); “o corpo contra os platônicos”, *A cidade de Deus*, XIV, 3, “como aliado do Corpus” (decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII; ver 3.5); a linha “Misericórdia e graça”, que “separa-se em duas — a mão que retoma, que é do rio, e a graça, que é toque do cristianismo” (decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII; ver 4.3); e “o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida, como Arendt os lê”, “como matéria do interlocutor” (decisão n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII; ver 3.2 e 5.7).

Duas decisões fecharam portas, e as portas ficam fechadas: “o esvaziamento do Filho não entra na revisão da Ficha do Estudo III” (decisão n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X), e “o mestre interior fica como herança nomeada” (decisão n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII). O capítulo 6 traz o texto de cada uma (6.2).

A tese de partida, que o estudo testou: o cristianismo e o cânon partilham a gramática da luz interior — dada, não conquistada; encoberta, não apagada; devida ao outro; um perdão que não é tribunal; o próximo como lugar — e divergem na origem nomeada e na promessa. O cristianismo nomeia: a luz é o Verbo, “a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem” (Jo 1,9, ARA; ver 2.3) [V-gr; V-pt: ARA]; e promete: a ressurreição, sem a qual “é vã a nossa pregação” (1Cor 15,14, ARA; ver 2.8) [V-

gr; V-pt: ARA]. O cânon não nomeia e não promete: a origem da luz é “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”), e a Vigília não é “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” (Tratado da Vigília, “Definição”; ver 4.7). O estudo não faz de Deus, de Cristo, do Espírito, do Verbo, da graça, da *imago Dei* nem da luz interior dos quacres um nome da Luz, como a série não fez do Bem, do intelecto, da luz imutável, da pluralidade, da mente luminosa nem do *logos*; registra a estrutura comum e marca a fronteira [leitura do estudo].

A resposta curta, que o estudo inteiro desdobra: o cristianismo entra no Lumen Fluens pela gramática e encontra três fronteiras, a do nome, a da promessa e a do juízo. Entra pela gramática, porque “Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas” (Lc 11,35, ARA; ver 3.1) [V-gr; V-pt: ARA] e a lâmpada que ninguém põe debaixo do alqueire dizem, com a letra do Evangelho, o que o Pilar I diz do seu lado: “a luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I); porque “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (Mt 18,22, ARA; ver 2.6 e 3.2) [V-gr; V-pt: ARA] e “Falhar na regra não apaga a luz” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”) recusam, os dois, a conta.

Entra também porque o samaritano, que foi “o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores” (Lc 10,36, ARA; ver 2.7) [V-gr; V-pt: ARA], e o Abrigo, que é casa “a quem chega até nós” (Cânon v1.2, “O Abrigo”; ver 3.3), olham na mesma direção; porque a “tão grande nuvem de testemunhas” (Hb 12,1, ARA; ver 3.4) [V-gr; V-pt: ARA] e os ancestrais do Flumen são o mesmo gesto de não começar do zero; e porque o exame de Inácio, que abre por “dar graças” e revisita o dia hora a hora, e o Examinar, que fecha “com gratidão a alguém do passado”, são a mesma prática ao fim do dia (3.7).

Encontra a fronteira do nome, porque a imagem é de um Criador nomeado e a luz do cânon é “de alguém” (decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I), sem origem dita (4.1). Encontra a fronteira da promessa, porque a vigília das virgens espera o que vem e a Vigília do cânon acompanha quem está na noite sem esperar fim — e o Tratado o diz com uma frase: “Velar não é vigiar nem esperar” (Tratado da Vigília, “Definição”; ver 3.6 e 4.7); porque a ressurreição responde ao depois e o cânon não diz nada do depois: a lamparina vai ao rio (4.8). E encontra a fronteira do juízo, porque o cristianismo tem um Juízo que separa, e o cânon tem um exame que “não é o exame de um juiz severo” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”) e uma Disputatio para quem “o afogamento não é a medida final do que essa pessoa era” (Disputatio, 3, “Respondeo”; ver 4.13) [leitura do estudo].

Quatro correções à Ficha de outubro saem dessa resposta, e o estudo as diz como correção (4.13, 6.1). “Misericórdia e graça” são duas linhas, por decisão: a Misericórdia é letra do cânon e é reflexiva, e a graça é toque do cristianismo. “Vinde a mim” é dito por Jesus de si; o Abrigo é dito pela pessoa que abriga, e a direção se inverte. “Sem culto” é fronteira verdadeira, mas não é “sem regra”: a Regra de Vida tem dia, semana, estação e sabbath, e a Regra de Bento é regra — o cânon não prescreve culto, igreja nem sacramento,

e tem regra. E o toque da luz é maior do que a Ficha dizia, e a fronteira é a origem: a luz joanina é Cristo, a de Mateus são os discípulos, a dos quacres é Cristo em cada um, e nenhuma é a Lux. O capítulo 6 mede as sete frases uma a uma: as cinco primeiras têm letra em parte, as duas últimas não têm letra — e a única linha com letra nas duas metades é a da independência confessional, dita sempre na voz de “quem crê”.

Dois achados que o estudo não procurava merecem a primeira página. “Vigiai comigo” (Mt 26,38, ARA; ver 2.8) [V-gr; V-pt: ARA], em Getsêmani, não é a vigília que espera o Senhor: é vigiar com alguém na noite, presença antes da fala; a escatológica (do fim dos tempos) é a das virgens e a de Marcos 13. O homônimo “vigiar” tem, assim, duas faces, e o cânon tem um verbo próprio, velar, que o Tratado da Vigília diz que não é vigiar nem esperar (3.6, 4.7); Getsêmani é o toque mais próximo, lido ao lado da Vigília [leitura do estudo]. E a dívida do rio e o *agapē* (“amor que se dá”) são duas triangulações: o amor cristão vai de Deus ao próximo e volta a Deus — “a mim o fizestes”; a dívida do cânon vai do rio ao outro, e o outro tem luz própria: “há uma luz devida ao outro” (Catecismo, 36). Só uma das duas é nomeada (4.5) [hipótese do estudo].

O estudo propõe ao fundador, e só ele pode adotá-la, uma fórmula: **o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo** (7.2). Aceita a anterioridade como estrutura, não como palavra da letra cristã: é a dignidade antes do mérito, que a Ficha chamou “a grande escola” e que o cânon diz com as suas palavras — o valor “anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), “a dignidade precede o mérito” (Tratado da Luz Interior, “Síntese”). Recusa o juízo como condição: que o que a pessoa é, ou vale, dependa de um veredito — o Juízo que separa, a sentença final sobre a pessoa —, e não a justiça devida ao lobo, que “resiste-se, e deve-se justiça” (Catecismo, 36) e fica para o tratado. O juízo, em si, fica com quem crê nele; a fórmula marca a posição do cânon e não julga o cristianismo.

O estudo pesou outras letras e as deixou de lado (4.13): “dádiva × limiar”, porque “limiar” é polissêmico no campo da morte e do templo e “dádiva” supõe doador; “anterioridade × condição”, porque “condição” é a glosa comum a todas as fórmulas da série, não a letra própria desta casa; “perdão × promessa”, porque “promessa” é a palavra com que a decisão n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII, lê o compromisso do Abrigo e “perdão” roçaria a decisão que deixou o perdão da vítima ao lobo para o tratado (n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX); “recusa a graça”, porque a graça é toque por decisão; “recusa a providência”, porque já está excluída (decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII; n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II). A escolha é a pergunta (by) de 7.3 [leitura do estudo].

1.1 Como ler este estudo

Três vozes atravessam o texto e permanecem separadas. O cristianismo diz o que está na Escritura e nos autores que a leem, citado e localizado: a Escritura por livro,

capítulo e versículo, com a tradução nomeada na primeira citação de cada seção; Agostinho por obra, livro, capítulo e parágrafo; Tomás por parte, questão e artigo da *Suma Teológica*; Bento por capítulo da *Regra*; Inácio por número dos *Exercícios espirituais*; Lutero, Pascal, Kierkegaard, Bonhoeffer, Weil por obra e página nas Fontes. A tradição lê o que um intérprete nomeado faz do texto: os exegetas que o capítulo 2 nomeia, Arendt, Ricoeur e Levinas pelos Estudos XIII, IX e VIII, e Balthasar, sem lhes atribuir tese quando a página não foi vista.

O cânon responde com as palavras do Cânon v1.2, dos três Tratados, da Disputatio, do Catecismo, das Meditações Práticas e das decisões do fundador, sempre pelo nome do elemento: Lux, Flumen, Mutatio, Corpus, Bússola, Abrigo, Vigília, Águas Comuns, a margem, Regra da Misericórdia, Acender, Portar, Examinar, Revisão do rio, sabbath do fluxo. As Fichas dos Estudos I a VII são apontamentos do fundador, não cânon, e se citam como tais; os Estudos VII a XIII e I e II entram como leitura anterior e se citam pelas seções. Agostinho foi o Estudo XII inteiro: este estudo o mede por lá e não o refaz (5.6).

O que passa das três vozes é do estudo, e vem marcado: [leitura do estudo], [inferência do estudo], [hipótese do estudo]. O estudo não decide: propõe e pergunta. Chama-se aqui homônimo à palavra que o cânon e o cristianismo escrevem igual e entendem de modo diferente, e matéria do interlocutor ao que a Ficha recebe do cristianismo ou de quem o lê, sem que o cânon o faça seu; o capítulo 2 define as duas expressões, e cada capítulo avisa quando um homônimo aparece.

As citações trazem marcadores de verificação. O grego do Novo Testamento foi conferido no texto da SBL Greek New Testament, e é dele que vem o marcador [V-gr]; o aparato do Nestle-Aland não foi aberto, e onde a letra tem variante conhecida — a perícope da adúltera (Jo 7,53–8,11), “Pai, perdoa-lhes” (Lc 23,34), a ligação de “vindo ao mundo” em Jo 1,9, Rm 8,28 — o texto o diz. O latim da Vulgata é o da Clementina; o hebraico de Gênesis, de Samuel, dos Salmos e de Isaías foi conferido para as passagens que o pedem ([V-he]). As traduções portuguesas da Bíblia abertas e as não abertas estão ditas no capítulo 2: a Almeida Revista e Atualizada é a tradução de quase todas as citações, e nenhuma citação é atribuída a tradução que não foi aberta.

Das edições brasileiras e portuguesas dos autores, nenhuma foi aberta por inteiro: as *Confissões* seguem a tradução de Lorenzo Mammì onde o estudo a cita, e *A cidade de Deus*, *A Trindade* e a *Suma Teológica* vêm do latim, em tradução do estudo; a *Regra* de Bento e os *Exercícios* de Inácio chegam em latim e em espanhol, com o português do estudo, e a edição Loyola dos *Exercícios* e a Lumen Christi da *Regra* não foram abertas; os Padres gregos — Irineu, Orígenes, Gregório de Nissa, Atanásio — e Tertuliano foram lidos em inglês, e Irineu por intermediário. Bonhoeffer e Balthasar chegam por fontes secundárias, nomeadas, e o alemão e o francês não foram conferidos; Arendt, Ricoeur e Levinas pelas seções dos Estudos XIII, IX e VIII, que já os leram; Weil pelo Tratado da

Vigília, que já a leu. Eckhart, Teresa de Ávila e os *Escritos sobre a graça* de Pascal ficaram sem letra, e aparecem como [tese a confirmar] ou não aparecem; os exegetas do capítulo 2 vêm como [tese a confirmar]. As datas do percurso (2.1) são aproximadas e discutidas.

Por isso [V-gr] indica que a passagem foi conferida no grego; [V-la], no latim; [V-he], no hebraico; [V-pt: ARA] e [V-pt: Ave-Maria], na tradução portuguesa nomeada; [V-en: tradutor], na tradução inglesa nomeada; [V via secundária: autor], que a passagem foi lida dentro de outro texto, cujo autor se nomeia; [V-es via Estudo IX, 4.3], que a passagem vem por um estudo anterior da série (“via Estudo N, x.y”); [V-de], [V-da], [V-pi] e [V-skt] dizem a língua conferida, nos mesmos termos de [V-la]. [tradução do estudo] diz que o português é do estudo, com o original nas Fontes. [paráfrase] diz que há a tese sem a letra. [tese a confirmar], [localização a confirmar] e [página a confirmar] dizem o que falta conferir, e [atribuição a confirmar] diz que a frase circula, mas o estudo não achou a passagem: é o caso de *credo quia absurdum* (“creio porque é absurdo”), que não foi achado literalmente em Tertuliano (2.8). O estudo prefere uma lacuna marcada a uma citação falsa. Dentro das aspas fica a grafia da edição; fora delas, o português do Brasil.

Cuidados de vocabulário, que o capítulo 2 enumera e cada capítulo repete onde trabalha. “Luz” é homônimo de cinco coisas, e nenhuma é a outra: a luz joanina, que é Cristo; a de Mateus 5, que são os discípulos; a *lumen* de Tomás, natural, da fé e da glória; a luz interior dos quacres, que é Cristo em cada um; e a Lux, que fica sem nome (4.2). “Misericórdia” é a de Deus, a que o homem deve ao próximo, a *misericordia* que Agostinho defende contra a Stoa — e a Regra da Misericórdia do cânon, reflexiva, cuja mão é o rio (4.3).

“Graça” é dom de Deus, e o cânon não a tem: a palavra ocorre na letra uma só vez, no título de um livro de Weil (*A gravidade e a graça*, no Tratado da Vigília); por decisão, é toque do cristianismo. “Vigiar” tem duas faces, vigiar com alguém na noite e esperar o que vem; o cânon diz velar. “Templo” é, em Paulo, do Espírito: “o vosso corpo é templo do Espírito Santo” (1Cor 6,19, Ave-Maria, que diz “templo”; a ARA diz “santuário”; ver 6.2) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]; no cânon, o corpo, o lugar e o ritmo são “tijolos do templo” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV), e “só templo” fica como está: o corpo não encobre a luz (decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo X). “Noite” é, em Juan de la Cruz, purificação a caminho de Deus; no cânon é “o mal que ninguém causou”.

“Pecado” não tem letra no cânon, que tem a luz encoberta, a noite, o lobo e o abuso; “pecado original” e “ninguém começa do zero” são homônimo perigoso: culpa herdada × rio herdado, e a luz é de cada um (4.4). “Caridade” é o *agapē* que vai de Deus ao próximo e volta a Deus; a dívida do rio é outra triangulação (4.5). “Consciência” é, em Newman, voz de Deus; a Bússola “apenas veta”, e o veto é a própria Luz, sem voz externa (decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X; 3.9). “Regra” é a de Bento e a Regra de Vida. “Esperança” é

virtude teologal, e o cânon a recusa como nome da Vigília. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

Quando um capítulo diz que o cristianismo não trata de algo, a afirmação vale só para os textos que o estudo leu. Quando diz que a letra do cânon não traz uma palavra, vale com a extensão que o estudo conferiu, por contagem repetida sobre o Cânon v1.2, os Tratados, a Disputatio, o Catecismo e as Meditações Práticas: “Cristo”, “Jesus”, “Evangelho”, “Igreja”, “culto”, “pecado”, “salvação”, “caridade”, “perdão”, “ressurreição”, “criatura”, “morte” e “morrer” não ocorrem nessa letra; “Deus” ocorre sete vezes, sempre na voz de quem crê, em Agostinho ou em título de Weil; “fé” ocorre quatro vezes: no Tratado da Vigília, em “a fé que professa”, e três vezes no Catecismo, 28, sempre na voz de quem crê; “alma” só em “manter a alma flexível”.

O estudo segue a regra da série: comparar não é competir. O cristianismo é exposto primeiro em sua melhor forma, pela Escritura e pelos seus leitores, na ordem do pensamento (capítulo 2), e o que ele deixa — a fé exigida, a teodiceia, a predestinação, a instituição e a sua história, a mulher, a escravidão — é dito com clareza no mesmo capítulo, sem desculpa de época e sem anacronismo acusatório, com a tradição que corrige ao lado; a biografia da instituição não é a doutrina. Só depois se procura onde o cânon já anda ao seu lado (capítulo 3), e onde se separa dele (capítulo 4). O capítulo 4 numera as perguntas, de (by) a (ch), e o capítulo 7 as reúne; as letras seguem às do Estudo II, que vão de (bo) a (bx), e as do Estudo IV, escrito em paralelo, vão de (ci) a (cr).

O capítulo 5 pergunta o que cada casa que a série já visitou disse do cristianismo ou dele recebeu: Hegel, que o suprime na filosofia; Levinas, que lhe toma a quenose e a substituição; Ricoeur, que pensa sem absoluto entre Jerusalém e Atenas; Platão, pelos livros dos platônicos que Agostinho leu; Aristóteles, por Tomás; Agostinho, pelo Estudo XII, medido e não refeito; Arendt, que vê em Jesus o descobridor do perdão e em Paulo a vontade dividida; a Stoa, com Paulo e Sêneca e a *misericordia* defendida; o budismo, pela porta que o Estudo I abriu; e as três casas que o capítulo só aponta: o Vedanta, em paralelo, o existencialismo e o taoísmo. Dele sai um padrão (5.11).

O capítulo 6 mede a Ficha de outubro frase a frase, dá o texto das seis decisões que lhe mandaram matéria e das duas que fecharam portas, relê as seções em que os Estudos VII a XIII e I e II falaram do cristianismo e propõe ao fundador uma Ficha reescrita, com sete toques e oito fronteiras, a graça entre os toques por letra da decisão e, entre as fronteiras, só “quem dá” (6.4). O capítulo 7 reúne a síntese, a fórmula, as questões abertas numa só lista, o que o cristianismo oferece ao Examinar, à Regra de Vida, ao tratado da justiça e às Fichas, e a lamparina. Seguem as fontes do Prólogo e as de cada capítulo, a bibliografia, as conferências pendentes e o painel de verificação.

As decisões do fundador de 17 de outubro de 2026 (numeradas como no Prólogo do Estudo VII, n.º 1 a 7), de 19 de outubro (como no Prólogo do Estudo VIII, n.º 1 a 12), de 23

de outubro sobre o Estudo IX (n.º 1 a 13) e sobre o Estudo X (n.º 1 a 10), de 31 de outubro sobre o Estudo XI (n.º 1 a 11), sobre o Estudo XII (n.º 1 a 11) e sobre o Estudo XIII (n.º 1 a 12), e de 3 de novembro sobre o Estudo I (n.º 1 a 12) e sobre o Estudo II (n.º 1 a 12) valem como palavra dele e não são reabertas; as listas de dias com mais de um estudo vão sempre com o nome do estudo. Oito delas tocam esta Ficha, e já se disse quais. Uma correção pedida pelo fundador em 19/10/2026, registrada no histórico do projeto e não entre as doze decisões numeradas daquele dia — a definição de pessoa de Boécio, no Tratado da Luz Interior —, é citada como correção, não como decisão.

Uma referência da série fica registrada como está: a n.º 5 de 23/10/2026, Estudo IX, remete à n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII, para a frase da consciência mais funda e do nome que a fé dá; a frase é do Cânon e do Catecismo, 26, e o estudo cita as duas coisas separadamente, sem corrigir a remissão.

Quando o estudo relaciona ao cristianismo as demais — a luz dada antes de qualquer relação, a mão que retoma e o lobo “com ou sem intenção” (n.º 3, 4 e 5 de 17/10/2026, Estudo VII), a dívida e não a eleição (n.º 1 de 19/10/2026, Estudo VIII), o perdão da vítima ao lobo deixado ao tratado e a Lux “antes de qualquer história” (n.º 3 e 4 de 23/10/2026, Estudo IX), o veto sem voz externa e “só templo” (n.º 7 e 6 de 23/10/2026, Estudo X), a fronteira da *massa damnata* (“massa condenada”), “com frase própria” (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII), a ordem do todo que “o cânon não adota nem recusa […] como teodiceia sua” (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII), a promessa do Abrigo dita a outro (n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII), a providência como fronteira da série, “o cânon não diz que a noite é prova” (n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II) —, pergunta se a leitura vale, e marca.

1.2 O que a Ficha dizia e o que a série já disse

A Ficha de outubro está em 6.1, frase a frase, com o veredito de cada uma: das sete, nenhuma é letra inteira; as cinco primeiras têm letra em parte; “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial” e “sobre o depois do rio, silêncio respeitoso” são da Ficha, e o estudo as reescreve. O que a série já disse do cristianismo está em 6.3 — o Estudo VII, 4.3; o VIII, 4.3; o IX, 4.3; o X, 4.2; o XI, 5.2; o XII, 5.1 e inteiro; o XIII, 5.4; o II, 5.5 e 5.7; o I, 5.8 — e o capítulo 5 o retoma casa a casa. A Ficha reescrita está em 6.4, como proposta.

1.3 Decisões do fundador (versão 1.1, 4 de novembro de 2026)

O fundador leu a versão 1.0 e respondeu ao que o estudo lhe perguntava. As decisões valem como palavra dele e são numeradas à parte das de 17 de outubro (Estudo VII), das de 19 de outubro (Estudo VIII), das de 23 de outubro sobre os Estudos IX e X, das de 31 de outubro sobre os Estudos XI, XII e XIII, das de 3 de novembro sobre os Estudos I e II, e das de 4 de novembro sobre o Estudo IV, tomadas no mesmo dia; as listas de 4 de novembro vão sempre com o nome do estudo: as desta lista são citadas como “decisão n.º

N de 4 de novembro sobre o Estudo III”. Não alteram o texto do Cânon v1.2: fixam como o cânon deve ser lido nos pontos em que o estudo perguntou, e substituem a Ficha de outubro pela Ficha reescrita. No corpo, cada questão decidida leva a marca “[Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º N): …]”.

1. **A fórmula** está adotada: o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo. A anterioridade entra como estrutura — a dignidade antes do mérito, que o cânon diz “anterior a qualquer conquista ou circunstância” e que a *imago Dei* ensinou —, não como palavra da letra cristã; o juízo recusado é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de um veredito — não a justiça devida ao lobo, que fica para o tratado. O juízo, em si, fica com quem crê nele; a fórmula não julga o cristianismo e não toca na ordem do todo (decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII).
2. **A *imago Dei* lê-se ao lado da dignidade intrínseca** (questão (bz)): a Ficha reescrita mantém o toque e diz a fronteira na mesma linha — imagem de um Criador nomeado × luz de alguém sem origem dita —, com a herança dita e a identidade não afirmada.
3. **A lâmpada sob o alqueire e “a luz que há em ti” leem-se ao lado de “a luz não se acende — ela se revela”** (questão (ca)): como leitura, com a fronteira dita — a luz joanina é Cristo, a de Mateus são os discípulos. **O homônimo histórico da “luz interior” dos quacres pede nota ao Tratado da Luz Interior**, com redação a aprovar pelo fundador.
4. **“Setenta vezes sete” e o Jesus do perdão de Arendt leem-se ao lado da Regra da Misericórdia** (questão (cb)): como leitura, com a fronteira da direção — reflexiva, com a mão do rio × de Deus e ao próximo —, sem pôr “perdão” na boca do cânon.
5. **Vigiar e velar** (questão (cc)): a Ficha reescrita registra o homônimo com as duas faces — velar com alguém na noite (“vigiai comigo”, Getsêmani) × esperar o que vem (as virgens) —, e a Vigília do cânon não espera fim; “só o Deus que sofre pode ajudar” (Bonhoeffer) fica como o toque mais fundo, dito com a fronteira: lá, Deus na noite; aqui, a luz de uma pessoa.
6. **O exame de Inácio e a Regra de Bento leem-se ao lado do Examinar e da Regra de Vida** (questão (cd)): como leitura, com a fronteira da gratidão (a Deus × a alguém do rio) e a do juiz (diante de Deus × “não é o exame de um juiz severo”); a Ficha reescrita troca “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial” por “sem culto, sem igreja, sem sacramento — e com regra”.
7. **A consciência como voz de Deus e a Bússola** (questão (ce)): a fronteira registra-se na Ficha reescrita — a Bússola “apenas veta”, e o veto é a própria Luz, sem voz externa (decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X).

8. **O pecado e a luz encoberta** (questão (cf)): a Ficha reescrita declara o homônimo do pecado original com “ninguém começa do zero” — culpa herdada × rio herdado; a luz, de cada um — e diz que o cânon, em lugar de “pecado”, tem a luz encoberta, a noite e o lobo, com o Paulo da vontade dividida de Arendt ao lado, como matéria decidida.
9. **A fé exigida, o *extra Ecclesiam*, a predestinação e o inferno** (questão (cg)): basta a frase da série — “nenhuma pessoa está fora da Lux”, com frase própria diante da *massa damnata* (decisão n.º 6 de 31 de outubro sobre o Estudo XII); o estudo registra que a fé exigida e o *extra Ecclesiam* falam de salvação, de que o cânon não diz nada. A Ficha III não recebe frase própria.
10. **A Ficha reescrita está aprovada** (questão (ch)): como proposta em 6.4, com as seis decisões já incorporadas (quenose e substituição com o limite da Bússola; Ricoeur; *A cidade de Deus*, XIV, 3; misericórdia e graça em duas linhas, a graça entre os toques; Jesus e Paulo como Arendt os lê), sem o esvaziamento do Filho, com “quem dá” entre as fronteiras como proposta do estudo, e com os acréscimos das n.º 7, 8 e 11 — sete toques e onze fronteiras; substitui a Ficha de outubro na Biblioteca do site.
11. **O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao cristianismo** (questão (k)): a escravidão (Ef 6,5 × Gl 3,28) e a mulher (1Tm 2,12 × Gl 3,28; Tomás) registram-se na Ficha reescrita como fronteira, com a tradição que as disputou (Gregório de Nissa, Las Casas); (k) segue aberta até o estudo de Marx para o mal estrutural.
12. **Registros adotados**: “amai os vossos inimigos”, “Pai, perdoa-lhes”, o servo sem misericórdia, a adúltera, o perdão de Arendt e o perdão difícil de Ricoeur entram como matéria do tratado da justiça ((g) segue aberta até o tratado); o silêncio do cânon sobre Moriá fica registrado ((j)); a graça é toque do cristianismo (decisão n.º 10 de 31 de outubro sobre o Estudo XII) e fica entre os toques. **Publicação** como o Estudo II: integral, resumo trilíngue e nota de decisões; a Ficha reescrita vai à Biblioteca do site nas três línguas.

2 O CRISTIANISMO EM SUA MELHOR FORMA

Fala aqui o cristianismo, na letra da Escritura e dos autores que a leem; a tradição entra com intérprete nomeado, para situar; o cânon só é apontado em 1.13. O capítulo expõe e não compara: aproximar é do capítulo 3, separar é do 3. A Escritura vem na tradução Almeida Revista e Atualizada (ARA, protestante); a Ave-Maria (católica) entra só onde a divergência é o ponto, dita no texto. A pesquisa de fontes do estudo abriu as duas, a Ave-Maria em cópia digital, cuja edição impressa não foi aberta; a Bíblia de Jerusalém e a Tradução Ecumênica da Bíblia não foram abertas. Cada citação diz de que tradução vem, porque a numeração e a letra variam. Chama-se aqui *homônimo* a palavra que o cânon e o cristianismo escrevem igual e entendem de modo diferente, e *matéria do interlocutor* ao que a Ficha de outubro recebe do cristianismo ou de quem o lê, sem que o cânon o faça seu; o capítulo avisa quando um homônimo aparece.

Quando o cristianismo nomeia a sua luz (Deus, Cristo, o Espírito, o Verbo, a graça), a palavra é dele, dita como material; o estudo não a faz nome da Luz. O capítulo herda as decisões do fundador de 17/10/2026 a 03/11/2026, que valem como palavra dele e não se reabrem; as que tocam o cristianismo vêm dadas, com o nome do estudo, na primeira vez em que aparecem.

2.1 O percurso em vinte linhas

O cristianismo dura dois mil anos, em três grandes famílias e em muitas línguas; as datas, aproximadas e discutidas onde se diz, vêm antes das vozes.

Jesus de Nazaré nasce por volta de 4 a.C., antes da morte de Herodes, e morre sob Pilatos em 30 ou 33 d.C.; a divergência é dos historiadores. Paulo de Tarso vive de c. 5 a c. 64/65, e há quem dê 64/67. Os Evangelhos são escritos depois dele: Marcos em c. 65–75, Mateus e Lucas em c. 80–90, João em c. 90–100. Vem então o tempo dos Padres: Irineu de Lyon (c. 130–c. 202) e Tertuliano (c. 155–c. 220); Orígenes (c. 185–c. 253); o Concílio de Niceia (maio a julho de 325); Gregório de Nissa (c. 335–394); Agostinho de Hipona (354–430), que foi o Estudo XII inteiro; o Concílio de Calcedônia (8 de outubro a 1.º de novembro de 451).

Bento de Núrsia (c. 480–c. 547) escreve a *Regra* entre c. 530 e 540. Em 1054 dá-se o cisma entre o Oriente e o Ocidente. Tomás de Aquino vive de 1225 a 1274; Mestre Eckhart, de c. 1260 a 1328. Lutero (1483–1546) abre a Reforma; Inácio de Loyola (1491–1556) escreve os *Exercícios espirituais*; o Concílio de Trento reúne-se de 1545 a 1563. Teresa de Ávila (1515–1582) e Juan de la Cruz (1542–1591) dizem a mística; Pascal vive de 1623 a 1662 e Kierkegaard, de 1813 a 1855. O Concílio Vaticano II vai de 1962 a 1965, aberto em 11 de outubro de 1962 e encerrado em 8 de dezembro de 1965. Passa-se às três famílias que o carregam.

2.2 As três famílias, sem escolher

O cristianismo não fala por uma voz só, e o capítulo diz de que lado fala cada citação.

A família católica tem Roma por centro de unidade; o seu concílio mais recente é o Vaticano II, e Trento fixou, diante de Lutero, o que ela diz da justificação [paráfrase; localização a confirmar]. A ortodoxa vem do Oriente separado em 1054, guarda os Padres gregos (Atanásio, os Capadócios, Gregório de Nissa) como a sua língua de pensar e diz a salvação como divinização [paráfrase; localização a confirmar]. A protestante nasce da Reforma, de Lutero e de Calvino, põe a Escritura e a graça (*sola gratia*, "somente pela graça") no centro e se reparte depois em muitas igrejas; é a casa de Kierkegaard e de Bonhoeffer [paráfrase; localização a confirmar].

As três partilham a Escritura, Jesus como o Cristo e o credo de Niceia e de Calcedônia, que diz o Filho de Deus feito homem [paráfrase; localização a confirmar]. Divergem em quem interpreta, no número e no sentido dos sacramentos e no que a graça faz com o pecador. O estudo não escolhe uma: cita cada voz pela sua letra, diz de que família ela fala e deixa a divergência onde está: a de Lutero e de Trento sobre a justificação aparece em 2.5; a de Agostinho e de Calvino sobre a eleição, em 2.12 e em 3.11. O ponto em que as três coincidem primeiro é o que João conta do Verbo.

2.3 O Deus que se faz carne

O centro da fé cristã é uma afirmação sobre o corpo: o Deus que o cristianismo nomeia faz-se homem, e a luz de que os Evangelhos falam é uma pessoa.

João abre o seu Evangelho dizendo quem é a luz: "A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela" (Jo 1,4-5, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O verbo grego (*katelaben*) guarda dois sentidos, "compreender" e "vencer"; a Ave-Maria traz "as trevas não a compreenderam" (Jo 1,5, Ave-Maria) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]. João Batista "não era a luz"; a luz é "a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem" (Jo 1,8-9) [V-gr; V-pt: ARA]. A frase tem uma divergência de gramática: o particípio "vinda ao mundo" liga-se à luz na ARA, ao homem na Vulgata (*omnem hominem venientem*, "todo homem que vem") [V-la] e ao Verbo na Ave-Maria. Raymond E. Brown defende a ligação à luz (*The Gospel According to John (I–XII)*, Anchor Bible 29, 1966) [tese a confirmar; página a confirmar]; o estudo registra a divergência e não a resolve.

O Prólogo diz o que esse Verbo faz: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (Jo 1,14) [V-gr; V-pt: ARA].

Nos Evangelhos a palavra luz diz três coisas, e o capítulo as mantém separadas [leitura do estudo]. A primeira é Cristo, dito por ele mesmo: "Eu sou a luz do mundo; quem

me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (Jo 8,12) [V-gr; V-pt: ARA]; a primeira carta de João resume o que há por trás: “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” (1Jo 1,5) [V-gr; V-pt: ARA]. A segunda são os discípulos: “Vós sois a luz do mundo. […] nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa” (Mt 5,14-15) [V-gr; V-pt: ARA]. A terceira é a luz que há em cada pessoa e pode ser treva: “Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas” (Lc 11,35) [V-gr; V-pt: ARA].

Fora dos Evangelhos, os quacres Fox e Barclay chamaram “luz interior” ao Cristo presente em cada um: “Há um, o próprio Cristo Jesus, que pode falar à tua condição” (Fox, *Journal*, 1647) [V-en; tradução do estudo; página a confirmar]; e leram Jo 1,9 como a luz que “ilumina TODO homem que vem ao mundo” (Barclay, *Apology*, Proposições V–VI) [V-en; tradução do estudo; página a confirmar]. É um homônimo histórico de “luz interior”.

O cântico de Filipenses diz o modo como o Verbo se fez carne: Cristo Jesus, “subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens”, e “a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz” (Fl 2,6-8, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O verbo é *ekenōsen*, “esvaziou-se”, com sujeito reflexivo: o que se esvazia é ele mesmo; a Ave-Maria traduz “aniquilou-se a si mesmo” (Fl 2,7, Ave-Maria) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]. É a *kenōsis* (em português, quenose), o “esvaziamento”. Por decisão do fundador (n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII), a quenose entra no estudo como matéria do interlocutor; aqui ela é exposta como o cristianismo a diz, e volta em 1.7. O estudo não faz do esvaziamento do Filho uma leitura do cânon (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X).

Os Padres tiraram daí a consequência para o homem e para o corpo. Atanásio escreve: “Pois ele se fez homem para que nós fôssemos feitos Deus” (Atanásio, *Sobre a encarnação*, 54, 3) [V-en: Robertson; tradução do estudo; grego não conferido]; é a *theōsis*, a divinização, que a Ortodoxia guarda no centro. Tertuliano, contra os que negavam a carne, escreve que “a carne é, de fato, o gonzo da salvação” (Tertuliano, *Sobre a ressurreição da carne*, 8) [V-la; tradução do estudo], em latim *caro salutis est cardo*. Niceia (325) e Calcedônia (451) fixaram em fórmulas o que isso quer dizer: o Filho é Deus e é homem [paráfrase; localização a confirmar]. A Encarnação põe a pergunta sobre o que é o homem, e a primeira resposta cristã está no começo da Bíblia.

2.4 A imagem de Deus

A dignidade humana tem no cristianismo uma letra e uma escola: a *imago Dei*, “imagem de Deus”, dita no primeiro capítulo da Bíblia.

“Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1,27, ARA) [V-he; V-pt: ARA]. O hebraico diz *tselem*, “imagem”, e

demut, “semelhança”; a Septuaginta, *eikōn* e *homoiōsis*; a Vulgata, *imago* e *similitudo*. O texto diz a imagem do ser humano inteiro, sem condição de mérito; que ela seja o domínio, a razão ou a relação com Deus é leitura posterior, e não está na frase. Em Gn 9,6 ela funda a proibição de derramar sangue: “porque Deus fez o homem segundo a sua imagem” (Gn 9,6) [V-he; V-pt: ARA]. O Salmo 8 pergunta pela pequenez e responde com uma coroa dada: “que é o homem, que dele te lembres? […] Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste” (Sl 8,4-5, ARA; Sl 8,5-6 no hebraico) [V-he; V-pt: ARA]. A Septuaginta e a Vulgata dizem “anjos” onde o hebraico diz *’elohim*. Do Novo Testamento vem a segunda face: Cristo “é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” (Cl 1,15) [V-gr; V-pt: ARA].

Os Padres e a Escolástica fizeram da imagem uma doutrina. Irineu: “A glória de Deus, com efeito, é o homem vivo” (Irineu, *Contra as heresias*, IV, 20, 7) [V-la via secundária: Harvey; tradução do estudo], em latim *Gloria enim Dei vivens homo*; e “o homem, e não [apenas] uma parte do homem, foi feito à semelhança de Deus” (Irineu, *Contra as heresias*, V, 6, 1) [V-en: Roberts–Rambaut; tradução do estudo]. Gregório de Nissa: “toda a nossa natureza, do primeiro ao último, é uma só imagem daquele que é” (Gregório de Nissa, *Sobre a criação do homem*, 16) [V-en: Wilson; tradução do estudo; localização a confirmar]. Agostinho põe a imagem na mente, que “é imagem dele: porque é capaz dele e pode ser participante dele” (Agostinho, *A Trindade*, XIV, 8, 11) [V-la; tradução do estudo], e diz que ela permanece, envelhecida e deformada, mesmo perdida a participação; o Estudo XII já a mediu.

Tomás a divide em três: “A primeira imagem se encontra em todos os homens; a segunda, só nos justos; a terceira, somente nos bem-aventurados” (Tomás, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4) [V-la; tradução do estudo], a de criação, a de recriação e a de semelhança. Uma tradição mística diz a imagem como centelha da alma (Eckhart); a letra não foi obtida, e o estudo a nomeia sem citá-la [tese a confirmar]. O Vaticano II diz a mesma dignidade em outra chave: o homem “não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo” (Vaticano II, *Gaudium et spes*, 24) [V-pt: Vaticano]. Em todas essas vozes a imagem é imagem de Alguém, e a dignidade vem de ser dele; o que a ferida faz com ela é a doutrina do pecado e da graça.

2.5 O pecado e a graça

O cristianismo diz que a imagem está ferida e que a cura vem de fora, como dom; por decisão do fundador (n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII), a linha “Misericórdia e graça” da Ficha separou-se em duas, e o capítulo fala aqui só da graça, sempre como voz do cristianismo.

Paulo escreve que “todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” (Rm 3,23-24,

ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; em grego, *charis* (“graça”) e *dōrean* (“gratuitamente”). Acrescenta que, “onde abundou o pecado, superabundou a graça” (Rm 5,20) [V-gr; V-pt: ARA]. “Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2,8-9) [V-gr; V-pt: ARA]. A humanidade fica sob dois nomes: “assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo” (1Cor 15,22) [V-gr; V-pt: ARA]. O que quer dizer “porque todos pecaram” em Rm 5,12 depende de como se traduz *eph’ hō*: “porque”, na ARA; “nele” (*in quo*), na Vulgata, base da leitura agostiniana do pecado herdado [tese a confirmar: Dunn, Fitzmyer].

A vontade dividida é o diagnóstico de Paulo: “não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço” (Rm 7,19) [V-gr; V-pt: ARA]; “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 7,24-25) [V-gr; V-pt: ARA]. Quem é o “eu” (o cristão, o não cristão, Adão, Israel) é debate dos exegetas [tese a confirmar: Dunn, Fitzmyer]. Por decisão do fundador (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII), o Paulo da vontade dividida, como Arendt o lê, entra como matéria do interlocutor: ela faz dele o teórico de um dois-em-um em que “os dois não são amigos ou companheiros; estão em constante luta entre si” (Arendt, *A vida do espírito*, II) [V-es via Estudo XIII, 5.4; tradução do estudo]. É leitura dela, feita para o argumento dela [leitura do estudo]. Kierkegaard diz o pecado como relação: “Pecado é: diante de Deus, em desespero não querer ser si mesmo, ou diante de Deus, em desespero querer ser si mesmo” (Kierkegaard, *O desespero humano*, parte II, trad. Lowrie, p. 129) [V-en: Lowrie; tradução do estudo].

A cura é um dom. Agostinho reza: *da quod iubes et iube quod vis*, “concede o que ordenas, e ordena o que queres” (Agostinho, *Confissões*, X, 29, 40) [V-la; V-pt: Mammì, via Estudo XII, 5.1; página a confirmar]; o Estudo XII já o mediu. Tomás responde que “a natureza humana não foi totalmente corrompida pelo pecado” (Tomás, *Suma Teológica*, I-II, q. 109, a. 2) [V-la; tradução do estudo].

A Reforma e Trento dividem-se sobre o que a graça faz com o pecador. Lutero: “Assim um homem cristão é ao mesmo tempo justo e pecador, santo e profano, inimigo de Deus e filho de Deus” (Lutero, *Comentário a Gálatas*, 1535, sobre Gl 3,6) [V via secundária: Winger; tradução do estudo], o *simul iustus et peccator*. Trento: a justificação “não é apenas remissão dos pecados, mas também santificação e renovação do homem interior” (Trento, sessão VI, cap. VII) [V-en: Waterworth; tradução do estudo; latim não conferido]. Os dois lados dizem gratuidade: para Trento, nada do que precede a justificação, “seja a fé, sejam as obras”, “merece a própria graça” (Trento, sessão VI, cap. VIII) [V-en: Waterworth; tradução do estudo]. Discordam sobre a imputação e a cooperação, e o estudo não escolhe. O perdão é a graça que passa de pessoa a pessoa.

2.6 O perdão

Nos Evangelhos o perdão corre nas duas direções, de Deus ao homem e do homem ao próximo, e a palavra “misericórdia” leva as duas.

Pedro pergunta se basta perdoar sete vezes, e Jesus responde: “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (Mt 18,22, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; a conta fica aberta e presa ao perdão recebido, pois o servo perdoado que não perdoa o companheiro é entregue aos verdugos: “Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão” (Mt 18,35) [V-gr; V-pt: ARA]. O Pai-Nosso pede na mesma forma: “perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6,12) [V-gr; V-pt: ARA], onde o grego diz *opheilēmata*, “dívidas”, e a Ave-Maria traduz “perdoai-nos as nossas ofensas” (Mt 6,12, Ave-Maria) [V-gr; V-pt: Ave-Maria].

Na parábola do filho que volta, o pai o vê de longe: “Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou” (Lc 15,20, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Na da moeda perdida, a mulher “não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente até encontrá-la” (Lc 15,8) [V-gr; V-pt: ARA]. À mulher acusada Jesus diz: “Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais” (Jo 8,11) [V-gr; V-pt: ARA]. O episódio (Jo 7,53–8,11) falta nos manuscritos mais antigos do Evangelho, e “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23,34) [V-gr; V-pt: ARA] também falta em alguns; o aparato do Nestle-Aland não foi aberto.

“Misericórdia” é a mesma palavra para as duas direções. “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” (Mt 5,7) [V-gr; V-pt: ARA]. Agostinho a define contra a Stoa: “O que é a misericórdia senão certa compaixão, em nosso coração, pela miséria alheia, pela qual somos movidos a socorrer, se podemos?” (Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5) [V-la; tradução do estudo]; Tomás a toma dele (*Suma Teológica*, II-II, q. 30, a. 1) [paráfrase; V-la].

A tradição lê o perdão de Jesus de dois modos que o estudo guarda. Arendt, por decisão do fundador (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII): “O descobridor do papel do perdão no domínio dos assuntos humanos foi Jesus de Nazaré”; esse poder “não deriva de Deus […] mas, ao contrário, tem de ser mobilizado pelos homens uns em relação aos outros antes que possam esperar ser perdoados por Deus também” (Arendt, *A condição humana*, §33, pp. 238–239) [V-en via Estudo XIII, 2.6; tradução do estudo]. O Jesus de Arendt é leitura dela [leitura do estudo].

Ricoeur resume a palavra do perdão assim: “tu vales mais que teus atos” (Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, Epílogo, p. 501 da edição portuguesa) [V-pt via Estudo IX, 1.7]. E Dostoiévski põe a pergunta de quem tem o direito de perdoar na boca de Ivan, e a resposta cristã na de Aliócha: “Mas existe um Ser, e Ele pode perdoar tudo, a todos e por tudo, porque deu o Seu sangue inocente por todos e por tudo” (Dostoiévski, *Os*

irmãos Karamázov, V, 4) [V-en: Garnett; tradução do estudo]. O perdão pede o outro; o outro que o cristianismo pede é o próximo.

2.7 O duplo mandamento e o próximo

O amor é o que o cristianismo pede de volta, a Deus e ao próximo, e os dois pedidos são um só.

Jesus responde à pergunta sobre o maior mandamento: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,37-39, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. À pergunta “Quem é o meu próximo?” (Lc 10,29) [V-gr; V-pt: ARA] responde com o samaritano e devolve outra: “Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?” (Lc 10,36) [V-gr; V-pt: ARA]. O próximo é quem se aproxima. E o Rei do juízo diz: “sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25,40) [V-gr; V-pt: ARA]. O amor ao homem passa pelo amor a Deus: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro”, e “aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,19-20) [V-gr; V-pt: ARA]; “Deus é amor” (1Jo 4,8) [V-gr; V-pt: ARA].

A palavra grega é *agapē*, “amor”; a Vulgata traz *caritas*, “caridade”, e a Ave-Maria diz “a maior delas é a caridade” onde a ARA diz “amor” (1Cor 13,13, Ave-Maria; a ARA, em 2.10) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]. Tomás: “a caridade é uma certa amizade do homem com Deus” (Tomás, *Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1) [V-la; tradução do estudo]. Agostinho: *Dilige, et quod vis fac*, “Ama, e faze o que queres” (Agostinho, *Comentário à Primeira Carta de João*, 7, 8) [V-la; tradução do estudo]. Kierkegaard fez do amor um dever: “Tu deves amar” (Kierkegaard, *As obras do amor*, trad. Swenson, p. 20) [V-en: Swenson; tradução do estudo]. Por decisão do fundador (n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX), o ágape como “economia do dom de caráter meta-ético” (Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*, Prólogo, p. XXXIX da edição espanhola) [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo] entra como matéria do interlocutor.

O amor alcança o inimigo: “amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5,44, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; “Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai” (Lc 6,36) [V-gr; V-pt: ARA]; para Tomás, é disposição do ânimo, *secundum praeparationem animi*, “segundo a preparação do ânimo” (Tomás, *Suma Teológica*, II-II, q. 25, a. 8) [V-la; tradução do estudo]. A convocação de Jesus tem uma direção: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28) [V-gr; V-pt: ARA] é dita por ele de si, e o sábio de Eclesiástico que diz “Aproximai-vos de mim” (Eclo 51,31, Ave-Maria; 51,23 na Septuaginta) [V-gr: Septuaginta; V-pt: Ave-Maria] convida à Sabedoria.

O amor chega ao ponto de carregar o outro. “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6,2, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O Servo de Isaías “tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si” (Is 53,4) [V-he; V-pt: ARA]. Por decisão do fundador (n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII), a quenose (2.3) e a substituição entram na Ficha; Levinas, que as lê no dogma cristão, diz a substituição como estrutura do sujeito: “Ser eu é sempre ter uma responsabilidade a mais” (Levinas, *Entre nós*, “Um Deus homem?”, pp. 92–93) [V-pt]. O limite fixado na mesma data (n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII) fica para o capítulo 4 (ver 4.5). O amor do cristianismo termina na cruz.

2.8 A cruz e a ressurreição

A cruz e a ressurreição são o centro do que o cristianismo anuncia, e a palavra de Paulo é a mais antiga que se tem.

“[…] que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” (1Cor 15,3-4, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. “Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5,8) [V-gr; V-pt: ARA]. Na cruz Jesus diz duas palavras na tradição sinótica: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27,46) [V-gr; V-pt: ARA], que abre o Salmo 22, e “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!” (Lc 23,46) [V-gr; V-pt: ARA]. Tertuliano escreve: “O Filho de Deus foi crucificado; não me envergonho, porque é preciso que os homens se envergonhem disso” (Tertuliano, *Sobre a carne de Cristo*, 5) [V-en: Holmes; tradução do estudo]; a fórmula corrente *credo quia absurdum*, “creio porque é absurdo”, não foi achada literalmente [atribuição a confirmar]. Bonhoeffer, na prisão: “Deus é impotente e fraco no mundo, e justamente e só assim está conosco e nos ajuda […] só o Deus que sofre pode ajudar” (Bonhoeffer, *Resistência e submissão*, carta de 16/7/1944) [V via secundária: Kamphuis; original alemão não conferido; tradução do estudo].

Sem a ressurreição, a pregação cai: “se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé” (1Cor 15,14, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. E o que ressuscita é um corpo: “Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual” (1Cor 15,44) [V-gr; V-pt: ARA]; “Onde está, ó morte, a tua vitória?” (1Cor 15,55) [V-gr; V-pt: ARA].

A noite também tem letra cristã, e a palavra “noite” é homônimo. Há a do Salmo 88, que termina sem resposta: “os meus conhecidos são trevas” (Sl 88,18, ARA) [V-he; V-pt: ARA]. Há a de Juan de la Cruz, que não é desamparo: “Esta noite escura é um influxo de Deus na alma, que a purifica de suas ignorâncias e imperfeições” (Juan de la Cruz, *Noite escura*, II, 5, 1) [V-en: Peers; tradução do estudo]. E há o verbo “vigiar”, também homônimo: em Getsêmani, “A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo” (Mt 26,38, ARA) [V-gr; V-pt: ARA], o grego *grēgoreite*, “vigiai”, é

pedido de presença junto de quem sofre, e vem unido à oração (Mt 26,41); em Mt 25,13, como se vê em 2.10, é espera do Senhor que vem. O que a cruz e a ressurreição começaram, a Igreja leva adiante.

2.9 A Igreja e os sacramentos

Para o cristianismo, a cruz e a ressurreição continuam na história por um corpo, a Igreja, e por gestos que a Igreja guarda.

A Igreja é o corpo em que Cristo permanece e a casa em que a fé se transmite [paráfrase; localização a confirmar]. Vicente de Lérins pôs o critério da transmissão: “na própria Igreja Católica deve-se ter o máximo cuidado de manter aquela fé que foi crida em toda parte, sempre, por todos” (Vicente de Lérins, *Commonitorium*, 2) [V-en: Heurtley; tradução do estudo; latim não conferido]. Newman o relê pelo desenvolvimento: “aqui embaixo viver é mudar, e ser perfeito é ter mudado muitas vezes” (Newman, *Ensaio sobre o desenvolvimento da doutrina cristã*, cap. 1, p. 40) [V-en: Newman; tradução do estudo].

Os sacramentos são os gestos que a Igreja guarda: o batismo e a ceia vêm do Evangelho; as igrejas católica e ortodoxa contam sete, as da Reforma, em geral dois [paráfrase; localização a confirmar]. A ceia tem letra em Paulo: “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice” (1Cor 11,28, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O corpo tem lugar nessa casa. Paulo pergunta: “Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós” (1Cor 6,19) [V-gr; V-pt: ARA], e a Ave-Maria traduz “templo do Espírito Santo” (1Cor 6,19, Ave-Maria) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]; “apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12,1, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. “Templo” é aqui o templo do Espírito, homônimo do templo do cânon (ver 2.13). Davi “dançava com todas as suas forças diante do Senhor” (2Sm 6,14) [V-he; V-pt: ARA]; a Septuaginta não traz “dançava” nesse versículo, e a Vulgata diz *saltabat*, “saltava”. A Igreja leva ainda os mortos: a esperança que vem depois os inclui.

2.10 A esperança

O cristianismo diz que a história tem um termo e que o termo é uma promessa, não um cálculo.

“Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera?” (Rm 8,24, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. A visão do Apocalipse: “E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá” (Ap 21,4) [V-gr; V-pt: ARA]. E a tríade de Paulo: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor” (1Cor 13,13) [V-gr; V-pt: ARA]. A esperança traz a sua vigília, que é a outra face do verbo de 2.8: “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” (Mt 25,13) [V-gr; V-pt: ARA], *grēgoreite*, espera do Senhor que

vem, distinta da presença junto de quem sofre. *A cidade de Deus* a reparte entre duas cidades, e o Estudo XII já a mediu; por decisão do fundador (n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII), *A cidade de Deus*, XIV, 3 entra como "aliado do Corpus" (o texto está em 3.5), e o capítulo 4 diz até onde.

Sobre a ordem do todo, vale a decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII: o cânon "não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua", isto é, como justificação de Deus diante do mal. O cristianismo a adota, e este capítulo só a expõe. A esperança tem uma conduta de todos os dias, e o cristianismo a ensina por uma regra.

2.11 A regra e o exame

O cristianismo ensina a viver por uma regra e a examinar-se à luz dela.

Bento abre a sua *Regra* com um imperativo de escuta: *Obsculta, o fili, praecepta magistri*, "Escuta, ó filho, os preceitos do mestre" (Bento, *Regra*, Prólogo) [V-la; tradução do estudo]; e põe o trabalho na medida do dia: *Otiositas inimica est animae*, "O ócio é inimigo da alma" (Bento, *Regra*, 48) [V-la; tradução do estudo]. A Regra pertence ao cristianismo; "regra", no cânon, é outro uso, e o capítulo 3 os distingue.

O exame tem letra no Salmo: "Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos" (Sl 139,23, ARA) [V-he; V-pt: ARA], e na ceia (1Cor 11,28, em 2.9). Inácio de Loyola fez dele método, o exame geral de cinco pontos, que começa por dar graças (Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43; o texto está em 3.7) [paráfrase; V-es via secundária: Reig Pla]. "Consciência" é aqui a do cristianismo, homônimo da Bússola. A oração tem o seu lugar secreto: "entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto" (Mt 6,6, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O mestre interior é herança nomeada, por decisão do fundador (n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII), e não passa a estrutura. Falta dizer o que o cristianismo deixa claro e o estudo terá de medir.

2.12 O que o cristianismo deixa dito com clareza

O cristianismo é claro em quatro pontos: um Deus pessoal que se dá, a dignidade de cada pessoa, o perdão e o próximo, a esperança. Diz também, com a mesma clareza, o que o capítulo 4 terá de medir.

Diz que a salvação passa por uma comunidade: *extra Ecclesiam nulla salus*, "fora da Igreja não há salvação", fórmula tradicional, sem fonte conferida neste estudo; e diz que há castigo: "E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna" (Mt 25,46, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Para a fronteira de Agostinho (*massa damnata*, "massa condenada"), o Estudo XII já fixou uma frase (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII); o estudo mede, em 4.11, se ela basta para o *extra Ecclesiam*, a predestinação e o inferno. Sobre a escravidão e as mulheres, o texto tem duas vozes: "Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor" (Ef 6,5, ARA) [V-gr; V-pt: ARA] e

“Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3,28) [V-gr; V-pt: ARA]. O estudo mede, em 4.12, se o padrão de fronteiras fixado para os clássicos (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI) vale também aqui. A seção seguinte diz o que se leva desse retrato.

2.13 O que um leitor do Lumen Fluens leva daqui

O leitor do Lumen Fluens leva daqui o cristianismo como ele se diz: um Deus que se faz carne, uma imagem ferida e curada, um perdão que passa de um a outro, um amor que chega ao próximo, uma cruz, uma Igreja, uma esperança, uma regra. O cânon não é cristão, nem teísta, nem ateu; o cristianismo não é precursor dele, nem ele é versão do cristianismo. O leitor guarda também os homônimos: luz, misericórdia, graça, vigiar, templo, noite, pecado, regra, consciência. A Antífona fica fora deste estudo. O capítulo 3 diz onde o cânon e o cristianismo se tocam; o capítulo 4, onde se separam.

3 ONDE NOS TOCAMOS

Toque é o que o cristianismo e o cânon dizem em estrutura parecida; fronteira é o ponto em que a estrutura muda de dono, e o capítulo 4 a mede. Toque não é identidade. A Escritura vem pela Almeida Revista e Atualizada (ARA), os autores pelas edições das Fontes e o cânon pelo nome do elemento. O cânon deixa a Luz sem nome, e o capítulo também: na voz de quem crê, o cânon diz que “para o cristão, é o próprio Deus” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; ver 4.1), e o estudo para aí. A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

As decisões do fundador que mandaram matéria à Ficha entram nas seções em que servem, com o texto em 6.2; o esvaziamento do Filho não entra (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X). A Ficha de outubro tinha quatro toques; o estudo encontra nove lugares de contato, e cada seção marca as palavras que mudam de dono.

3.1 A imagem de Deus, a lâmpada e a luz encoberta

A Ficha chamava a *imago Dei* “a grande escola” da dignidade anterior ao mérito; a seção confere a imagem, separa as luzes do Evangelho e mede a palavra “encoberta”.

O Gênesis atribui a imagem ao ser humano inteiro, sem condição de mérito: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1,27, ARA) [V-he; V-pt: ARA], com *tselem* (“imagem”) no hebraico. Tomás distingue três imagens, e a primeira está “em todos os homens” (*Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4; ver 2.4) [V-la; tradução do estudo]. Agostinho diz que, perdida a participação, a imagem permanece “envelhecida e deformada” (*obsoletam atque deformem*) (*A Trindade*, XIV, 8, 11) [V-la; tradução do estudo]. Gregório de Nissa a volta contra o preço: “Por quantos óbolos avaliaste a imagem de Deus?” (*Homilia 4 sobre o Eclesiastes*) [V-en: Maguire; tradução do estudo].

O cânon responde com outras palavras: “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”); “uma antropologia em que a dignidade precede o mérito” (Tratado da Luz Interior, “Síntese”). A Ficha dizia *imago Dei*; a letra não tem a expressão, nem “criatura” nem “criação”, e “dignidade” é palavra do Tratado e da Disputatio, não do Cânon. “Dada” está nas decisões, sem dizer por quem: “A luz é dada antes de qualquer relação” (decisão n.º 3 de 17/10/2026). O Estudo XII (3.2) já mediu essa anterioridade em Agostinho, e não se refaz aqui.

Da imagem deformada passa-se à lâmpada, que também se cobre e se descobre. Jesus diz aos discípulos: “Vós sois a luz do mundo. […] nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador” (Mt 5,14-15) [V-gr; V-pt: ARA]. Lucas acrescenta um imperativo: “Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas” (Lc

11,35) [V-gr; V-pt: ARA], com *skopei* (“olha, toma cuidado”). Os homônimos têm marca: a luz joanina é Cristo, e os quacres chamam “luz interior” ao próprio Cristo (ver 2.3); a de Mt 5,14 são os discípulos; a *lumen* de Tomás é o lume do intelecto, não a Lux de cada um (Estudo XII, 5.1).

O cânon diz da lâmpada: “A luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio”), e o exame pergunta “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática”). A luz pode estar “plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias” (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”).

Três coisas se tocam na imagem: a ordem, o valor ou a imagem antes de qualquer conquista; a extensão, “em todos os homens” e “cada pessoa”; e o que se perde pelo caminho, que não ocupa o lugar do que se tem, pois a imagem permanece deformada e a luz fica encoberta [leitura do estudo]. Na lâmpada o toque é de estrutura: nos dois lados a luz não se esconde, e o escondimento é de quem a porta, não de quem a dá; Lucas manda olhar para a luz que há em ti, e o Examinar é esse olhar, em duas perguntas [leitura do estudo].

Duas distâncias. Lucas admite que a luz em ti seja treva, e o cânon nunca diz que a luz vire treva, diz encoberta. E a imagem de Gênesis e a luz de Mateus têm origem nomeada (o Criador, o Pai), enquanto a Lux fica sem origem dita: a *imago Dei* é a escola histórica da dignidade, e herança não é identidade, pois o cânon não diz de quem é a imagem, nem se é imagem, e deixa a origem “em aberto, respeitando a independência confessional” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). A fronteira está em 4.1 e 3.2. Se a luz encoberta é a que volta a ser vista, resta ver quem a retoma quando a pessoa falha (3.2).

3.2 “Setenta vezes sete” e a mão que retoma

A Ficha dizia numa só linha “misericórdia e graça: falhar não apaga a luz”; por decisão do fundador (n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII) a linha se separa em duas: a Misericórdia é letra do cânon, a graça é toque do cristianismo (ver 4.3). A seção ouve a primeira.

Pedro pergunta se perdoará “até sete vezes?”, e Jesus responde: “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (Mt 18,21-22, ARA) [V-gr; V-pt: ARA], com *hebdomēkontakis hepta*, que se lê “70 × 7” ou “77”. Arendt lê em Jesus o descobridor do perdão como faculdade dos homens uns com os outros (*A condição humana*, §33; ver 2.6), e esse Jesus, leitura dela, entra como matéria do interlocutor (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII).

O cânon responde com a Regra da Misericórdia: “Falhar na regra não apaga a luz. Recomeça-se no dia seguinte, sem drama. O rio não pune a folha que parou numa margem;

ele a retoma” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”). Pela decisão n.º 4 de 17/10/2026, “a mão que retoma […] é o rio — o Flumen —, não o Abrigo. A retomada é pertencimento, e não depende de outra pessoa”. A Disputatio fixa o endereço: “reflexivo — falar a quem falhou consigo mesmo” (Disputatio, 3, “Respondeo”). “Perdão” não tem letra nos escritos; a Regra retoma, não perdoa.

A aproximação tem duas partes. A primeira é a ausência de limite: o Evangelho não conta o perdão, e a Regra não conta os recomeços [leitura do estudo]. A segunda é a de Arendt, que o Estudo XIII já formulou: a Regra desfaz o nó da falha consigo, e o perdão desfaz o nó do ato entre outros, duas coisas que o mesmo vocábulo não deve juntar; o contato está no recomeço [hipótese do estudo; Estudo XIII, 4.6 e 3.8]. As duas frases não se contradizem: o recomeço pelo rio não depende de outra pessoa, e o perdão de Arendt depende. A direção, a de Deus e a do próximo ali, reflexiva aqui, é fronteira de 4.3; o perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça (n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX; ver 4.6). O perdão que se recebe de outro pede um outro à porta, e é o outro à porta que o Abrigo e o samaritano põem (3.3).

3.3 O samaritano e o Abrigo

A Ficha emparelhava o Abrigo com a caridade e com “vinde a mim os cansados”; a seção ouve primeiro o samaritano, onde a direção do Abrigo se mostra, e confere o que a letra tem de “caridade”.

O doutor da Lei pergunta quem é o seu próximo (Lc 10,29; ver 2.7), e Jesus conta que um samaritano, ao ver o ferido, “compadeceu-se dele” e “levou-o para uma hospedaria e tratou dele” (Lc 10,33-34, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O doutor responde: “O que usou de misericórdia para com ele” (Lc 10,37) [V-gr; V-pt: ARA]. A pergunta mudou de lugar: de quem merece ser meu próximo para de quem me faço próximo (Lc 10,36; ver 2.7).

O cânon responde: “o Abrigo diz o que oferecemos a quem chega até nós”, e quem o vive “se compromete a ser lugar seguro no rio: braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só” (Cânon v1.2, “O Abrigo”, lema *Sis alteri domus*, “Sê casa para o outro”). As decisões de 19/10/2026 (Estudo VIII) fixam que “o Abrigo revela e nada exige” (n.º 3), e que “há uma luz devida ao outro antes de qualquer pacto” (n.º 1). A palavra do cânon é “devida” (Catecismo, 36); “caridade” e “próximo”, no sentido evangélico, não ocorrem na letra.

O toque é de direção, e é forte: nos dois lados o movimento sai de quem vê e vai a quem chega, estranho, sem pacto prévio, e acaba numa casa, a hospedaria ali, o “lugar seguro no rio” aqui [leitura do estudo]. Mt 11,28, que a Ficha punha ao lado, é Jesus chamando a si, e a palavra comum com o Abrigo é só “cansado”; a direção invertida e a triangulação do *agapē* ficam em 3.5. Na letra do cânon o outro tem luz própria, e “o olhar do outro não a cria” (Catecismo, 31); em Mt 25,40 o outro é o Rei (ver 2.7) [hipótese do

estudo]. O Abrigo fala de quem chega, e o que se deve aos que já passaram o rio tem outra casa (3.4).

3.4 A nuvem de testemunhas e o Flumen

Hebreus liga os mortos aos vivos, e o Pilar II liga os herdeiros aos ancestrais; a seção mede o parentesco, que o estudo lê como hipótese forte, e o que a Ficha chamou "silêncio respeitoso".

Hebreus diz que Deus providenciou algo melhor, "para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados", e por isso "temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas" (Hb 11,40; 12,1, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O texto não diz que as testemunhas intercedem; a *communio sanctorum* ("comunhão dos santos") é leitura posterior [leitura do estudo].

O cânon responde: "Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", II). O Examinar fecha com "gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível" (Cânon v1.2, "Regra de Vida"), e por decisão do fundador (n.º 7 de 23/10/2026, Estudo IX) "a gratidão do Examinar é o lugar da dívida aos mortos". O Legado é "uma ação concreta voltada a quem vem depois: ensinar algo, documentar algo, plantar algo" (Cânon v1.2, "Regra de Vida").

A hipótese é esta: em Hebreus, os de antes não se completam sem os de depois; no Pilar II, quem está no meio deve a quem veio antes e deixa a quem vem depois, e a cadeia vai nos dois sentidos [hipótese do estudo]. A *traditio* ("transmissão"; ver 2.9) e o Legado têm em comum o voltar-se a quem vem depois; o que passa muda, uma fé definida de um lado, do outro ensinar, documentar, plantar, sem igreja. A fronteira está no lugar dos mortos: o cânon não tem "morte" nem "morrer", e "alguém do passado" não tem nome. "Silêncio respeitoso" é frase da Ficha, não letra (Estudo I, 4.8); o cânon não diz nada do depois, e a lamparina vai ao rio. A comunhão dos santos e a ressurreição se medem em 3.8. Dos que vieram antes passa-se ao corpo de quem vive agora, que o cristianismo chamou de templo (3.5).

3.5 O templo do corpo e o Corpus

Paulo chama o corpo de templo, e o Pilar IV chama o corpo de "tijolo do templo"; a seção ouve a encarnação, mede *A cidade de Deus*, XIV, 3, que o fundador decidiu como aliado do Corpus, e separa os dois templos.

O Evangelho diz: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Paulo escreve: "o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós" (1Cor 6,19, Ave-Maria; ver 2.9) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]. Agostinho diz: "não foi a carne corruptível que fez pecadora a alma, mas a alma pecadora que fez corruptível a carne" (*A cidade de Deus*, XIV, 3) [V-la; tradução do estudo].

O cânon responde: “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio”). Por decisão do fundador (n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII), *A cidade de Deus*, XIV, 3 fica como aliado do Corpus e “só templo” fica como está: “o corpo não encobre a luz” (decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo X).

Os dois lados dizem o corpo bom e instrumento: para Agostinho a carne não faz pecar a alma, para o cânon o corpo não encobre a luz [hipótese do estudo]. O templo é homônimo: o de Paulo é do Espírito, e o do cânon é a imagem do estável e do concreto, feito de corpo, lugar e ritmo; “só templo” não o torna templo do Espírito. A Encarnação do Verbo é do cristianismo, e o Estudo XII (3.7) já disse que não se leva ao Corpus, onde “encarnada” é adjetivo. Agostinho tampouco é “só templo”: no mesmo capítulo a corrupção da carne dá “incitamentos aos vícios” [V-la; tradução do estudo]. O Corpus não tem salvação, pecado nem ressurreição, e “carne” ocorre uma só vez, em “celebrar na carne” (Tratado da Luz Interior, “Síntese”). Do corpo passa-se à noite em que ele sofre e ninguém o tira dela (3.6).

3.6 A lâmpada acesa na noite e a Vigília

O Evangelho tem um pedido de presença no Getsêmani e as lâmpadas de uma espera, e a Vigília tem uma luz acesa dentro da noite; a seção diz o toque antes da fronteira, a mais fina do estudo.

No Getsêmani, Jesus pede aos discípulos que fiquem e vigiem com ele (Mt 26,38; ver 2.8) e depois pergunta: “Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo?” (Mt 26,40, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. É vigília com alguém na noite. A das virgens (Mt 25,1-13; ver 2.10) e a de Mc 13,33-37 são outra: esperam o Senhor que vem. O homônimo tem, assim, duas faces: velar com alguém na noite e esperar o que vem. Os amigos de Jó “sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noites, sem dizer-lhe uma palavra” (Jó 2,13, na tradução do Tratado da Vigília, “Fundamentação”).

O cânon responde: “A Vigília promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite”; a luz “vela: recusa-se a apagar. Não vence o escuro do quarto — cria dentro dele um círculo de claridade onde se pode estar” (Cânon v1.2, “A Vigília”). O Tratado distingue os verbos: “Velar não é vigiar nem esperar. Quem vigia guarda-se do que virá; quem espera conta com o que virá; quem vela não faz depender a luz do que virá — permanece desperto no escuro” (Tratado da Vigília, “Definição”). A noite do cânon é “o mal que ninguém causou” (Cânon v1.2, “A Vigília”).

Três toques. O primeiro é a presença antes da fala: Getsêmani, os amigos de Jó e a luz que cria “um círculo de claridade onde se pode estar” [leitura do estudo]. O segundo é a lâmpada que fica acesa dentro da noite, nas virgens e na Vigília [leitura do estudo]. O terceiro é o mais fundo, e a hipótese do estudo é que seja também a fronteira mais fina: o

cristianismo põe Deus dentro da noite (Bonhoeffer: “só o Deus que sofre pode ajudar”, carta de 16/7/1944; ver 2.8) [V via secundária: Kamphuis; tradução do estudo], e a Vigília põe uma luz dentro da noite, a de quem vela (“A Vigília nasce da luz de quem vela”, decisão n.º 2 de 19/10/2026, Estudo VIII) [hipótese do estudo].

Os homônimos ficam à vista: a vigília das virgens espera o Senhor, a noite de Juan de la Cruz purifica e conduz (ver 2.8), e a letra do cânon tem o verbo que os separa, “esperar” [leitura do estudo]. A fronteira está em 3.7. Das noites que se atravessam passa-se à noite de cada dia, que o cânon fecha com duas perguntas (3.7).

3.7 O exame de Inácio e o Examinar

O exame de Inácio é o paralelo formal mais exato da série: um exame ao fim do dia, em pontos, com gratidão e propósito; a seção põe as duas formas lado a lado e mede onde mudam.

Inácio dá o exame geral em cinco pontos: “O primeiro ponto é dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos. O segundo, pedir graça para conhecer os pecados e lançá-los fora. O terceiro, pedir conta à alma, […]. O quarto, pedir perdão a Deus nosso Senhor das faltas. O quinto, propor emenda com a sua graça” (Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43) [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo].

O cânon responde com as duas perguntas do Pilar I (ver 3.1) e com o fecho: “Encerrar com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”). “Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos. É mais parecido com quem revisita o rio percorrido no dia”, e responde-se “em voz baixa ou numa frase escrita” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”).

Coincidem o fim do dia, a revista da jornada, a forma escrita possível e a gratidão como parte do exame [hipótese do estudo]. A letra de Inácio põe a gratidão em primeiro lugar, e a do cânon em último. Mudam quatro coisas. A gratidão de Inácio é a Deus, pelos benefícios; a do cânon é a alguém do passado, sem nome, e é a fronteira mais fina da seção. O exame de Inácio é diante de Deus e pede perdão; o do cânon não tem juiz, e quem retoma é o rio. Inácio pede graça, para conhecer os pecados e para emendar-se, e o Examinar não pede nada a ninguém. E o cânon não tem “pecados”: tem luz escondida. A fronteira da gratidão e do juiz está em 3.10. O Examinar é uma hora do dia, e a hora está dentro de um ritmo mais largo (3.8).

3.8 A Regra de Bento, a Regra de Vida e o sabbath do fluxo

A Ficha dizia “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial”; a seção ouve a *Regra* de Bento (c. 530), mostra que o toque é maior do que a Ficha dizia e mede o repouso do meio da semana, que o Evangelho também conhece.

Bento manda, no capítulo 5, “vigiar a cada hora os atos da própria vida” (Bento, *Regra*, 4; *actus vitae suae omni hora custodire*) [V-la; tradução do estudo], homônimo da Vigília, e no capítulo 48, que divide o dia entre trabalho manual e leitura, começa: “O ócio é inimigo da alma” (*Regra*, 48) [V-la; tradução do estudo]. A *Regra* não é só culto: tem trabalho, leitura, exame e vida em comum.

O cânon responde com um ritmo de dia, semana e estação (Cânon v1.2, “Regra de Vida”; Catecismo, 42): o Acender de manhã, o Examinar à noite, “a mudança deliberada” e a celebração maior, “idealmente com outros”, à semana, e a Revisão do rio por estação, porque “a regra serve à vida, não o contrário”.

O toque é maior do que a Ficha dizia [leitura do estudo]. As duas são regras de tempo que distribuem trabalho, atenção, exame e descanso, e nenhuma é só individual: a de Bento é de comunidade, e a do cânon quer a celebração, idealmente, com outros. “Culto” não ocorre na letra do cânon, e “pessoal” e “rito eclesial” são qualificações da Ficha (Estudo I, 4.9); o cânon não prescreve culto, rito eclesial, sacramento nem igreja, e prescreve regra. A fronteira correta é “sem culto, sem igreja, sem sacramento — e com regra” [hipótese do estudo; proposta em 6.4]. Duas distâncias: o capítulo 72 de Bento termina em “Que nada anteponham a Cristo” (*Regra*, 72) [V-la; tradução do estudo], e o primado de Cristo não tem lugar no cânon; e a *Regra* se vive em comunidade, sob um abade, enquanto a Regra de Vida se ajusta a cada estação. A fronteira está em 3.10.

No meio da semana a Regra de Vida tem um repouso, o sabbath do fluxo. Jesus diz: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Mc 2,27, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Hebreus diz que “resta um repouso para o povo de Deus” e que quem entrou no descanso “descansou de suas obras” (Hb 4,9-10) [V-gr; V-pt: ARA]; o sétimo dia de Agostinho “não tem tarde nem ocaso” (*Confissões*, XIII, 36, 51) [V-la; tradução do estudo]. O cânon responde: “Meio dia sem produzir nada. Só ser. A luz não precisa provar que existe” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”), e por decisão do fundador (n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XI) “o sabbath do fluxo é um não-ato: não é contemplação, e não há graus de vida que sejam graus de pessoa”.

O toque é de estrutura [leitura do estudo]: a inversão de Marcos, o repouso para a pessoa e não a pessoa para o repouso, é a da Revisão do rio, em que a regra serve à vida; e o cessar das próprias obras de Hebreus, ainda que ali seja o descanso de Deus, tem o seu vizinho em “meio dia sem produzir nada” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”). A fronteira é o tamanho e o fim: o repouso de Hebreus “resta”, e o sétimo dia de Agostinho não tem tarde; o sabbath do fluxo é meio dia por semana. O sabbath do fluxo não é culto. Do repouso passa-se às três peças que o fundador mandou à Ficha (3.9).

3.9 O material decidido como toque

O fundador mandou à Ficha três peças do cristianismo lido por outros; cada uma toca até onde a decisão a deixou.

A quenose e a substituição entram por decisão do fundador (n.º 4 e n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII), com o limite da Bússola (ver 4.5): o Abrigo não vai até a substituição. A quenose (Fl 2,6-8; ver 2.3) entra como matéria do interlocutor, sem o esvaziamento do Filho (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X), e o estudo não estende o limite a ela. O toque está na dívida, que o cânon aceita de Levinas (n.º 1 de 19/10/2026, Estudo VIII).

O material de Ricoeur entra por decisão do fundador (n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX; ver 5.3). A polifonia dos nomes e o “seja qual for o nome que cada um lhe dê” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) põem a mesma pluralidade ao redor de uma origem que a filosofia não decide, e a economia do dom tem seu lugar no rio: “O Flumen, que no Pilar II é o que se recebe, é aqui o que se deve” (Tratado das Águas Comuns, “Síntese”). O “há perdão” de Ricoeur pode ser lido ao lado da Luz sem nome, “sem que isso seja nomear” (n.º 6 de 23/10/2026, Estudo IX).

O Jesus do perdão como Arendt o lê veio em 3.2; o Paulo da vontade dividida, na mesma decisão (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII), é fronteira, e fica para 3.4. Onde estas peças deixam de se tocar é matéria do capítulo 4.

4 ONDE NOS SEPARAMOS

Este capítulo marca as fronteiras, com a letra de cada lado. O cristianismo nomeia a origem da luz e promete; o cânon, por letra e por decisão, deixa a Luz sem nome e não afirma nem nega o depois. Valem aqui as decisões do fundador listadas em 6.2; estão fechados o esvaziamento do Filho (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X) e o mestre interior, que fica herança nomeada e não passa a estrutura (n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII). As citações bíblicas são da ARA. A Antífona não é tratada neste estudo.

4.1 A origem nomeada e a Luz sem nome

A fronteira central cabe numa pergunta: de quem é a luz? Esta seção diz como o cristianismo responde e como o cânon deixa a resposta.

O Gênesis dá a dignidade como imagem de alguém: “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1,27, ARA) [V-he; V-gr: Septuaginta; V-pt: ARA]. Agostinho põe a imagem na capacidade de Deus (*A Trindade*, XIV, 8, 11, ver 2.4). Em toda a linha, a *imago Dei* é dignidade de criatura, recebida de um Criador nomeado.

O cânon responde com a ordem e sem o doador (ver 3.1). A luz é “dada antes de qualquer relação” (n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII), e quem dá fica sem dizer. A letra sobre o nome é dita a quem crê: “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus […] A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; ver também Catecismo, 26), e a origem é “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). Por decisão do fundador, o nome fica fora da fórmula, com cada leitor, e a luz imutável de Agostinho é estrutura, nunca nome da Luz (n.º 1 e n.º 2 de 31/10/2026, Estudo XII). A *imago Dei* é, portanto, a escola histórica da intuição, e herança não é identidade [leitura do estudo].

Ricoeur, matéria do interlocutor por decisão do fundador (n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX), diz que a nominação “não é monocórdica, mas polifônica” (*Fé e filosofia*, ed. espanhola, p. 95, ver 5.3) [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]. O cânon toma a pluralidade, e não um nome: “Não é preciso nenhum nome religioso para ser fiel à luz” (Catecismo, 27). A anterioridade da dignidade sobre o mérito aproxima as letras; o que separa é quem dá. A fronteira, dita sem atenuar: lá, imagem de alguém; aqui, luz de cada pessoa, de origem não dita [leitura do estudo].

Questão aberta (bz): a Ficha dizia que a *imago Dei* “é a grande escola dessa intuição”. A letra do cânon diz que a dignidade precede o mérito e que a luz é dada, e não tem *imago Dei*, criatura nem criação. O estudo pergunta ao fundador se a Ficha reescrita mantém o toque e diz a fronteira na mesma linha (imagem de um Criador nomeado × luz de

alguém sem origem dita), com a herança dita e a identidade não afirmada. Passa-se à luz que o Evangelho nomeia.

4.2 A luz que é Cristo, a luz dos discípulos e a Lux

"Luz" é o homônimo mais carregado do estudo. Esta seção separa cinco usos, para que nenhum seja lido como nome da Lux.

João diz a luz como o Verbo, "a verdadeira luz" (Jo 1,9, ARA) [V-gr; V-pt: ARA], e como Cristo, que declara: "Eu sou a luz do mundo" (Jo 8,12) [V-gr; V-pt: ARA]; a divergência de tradução em Jo 1,9 está em 1.3. Mateus dá outra luz, a dos discípulos: "Vós sois a luz do mundo", e a candeia vai "no velador", não "debaixo do alqueire" (Mt 5,14-16) [V-gr; V-pt: ARA]. Em Lucas a luz "em ti" pode escurecer: "Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas" (Lc 11,35) [V-gr; V-pt: ARA].

A tradição acrescenta o nome que mais se parece com o do Tratado: os quacres falam de uma luz interior, que é Cristo presente em cada um (ver 2.3). O mestre interior, que em Agostinho é Cristo (*Sobre o mestre*, XI, 38), fica herança nomeada (n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII).

O cânon diz a sua luz de outro modo: "A luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I, ver 3.1). O Tratado explica o que a cobre: a luz "pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias" (Tratado da Luz Interior, "Objeção provável e resposta breve"). A estrutura toca Lc 11,35 e Mt 5,15: uma luz em cada um, que se cobre e se descobre. A fronteira são cinco luzes que não se somam: a de João, que é Cristo; a de Mateus, que são os discípulos; a *lumen* de Tomás, do intelecto; a dos quacres, Cristo por dentro; e a Lux, de cada pessoa, sem Cristo nomeado e sem fonte dita [leitura do estudo]. Quem lê com o cristianismo pode dizer que a luz de Mt 5 e a de Jo 8 são a de Deus; o estudo para aí.

Questão aberta (ca): a lâmpada sob o alqueire (Mt 5,15) e "a luz que há em ti" (Lc 11,35) leem-se ao lado de "a luz não se acende — ela se revela", como leitura e com a fronteira (a luz joanina é Cristo)? E o homônimo dos quacres fica só neste estudo, ou pede nota ao Tratado da Luz Interior? O estudo pergunta ao fundador. Passa-se da luz ao perdão.

4.3 A graça e a mão que retoma

A Ficha unia numa linha duas coisas que a decisão do fundador separou. Esta seção as diz em duas linhas, cada uma com a sua voz (a Misericórdia é letra do cânon, a graça é toque do cristianismo), e mede a direção do perdão.

O cristianismo diz a graça como dom de fora e de cima (Rm 3,24; Ef 2,8-9, ver 2.5): a salvação "é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" (Ef 2,8-9, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O cânon diz outra coisa, a mão que retoma: "Falhar na regra não apaga a luz", e o rio "a retoma" (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia", ver 3.2). A mão é o rio

(n.º 4 de 17/10/2026, Estudo VII; Catecismo, 48). Duas linhas, por decisão do fundador (n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII): a mão que retoma é do rio, e a graça é toque do cristianismo.

O perdão entre pessoas é outra matéria, e o cristianismo o diz sem conta: “setenta vezes sete” (Mt 18,22, ARA, ver 2.6) [V-gr; V-pt: ARA]. Arendt lê em Jesus o descobridor do perdão (ver 2.6), matéria do interlocutor por decisão do fundador (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII), e diz que o poder de perdoar “não deriva de Deus” (*A condição humana*, §33, pp. 238–239) [V-en; tradução do estudo]. O contato está no recomeço sem conta; o que separa é a direção. A Regra “retoma”, não “perdoa”: “perdão” não ocorre na letra do cânon, e a Disputatio diz o endereço, “reflexivo — falar a quem falhou consigo mesmo, para que não desista da própria luz por causa do próprio erro” (Disputatio, 3, “Respondeo”). Lá, o perdão vem de Deus ou do próximo e vai ao outro; aqui, a pessoa consigo, e o rio retoma; os quatro usos de “misericórdia” ficam ditos por decisão do fundador (n.º 6 de 03/11/2026, Estudo II) [leitura do estudo].

Questão aberta (cb): “setenta vezes sete” e o Jesus do perdão de Arendt (matéria decidida) leem-se ao lado da Regra da Misericórdia como leitura, com a fronteira da direção (reflexiva, com a mão do rio × de Deus e ao próximo), sem pôr “perdão” na boca do cânon? O estudo pergunta ao fundador. A graça fica entre os toques, por decisão (n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII), e a linha “quem dá” é matéria da pergunta (ch), em 3.13. Passa-se ao diagnóstico.

4.4 O pecado e a luz encoberta; o pecado original e “ninguém começa do zero”

O diagnóstico é a fronteira mais funda depois do nome. O cristianismo vê a pessoa dividida e herdeira de uma falta; o cânon vê a luz coberta e a pessoa herdeira de um rio. Esta seção diz as duas e separa dois homônimos perigosos.

Paulo escreve a vontade dividida: “o mal que não quero, esse faço” (Rm 7,19, ARA) [V-gr; V-pt: ARA], e grita: “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7,24) [V-gr; V-pt: ARA] (ver 2.5). Arendt faz dele o teórico da vontade dividida em luta (Estudo XIII, 5.4; ver 5.7), material decidido (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII).

O cânon não tem a palavra “pecado” nem a divisão da vontade. A divisão que ele conhece é outra: “Quem diz uma coisa e vive outra vive dividido” (Catecismo, 8). O diagnóstico é por encobrimento, com três causas que a n.º 6 de 23/10/2026, Estudo X, manteve (medo, hábito, adaptação às expectativas alheias). A fronteira de diagnóstico, dita sem atenuar: lá, a pessoa é ao mesmo tempo justa e culpada, e precisa de quem a livre; aqui, a luz está inteira e coberta, e o exame a mostra [hipótese do estudo].

O segundo homônimo é o pior, porque as palavras quase coincidem. O cristianismo diz Adão: “assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em

Cristo” (1Cor 15,22, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; em Rm 5,12 a ARA lê “porque todos pecaram” [V-gr; V-pt: ARA] onde a Vulgata lê *in quo* (“nele”) para *eph’ hō*, base da leitura agostiniana do pecado herdado [tese a confirmar (Dunn, Fitzmyer)]. O cânon diz que somos “herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II, ver 3.4). O que se herda é o que se recebeu, o rio, isto é, os ancestrais e o Legado; a luz não se herda, porque a Lux é “antes de qualquer história” (n.º 4 de 23/10/2026, Estudo IX). O homônimo diz-se assim: culpa herdada × rio herdado; a luz, de cada um [leitura do estudo].

Questão aberta (cf): o pecado e a luz encoberta; o pecado original e “ninguém começa do zero”. O estudo pergunta ao fundador se a Ficha reescrita declara o homônimo (culpa herdada × rio herdado; a luz, de cada um) e se diz que o cânon, em lugar de “pecado”, tem a luz encoberta, a noite e o lobo, com o Paulo da vontade dividida de Arendt ao lado. Passa-se à direção do amor.

4.5 “Vinde a mim” e “sê casa”: a direção do Abrigo, o *agapē* e a dívida; o limite

A Ficha pôs lado a lado Abrigo e caridade. Esta seção corrige a direção e diz o limite que o Abrigo guarda diante da substituição.

O chamado de Mt 11,28 é de Jesus a si: “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11,28, ARA, ver 2.7) [V-gr; V-pt: ARA]. O Abrigo vai em sentido contrário: quem vive o Lumen Fluens “se compromete a ser lugar seguro no rio” (Cânon v1.2, “O Abrigo”, ver 3.3), *sis alteri domus*, “sê casa para o outro”. Quem abriga é a pessoa, a quem chega, e “o Abrigo revela e nada exige” (n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII). O samaritano é o toque: Jesus devolve ao legista “Qual destes três te parece ter sido o próximo” (Lc 10,36, ARA, ver 2.7) [V-gr; V-pt: ARA] [leitura do estudo].

O *agapē* tem três termos, Deus, eu e o próximo: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro”, e quem não ama “a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” (1Jo 4,19-20, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Ricoeur lê o ágape como economia do dom (n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX; ver 5.3). O cânon não tem “caridade” nem “próximo”. Tem a dívida: “há uma luz devida ao outro” (Catecismo, 36), “devo ao rio o próprio fluxo” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”), e a fórmula que aceita de Levinas a dívida e recusa a eleição (n.º 1 de 19/10/2026, Estudo VIII). São duas triangulações, Deus–eu–próximo e rio–eu–outro, e só uma é nomeada; a analogia é do estudo, não do cânon [hipótese do estudo].

O limite está na letra cristã e na de Levinas, e é o da substituição. Paulo cita um cântico de Cristo: “a si mesmo se esvaziou” (Fl 2,7, ARA, ver 2.3) [V-gr; V-pt: ARA]; e Isaías diz o Servo que “tomou sobre si as nossas enfermidades […] o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” (Is 53,4.6, ARA) [V-he; V-pt: ARA]. Levinas diz a substituição como estrutura: “O si é a passividade aquém da identidade, passividade do

refém. […] Ser eu é sempre ter uma responsabilidade a mais” (*Entre nós*, pp. 92–93, pelo Estudo VIII, 4.3) [V-pt]. O limite já está decidido: “O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola: ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague” (n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII). A quenose entra como matéria do interlocutor (n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII), sem o esvaziamento do Filho (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X), e o estudo não estende o limite à quenose [leitura do estudo]. Passa-se ao lobo.

4.6 “Amai os vossos inimigos” e o lobo que deve justiça

O Evangelho manda amar quem fere; o cânon manda resistir e dever justiça. Esta seção declara a fronteira, sem decidir o que o fundador deixou aberto.

Jesus diz: “amai os vossos inimigos […] para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste” (Mt 5,44-45, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Na cruz, a quem executa: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23,34) [V-gr; V-pt: ARA], com o problema textual dito em 1.6.

O cânon fala do lobo, não do inimigo: “O lobo é o mal que alguém inflige — diante dele não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro” (Cânon v1.2, “A Vigília”; Catecismo, 36). A Disputatio marca o limite da Regra: “A Misericórdia cobre bem o fracasso próprio; não cobre, ainda, o que se deve à vítima do fracasso alheio” (Disputatio, 3, “Respondeo”). Por decisão do fundador, o perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça, depois da sanção e da reabilitação (n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX). Ricoeur diz que o perdão “nunca é devido” (*O justo*, ed. espanhola, pp. 204–205) [V-es via Estudo IX, 1.6; tradução do estudo]. A fronteira é dita sem decisão: lá, o inimigo é amado, e o perdão, em última instância, é de Deus; aqui, o lobo é enfrentado e devido de justiça, e a pergunta pelo perdão da vítima segue aberta [leitura do estudo].

Questão aberta (g): a justiça devida ao lobo, o perdão da vítima, “amai os vossos inimigos”, o perdão difícil de Ricoeur e o de Arendt seguem como matéria do tratado da justiça. O estudo registra e não decide; pergunta ao fundador se Mt 5,44 e Lc 23,34 entram nesse material, sem ordem escolhida. Passa-se à noite.

4.7 A vigília que espera o Senhor, a noite, a cruz e a providência

“Vigiar” é o homônimo mais exato do estudo, porque tem duas faces que acendem lâmpadas na noite: vigiar com alguém e esperar o que vem. Esta seção as separa do que o cânon chama velar, mede a cruz e a providência, e registra Moriá.

O verbo do Getsêmani é *grēgoreō* (“vigiar”), o mesmo das virgens, e o homônimo tem duas faces. No Getsêmani vigia-se com alguém na noite: “vigiai comigo” (Mt 26,38, ARA, ver 2.8) [V-gr; V-pt: ARA]. Nas virgens (Mt 25,1-13) e em Mc 13,33-37 vigia-se pelo Senhor que vem, “porque não sabeis o dia nem a hora” (Mt 25,13, ver 2.10) [V-gr; V-pt: ARA]: a vigília do fim dos tempos. A letra do cânon separa as duas de um terceiro gesto:

“Velar não é vigiar nem esperar” (Tratado da Vigília, “Definição”, ver 3.6); a Vigília não se chama “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete” (Tratado da Vigília, “Definição”) e “promete presença, não vitória” (Cânon v1.2, “A Vigília”). As lâmpadas acesas na noite e a companhia de quem vela são o toque (ver 3.6); a fronteira é o que cada vigília espera [leitura do estudo].

A cruz põe Deus dentro da noite: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27,46, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. Bonhoeffer escreve da prisão que “só o Deus que sofre pode ajudar” (carta de 16/7/1944, ver 2.8) [V via secundária: Kamphuis; original alemão não conferido; tradução do estudo]. A noite tem ainda um homônimo: em Juan de la Cruz é “um influxo de Deus na alma, que a purifica” (*Noite escura*, II, 5, 1, ver 2.8) [V-en: Peers; tradução do estudo]; no cânon é “o mal que ninguém causou” (Cânon v1.2, “A Vigília”), e não purifica nem conduz. O toque mais fundo do estudo fica assim dito com a fronteira: lá, Deus entra na noite; aqui, a luz de uma pessoa vela nela [hipótese do estudo].

A providência é a fronteira da série, dentro de um limite. “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8,28, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; as traduções divergem sobre o sujeito, e uma parte da tradição manuscrita traz *ho theos* depois de *synergei* [tese a confirmar no aparato do Nestle-Aland]. O cânon “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua” (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII), isto é, como justificação de Deus diante do mal, e a fronteira da providência vale “para as casas que virão” dentro desse limite (n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II). “Recusa a providência” não entra, pela n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII, e pela n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II. Em Moriá, Deus diz “Não estendas a mão sobre o rapaz” (Gn 22,12, ARA) [V-he; V-pt: ARA], e Hebreus lê pela ressurreição: Abraão “considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos” (Hb 11,19) [V-gr; V-pt: ARA]. O cânon segue em silêncio, como o registraram os Estudos I e II.

Questão aberta (cc): “vigiai” de Getsêmani e as lâmpadas das virgens leem-se ao lado da Vigília: a Ficha reescrita registra o homônimo (vigiar com alguém na noite × esperar o que vem), com o verbo próprio do cânon, velar, que o Tratado da Vigília diz que “Velar não é vigiar nem esperar”, e com Getsêmani como o toque mais próximo? E “só o Deus que sofre pode ajudar” (Bonhoeffer) fica como o toque mais fundo, dito com a fronteira (lá, Deus na noite; aqui, a luz de uma pessoa)? O estudo pergunta ao fundador.

Questão aberta (j): a Bússola vetaria o monte Moriá? O cristianismo responde pela fé e por Hb 11,17-19; o cânon segue em silêncio. O estudo registra e pergunta ao fundador se o silêncio fica registrado. Passa-se ao depois.

4.8 A ressurreição, a nuvem de testemunhas e a lamparina no rio

O depois é a promessa cristã mais nítida; do depois o cânon não diz nada. Esta seção corrige a Ficha sobre a letra do silêncio e diz a fronteira.

Paulo faz da ressurreição o fundamento: “se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé” (1Cor 15,14, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O Apocalipse diz o termo: Deus “lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá” (Ap 21,4) [V-gr; V-pt: ARA]. Hebreus põe os mortos junto dos vivos: “temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas” (Hb 12,1, ver 3.4) [V-gr; V-pt: ARA].

O cânon não tem a palavra: “morte” e “morrer” não ocorrem (Estudo I, 4.8). A Ficha dizia “sobre o depois do rio, silêncio respeitoso”; a frase é da Ficha, não letra, e o cânon não diz nada do depois, nem que há nem que não há. O que a letra tem é “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer”, e deixa a quem crê que “poderá ler uma manhã na fé que professa” (Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve”). A lamparina vai ao rio: “a luz de cada um, entregue às águas de todos — e por elas levada mais longe do que qualquer um iria sozinho” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”). Os mortos têm no cânon o lugar da gratidão do Examinar (n.º 7 de 23/10/2026, Estudo IX). Que a luz vá “mais longe” não se diz além-túmulo: é a circulação do rio [leitura do estudo].

A fronteira, dita sem atenuar: a ressurreição é do cristianismo; o cânon não afirma nem nega nada sobre a morte e o depois, e “o silêncio à beira d’água” das Águas Comuns (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) é a margem, não o depois. Passa-se à consciência.

4.9 A consciência como voz de Deus e a Bússola

“Consciência” é homônimo com a Bússola, e a diferença é a voz.

Paulo diz dos gentios “testemunhando-lhes também a consciência” (*syneidēsis*; Rm 2,15, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]. O Vaticano II: “A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus, cuja voz se faz ouvir na intimidade do seu ser” (*Gaudium et spes*, n.º 16) [V-pt: Vaticano]. Newman: “a consciência é a voz de Deus na natureza e no coração do homem” (*Carta ao Duque de Norfolk*, §5) [V-en; tradução do estudo]. Em todos, a consciência é onde uma voz de fora fala por dentro.

O cânon tem outra coisa. “A Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los”, porque “eu sem a minha luz sou uma mentira” (Cânon v1.2, “A Bússola”). A n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X, fixa: “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa.” A palavra “consciência” ocorre só como nome possível da Luz para quem não crê (Cânon v1.2, “Independência confessional”; Catecismo, 26–27), e a n.º 5 de 23/10/2026, Estudo IX, deixa a quem crê “o nome que a fé lhe dá”. O contato é a primazia da consciência sobre a autoridade externa; a fronteira é a voz: a consciência cristã é voz de Deus; a Bússola não é voz de ninguém, e quem crê pode ouvir nela a consciência [leitura do estudo].

Questão aberta (ce): a consciência como “voz de Deus” (Newman; *Gaudium et spes*, 16) e a Bússola que veta sem voz externa registram-se na Ficha reescrita como fronteira? O estudo pergunta ao fundador. Passa-se à regra.

4.10 A confissão, o exame de Inácio, a Regra de Bento e o “sem culto”

O paralelo formal mais exato da série é o exame de Inácio, e a fronteira mais fina é a gratidão. Esta seção corrige a Ficha: o cânon não prescreve culto, e tem regra.

Inácio dá o exame geral em cinco pontos, e o primeiro é “dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos”; o quarto, “pedir perdão a Deus nosso Senhor das faltas” (*Exercícios espirituais*, n. 43, ver 3.7) [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo; edição Loyola não aberta]. Bento pede “confessar a Deus cada dia […] os males passados” (*Regra*, 4) [V-la; tradução do estudo; edição Lumen Christi não aberta]. Na confissão sacramental, um sacerdote absolve.

O Examinar tem duas perguntas, “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou? Cinco minutos bastam” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), e fecha “com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”). Não é “o exame de um juiz severo” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”). Inácio e o Examinar partilham a revista do dia e a gratidão; separam-nos o destinatário (Deus × alguém do rio), o fim (pedir perdão e graça × a mão do rio) e o lugar da gratidão, que Inácio põe primeiro e dirige a Deus, e o cânon põe por último e dirige a alguém do rio [hipótese do estudo].

A Ficha dizia “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial”, e a letra confirma só em parte: “culto”, “igreja” e “sacerdote” não ocorrem, e o cânon não prescreve rito nem sacramento [leitura do estudo]; mas tem ritmo de dia, semana e estação, e “a regra serve à vida, não o contrário” (Cânon v1.2, “Regra de Vida”). A fronteira que a letra sustenta é “sem culto, sem igreja, sem sacramento — e com regra” [leitura do estudo].

Questão aberta (cd): o exame de Inácio e o Examinar leem-se lado a lado, com a fronteira da gratidão (a Deus × a alguém do rio) e a do juiz (diante de Deus × “não é o exame de um juiz severo”), e a Regra de Bento ao lado da Regra de Vida? E a Ficha reescrita troca “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial” por “sem culto, sem igreja, sem sacramento — e com regra”? O estudo pergunta ao fundador. Passa-se à fé que se exige.

4.11 A fé exigida, o *extra Ecclesiam*, a predestinação e o inferno

Aqui o cristianismo toma posição onde o cânon não decide por ninguém, e as tradições cristãs se dividem. Esta seção mede o que a frase da série cobre.

A letra é exclusiva e sem atenuante: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14,6, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; “E não há salvação em nenhum outro” (At 4,12) [V-gr; V-pt: ARA]; e “E irão estes para o castigo

eterno, porém os justos, para a vida eterna” (Mt 25,46) [V-gr; V-pt: ARA]. Da fórmula *extra Ecclesiam nulla salus* (“fora da Igreja não há salvação”) o estudo não traz fonte [localização a confirmar]. A predestinação tem a letra de Calvino: “alguns são preordenados para a vida eterna, outros para a condenação eterna” (*Institutas*, III, 21, 5) [V-en: Beveridge; tradução do estudo]; a de Agostinho vem pelo Estudo XII: a *massa damnata* (“massa condenada”) (*Enquirídio*, 27) [V-la; tradução do estudo].

A tradição que corrige vai ao lado. Orígenes escreve “a restauração perfeita de toda a criação” (*Dos princípios*, III, 6) [V-en: Crombie; tradução do estudo], e sua doutrina foi condenada em 553, no Segundo Concílio de Constantinopla [tese a confirmar]; Gregório de Nissa, que toda a natureza humana é “uma só imagem daquele que é” (*Sobre a criação do homem*, 16, ver 2.4) [V-en: Wilson; tradução do estudo]; Balthasar sustenta que é permitido esperar, não afirmar, que todos se salvem [paráfrase; V-en via secundária: Brotherton; página a confirmar]. O Vaticano II: quem ignora sem culpa o Evangelho e busca a Deus, “também eles podem alcançar a salvação eterna” (*Lumen gentium*, 16) [V-pt: Vaticano].

O cânon não tem palavra para nenhuma das quatro coisas: não tem “inferno”, “predestinação”, “Igreja” nem “salvação”. Tem “cada pessoa” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), “Lumen Fluens não pertence a nenhuma religião oficial — e não exclui nenhuma” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) e, a quem tem fé, “Não precisa” deixá-la (Catecismo, 28). A frase da série, por decisão do fundador, é: “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega” (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII). O estudo mede [hipótese do estudo]: a frase cobre o valor, porque nega massa e número; é nesse plano que a *massa damnata* e a predestinação encontram nela a fronteira, sem contradizer o nome fora da fórmula (n.º 1 de 31/10/2026, Estudo XII). Mas a fé exigida e o *extra Ecclesiam* falam de salvação, e a frase fala de valor; o cânon não diz nada da salvação, e o estudo não afirma o que ele não diz. O inferno é castigo eterno, e o cânon não o afirma nem o nega.

Questão aberta (cg): a fronteira de uma frase da série basta para a fé exigida (Jo 14,6; At 4,12), a predestinação, o inferno e o *extra Ecclesiam*, ou a Ficha III recebe frase própria, com a letra evangélica e a tradição que corrige (Orígenes, Gregório de Nissa, Balthasar, *Lumen gentium* 16) registrada? O estudo mede que a frase cobre o valor e pergunta ao fundador se a fé exigida e o *extra Ecclesiam*, que falam de salvação, pedem frase própria. Passa-se à mulher e à escravidão.

4.12 A mulher e a escravidão

A letra cristã contém o princípio e o regramento, e a tradição se dividiu. Esta seção declara a matéria e pergunta pelo padrão da série.

“Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gl 3,28, ARA) [V-gr; V-pt: ARA];

“não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem” (1Tm 2,12) [V-gr; V-pt: ARA]; a Filêmon, que o escravo volta “não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo” (Fm 16) [V-gr; V-pt: ARA]; “Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor” (Ef 6,5) [V-gr; V-pt: ARA]. O cânon não trata do assunto: “mulher” e “escravo” não ocorrem, e a letra é “cada pessoa”. O padrão das fronteiras da série existe (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI; n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II).

Questão aberta (k): o mal estrutural. O estudo registra a matéria e pergunta ao fundador se o padrão das fronteiras fixadas para os clássicos se estende ao cristianismo, como se estendeu à Stoa, ou se (k) segue aberta até o estudo de Marx. Passa-se à fórmula.

4.13 A fórmula e a Ficha corrigida

O capítulo fecha com o que o cristianismo e o cânon não dizem juntos. A fórmula da série tem a forma “aceita de X o A e recusa o B”, em que B é o que graduaria a pessoa, condicionaria a luz ou justificaria o mal [leitura do estudo]. O estudo propõe, para o fundador aceitar, ajustar ou recusar: “o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo”.

A anterioridade é letra do cânon: o valor de cada pessoa é “anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, ver 3.1), e “a dignidade precede o mérito” (Tratado da Luz Interior, “Síntese”). É também o que a Ficha chamou “a grande escola”, a *imago Dei*: a dignidade antes do mérito, que entra como estrutura, não como palavra da letra cristã [leitura do estudo]. O juízo recusado é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de um veredito: o Juízo que separa, a sentença final sobre a pessoa. Não é a justiça devida ao lobo, que fica para o tratado (g, ver 4.6). O cânon diz: “Falhar na regra não apaga a luz” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”) e “o afogamento não é a medida final do que essa pessoa era” (Disputatio, 3, “Respondeo”). O juízo, em si, fica com quem crê nele. A fórmula marca a posição do cânon e não julga o cristianismo; não toca na ordem do todo (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII) e não nomeia a Luz por contraste.

Caem as outras letras consideradas. “Dádiva × limiar”: “limiar” é polissêmico no campo da morte e do templo e se sobrepõe a “exceção” e a “chegada”, e “dádiva” supõe doador. “Anterioridade × condição”: “condição” é a glosa comum a todas as fórmulas da série, não a letra própria desta casa. “Perdão × promessa”: “promessa” é palavra do Abrigo (n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII), e “perdão” roçaria a n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX. “Luz devida × nome” e “imagem × Criador” nomeiam a Luz por contraste. “Recusa a graça” recusaria o que a n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII, registrou como toque do cristianismo, e “recusa a providência” já está excluída (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII; n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II).

Questão aberta (by): a fórmula. O estudo propõe “o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo”, com a glosa acima, e registra as letras que caíram. O risco é que “recusa a exceção” (Estudo XII) mede quem recebe, e “recusa o juízo” mede o que se faz depender da pessoa; as duas se aproximam. O fundador adota, emenda ou recusa.

Quatro correções à Ficha saem deste capítulo: “misericórdia e graça” são duas linhas; “vinde a mim” inverte a direção do Abrigo; “sem culto” não é “sem regra”; e o toque da luz é maior do que a Ficha dizia, e a fronteira é a origem.

Questão aberta (ch): a Ficha reescrita. O estudo propõe a nova letra no capítulo 6, com as seis decisões já incorporadas (quenose e substituição, duas decisões, com o limite; Ricoeur; *A cidade de Deus* XIV, 3; misericórdia e graça em duas linhas; Jesus e Paulo como Arendt os lê), sem o esvaziamento do Filho, e com a graça em Toques, na letra da n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII, e em Fronteiras só “quem dá” (origem nomeada × origem em aberto), marcado [proposta do estudo]. O fundador aprova, emenda ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo, e a linha “quem dá” fica entre as fronteiras como proposta do estudo? Passa-se ao cristianismo diante das casas da série.

5 O CRISTIANISMO DIANTE DAS CASAS DA SÉRIE

Este capítulo põe a casa cristã diante das casas que a série já visitou: o que cada estudo disse dela e o que se acrescenta. Nove casas vieram antes, na ordem das visitas: Hegel (Estudo VII), Levinas (Estudo VIII), Ricoeur (Estudo IX), Platão (Estudo X), Aristóteles (Estudo XI), Agostinho (Estudo XII), Arendt (Estudo XIII), a Stoa (Estudo II) e o budismo (Estudo I). Três não vieram: o Vedanta, que é do Estudo IV e corre em paralelo a este, o existencialismo e o taoísmo, que são portas. As decisões do fundador vêm citadas por data, estudo e número, sem reabertura. Agostinho foi o Estudo XII inteiro: a seção que lhe cabe o mede e não o refaz. A série visita; não gradua.

5.1 Hegel (Estudo VII, 4.3)

A primeira casa lê o cristianismo como o ponto de chegada da religião.

Hegel chama o cristianismo de “religião consumada” (*vollendete Religion*) e também de “manifesta” (*offenbare*): “Um espírito que não é manifesto não é espírito” (Hegel, *Lições sobre a Filosofia da Religião*, parte III, pelo Estudo VII, 4.3) [V-de via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo]. O conteúdo dessa religião é a Encarnação (*Fenomenologia do espírito*, §759, pelo Estudo VII, 4.3) [V-de via Estudo VII, 4.3; paráfrase], que o Evangelho diz assim: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14, ARA; ver 2.3) [V-gr; V-pt: ARA]. Hegel pede que o princípio da religião se busque “no espírito vivo, em vós mesmos”, e não “no túmulo entre os mortos” (*Lições sobre a Filosofia da História*, pelo Estudo VII, 4.3) [V-de via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo], e declara-se luterano, “e quero continuar sendo” (*Lições sobre a História da Filosofia*, Introdução, pelo Estudo VII, 4.3) [V-de via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo].

A tradição lê Hegel de dentro da fé, e não o poupa. Kierkegaard, por Johannes Climacus, escreve que “a especulação não deve chamar-se cristã” (*Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas filosóficas*, 1846, pelo Estudo VII, 4.3) [V-da via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo].

O cânon responde pelas quatro dificuldades que o Estudo VII fixou (5.3). *Offenbar* é falso amigo: o cânon diz da luz que “ela se revela”, e isso supõe uma luz que já está (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). As teses de Hegel sobre o espírito divino são filosóficas, e a frase que ele atribui a Agostinho trata da origem da Luz, que o cânon “deliberadamente deixa em aberto” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). A teodiceia (a justificação de Deus diante do mal) vale pela fórmula da n.º 1 de 17/10/2026, Estudo VII: o Lumen Fluens “aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia”. E a crítica de Hegel à cristandade medieval é de luterano, de dentro. O estudo toma de Hegel a pergunta e deixa os rótulos com quem os pôs [leitura do

estudo]. De Hegel, que pensa o cristianismo por dentro de um sistema, passa-se a Levinas, que o lê de fora.

5.2 Levinas (Estudo VIII, 4.3): a quenose e a substituição

A segunda casa traz para o cristianismo duas palavras, e uma decisão do fundador as guarda.

Levinas fala de fora da fé, e diz isso: “Não tenho a ousadia de me meter num assunto interdito a quem não compartilha sua fé” (Levinas, “Um Deus homem?”, *Entre nós*, p. 84, pelo Estudo VIII, 4.3) [V-pt via Estudo VIII, 4.3]. Do dogma retém a “humildade de Deus” e a substituição, “indispensável à compreensão da subjetividade”, e prevê o veredito: “Tenho certeza de que esta medida será julgada insuficiente pelo cristão que crê” (p. 85) [V-pt via Estudo VIII, 4.3]. A ponte com os cristãos é Mateus 25, em que o Rei do juízo se identifica com os pequeninos (Mt 25,40; ver 2.7): “Não digo que outrem é Deus, mas que, em seu Rosto, entendo a Palavra de Deus” (“Filosofia, justiça e amor”, *Entre nós*, p. 151) [V-pt via Estudo VIII, 4.3].

O cristianismo diz a quenose no cântico de Filipenses: Cristo “a si mesmo se esvaziou” (Fl 2,7, ARA; ver 2.3) [V-gr; V-pt: ARA]. Do Servo de Isaías diz que carregou as enfermidades e as dores de outros (Is 53,4; ver 2.7).

O cânon responde por decisões do fundador. A Ficha será revista para receber a quenose e a substituição (n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII), com o limite já fixado pela n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII (o texto está em 4.5): o limite é a Bússola. O princípio de Levinas, o de que “a justificação da dor do próximo é, certamente, a fonte de toda imoralidade” (“O sofrimento inútil”, *Entre nós*, p. 138, pelo Estudo VIII, 1.10) [V-pt via Estudo VIII, 1.10], está adotado como princípio declarado (n.º 8 de 19/10/2026, Estudo VIII). Quem crê diz que a Luz é Deus (Cânon v1.2, “Independência confessional”; ver 4.1); o cânon não a nomeia; Levinas diz que outrem não é Deus. O Estudo VIII (4.3) não funde as coisas, e a Luz continua sem nome. O esvaziamento do Filho não entra como leitura do cânon (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X): Fl 2 é aqui letra do interlocutor, nada além. A mesma ponte de Mateus 25 leva a Ricoeur, que a atravessa de outro modo.

5.3 Ricoeur (Estudo IX, 4.3): a filosofia sem absoluto

A terceira casa é a de um protestante que separou, por método, a exegese da filosofia.

Ricoeur declara, em 1995, que não pode dizer, como filósofo, “de onde vem a voz da consciência”, e nomeia a sua relação com a fé como “minha filosofia sem absoluto e minha fé bíblica mais nutrida de exegese do que de teologia” (*Autobiografia intelectual*, ed. espanhola, p. 84, pelo Estudo IX, 4.3) [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]. A nominação de Deus “não é monocórdica, mas polifônica” (*Fé e filosofia*, ed. espanhola, p.

95), e “é perfeitamente inútil opor Jerusalém a Atenas” (p. 197); o ágape é “economia do dom de caráter meta-ético” (*O si-mesmo como um outro*, Prólogo, ed. espanhola, p. XXXIX) [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]. A lógica dessa economia está no Evangelho: “não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?” (Mt 18,33, ARA) [V-gr; V-pt: ARA]; o dom recebido funda o dom dado [leitura do estudo]. Do perdão, Ricoeur diz que em termos absolutos só a vítima pode concedê-lo (*O justo*, ed. espanhola, pp. 204–205) [V-es via Estudo IX, 1.6; paráfrase].

O material entra por decisão do fundador: a Ficha recebe “a polifonia da nominação, o ágape como economia do dom, Jerusalém e Atenas”, como matéria do interlocutor, ao lado da quenose e da substituição (n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX). Entra como pensamento de Ricoeur, ao modo do Tratado das Águas Comuns, em que a raiz cristã do personalismo de Mounier “entra como material, não como doutrina” (“Fundamentação”). O “há perdão” pode ser lido ao lado da Luz sem nome, “sem opor nem reduzir uma coisa à outra, e sem que isso seja nomear” (n.º 6 de 23/10/2026, Estudo IX); o perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça, e a Regra da Misericórdia continua reflexiva (n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX; ver 4.6).

Uma distinção o Estudo IX deixou (5.3): a “consciência mais funda” do cânon é o que a Luz é para quem não crê, ao lado do nome que quem crê traz da fé (Cânon v1.2, “Independência confessional”), e não a *Gewissen* (“consciência moral”) de Ricoeur, em que a voz é injunção. O gesto lembra o do cânon sem ser o mesmo: método de quem tem fé, em Ricoeur; doutrina que deixa o nome a cada pessoa, no cânon [leitura do estudo]. O cânon diz a luz “dada” sem dizer por quem (Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação”); o doador, se há, é nomeado por quem crê. Ricoeur lê o Evangelho com Atenas ao lado; a casa seguinte diz como o Evangelho leu Atenas.

5.4 Platão (Estudo X, 4.2): os livros dos platônicos

A quarta casa é a da recepção do platonismo pelo cristianismo, e o próprio cristianismo marca o que achou e o que não achou.

Agostinho conta que leu “certos livros dos platônicos, traduzidos do grego para o latim”, e que ali achou, “não com estas palavras, mas inteiramente o mesmo”, que no princípio era o Verbo; “Mas que o Verbo se fez carne e habitou entre nós, isso não li ali” (*Confissões*, VII, 9, 13–14, pelo Estudo X, 4.2) [V-la via Estudo X, 4.2; tradução do estudo]. O balanço vem adiante: “onde estava aquela caridade que edifica sobre o fundamento da humildade, que é Cristo Jesus?” (*Confissões*, VII, 20, 26) [V-la via Estudo X, 4.2; tradução do estudo]. Justino separa sem condenar: “não porque as doutrinas de Platão sejam diferentes das de Cristo, mas porque não são em tudo semelhantes” (*Segunda Apologia*, 13, pelo Estudo X, 4.2) [V-en via Estudo X, 4.2; tradução do estudo].

A decisão do sol vale para a casa toda: “o sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz” (n.º 3 de 23/10/2026, Estudo X), e a de 31/10/2026 a estende a Agostinho: a luz imutável que ele viu ao entrar em si “é estrutura, e nunca nome da Luz” (n.º 2 de 31/10/2026, Estudo XII). O que Agostinho diz não ter achado nos livros dos platônicos é o esvaziamento do Filho, que por decisão do fundador não entra (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X). “Isso não li ali” mostra o desenho da fronteira: uma casa pode receber a forma de outra e dizer onde ela termina [leitura do estudo]. Dos gregos que o cristianismo incorporou passa-se a quem o incorporou por inteiro.

5.5 Aristóteles (Estudo XI, 5.2): Tomás e o hábito

A quinta casa recebeu Aristóteles de duas maneiras: por Tomás, que o incorpora, e por Agostinho, que mal o toca.

Tomás recebe o hábito: a virtude “denota uma certa perfeição de uma potência”, e “portanto as virtudes humanas são hábitos” (Tomás, *Suma Teológica*, I-II, q. 55, a. 1, pelo Estudo XI, 5.2) [V-la via Estudo XI, 5.2; tradução do estudo]. O cânon o tem em casa pela dignidade: a pessoa “dorme, adoece, esquece, fracassa — e permanece pessoa inteira” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”).

Três homônimos pedem marca. O hábito de Tomás, que determina a potência ao ato, não é o “por hábito” que encobre a luz (Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve”); o cânon “admite um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma” (n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XI). A “luz” de Tomás é o lume do intelecto, semelhança recebida da luz incriada (*Suma Teológica*, I, q. 84, a. 5, pelo Estudo XII, 5.1) [V-la via Estudo XII, 5.1; paráfrase], e “o intelecto agente ‘como a luz’ é estrutura, nunca nome da Luz” (n.º 9 de 31/10/2026, Estudo XI). E a *caritas*, “uma certa amizade do homem com Deus” (*Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1) [V-la; tradução do estudo], não é a dívida do rio: a amizade fica nas Águas Comuns, e “o Abrigo não pede retorno em ponto algum” (n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XI).

Dos três graus da imagem, só o primeiro é universal (*Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4; ver 2.4), e o cânon diz “intrínseco” do valor de cada pessoa (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I). No mesmo artigo Tomás trata de mulher e varão (*Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4, ad 1) [V-la; paráfrase]; a fronteira fixada para os clássicos (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI) vale aqui como pergunta (ver 4.12), dita sem atenuar. De Tomás, que incorpora Aristóteles dentro da fé, passa-se a Agostinho, que o Estudo XII leu inteiro.

5.6 Agostinho (Estudo XII): a medida

A sexta casa é Agostinho, que o Estudo XII leu inteiro; esta seção mede o que o Estudo XII fixou e não o refaz.

O Estudo XII deixou quatro coisas. A primeira é a fórmula: o Lumen Fluens “aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção”, e “o nome fica fora da fórmula, com cada leitor” (n.º 1 de 31/10/2026, Estudo XII). *Tu autem eras interior intimo meo* (“tu, porém, eras mais interior do que o meu íntimo”, *Confissões*, III, 6, 11) [V-la; tradução do estudo] aproxima as letras por duas anterioridades, a do buscado sobre a busca e a do dom sobre o mérito, e as separa por quem dá (Estudo XII, 3.2); a luz imutável é estrutura, nunca nome da Luz (n.º 2 de 31/10/2026, Estudo XII); e o mestre interior, que em Agostinho é Cristo (“aquele que se diz habitar no homem interior, Cristo”, *De magistro*, XI, 38) [V-la; tradução do estudo], fica “como herança nomeada” (n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII).

A segunda é a Ficha: a “graça” da linha “Misericórdia e graça” é emparelhamento dela (Estudo XII, 5.1), e a decisão obriga a Ficha reescrita a ter duas linhas, a mão que retoma, que é do rio, e a graça, que é toque do cristianismo (n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII). O pedido de Agostinho, que supõe o dom no mandamento (*Confissões*, X, 29, 40; ver 2.5), e a Meditação, que diz que “quem retoma não é a sua força de vontade” (Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia”), são frases de agentes diferentes [leitura do estudo, Estudo XII, 5.1].

A terceira é a fronteira que vale como padrão: “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega” (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII), diante da *massa damnata* e do “número dos eleitos”, que “é certo, e não deve ser aumentado nem diminuído” (*Sobre a correção e a graça*, 13, 39, pelo Estudo XII, 2.11) [V-la via Estudo XII, 2.11; tradução do estudo]. O estudo mede e não reabre; Calvino, *Lumen gentium* 16 e a pergunta se a frase própria cobre a fé exigida, a predestinação, o inferno e o *extra Ecclesiam* estão em 3.11.

A quarta são o corpo e o tempo. A carne não é a causa do pecado da alma (*A cidade de Deus*, XIV, 3; ver 3.5), e isso faz de Agostinho aliado do Corpus (n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII), sem esquecer que ele também não é “só templo”: a corrupção da carne dá estímulos (Estudo XII, 3.7). A *distentio animi* (“distensão do espírito”) é a de quem recita e se dispersa, e o rio do cânon tem herdeiros e ancestrais e é compartilhado (Estudo XII, 4.5). Agostinho abre as *Confissões* com um coração inquieto “até que repouse em ti” (*Confissões*, I, 1, 1, pelo Estudo XII, 4.5) [V-la via Estudo XII, 4.5; tradução do estudo]; o cânon tem a Lux no começo, e “quem o porta, navega” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III): num, o peso leva; no outro, quem porta conduz [leitura do estudo, Estudo XII, 4.5]. Nada disso faz de Agostinho precursor do cânon, nem do cânon versão dele. De Agostinho, que descobriu a vontade, passa-se a Arendt, que o leu a partir do começo.

5.7 Arendt (Estudo XIII, 5.4): Jesus e o perdão, Paulo e a vontade

A sétima casa toca o cristianismo no perdão e na vontade dividida, e o que dela entra na Ficha entra como matéria do interlocutor.

Arendt escreve que o fato de Jesus de Nazaré, o descobridor do papel do perdão, ter feito essa descoberta “num contexto religioso e a ter articulado em linguagem religiosa não é razão para levá-la menos a sério em sentido estritamente secular” (*A condição humana*, §33, pelo Estudo XIII, 2.6; ver 2.6) [V-en via Estudo XIII, 2.6; tradução do estudo]. O Evangelho tem as duas pontas do perdão (Mt 18,22; Jo 8,11; ver 2.6). De Paulo, Arendt faz o teórico da vontade dividida, em que “os dois não são amigos ou companheiros; estão em constante luta entre si” (*A vida do espírito*, II, pelo Estudo XIII, 5.4) [V-es via Estudo XIII, 5.4; tradução do estudo]; o texto é Rm 7 (Rm 7,19; ver 2.5).

Por decisão do fundador, “o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida, como Arendt os lê, entram na revisão da Ficha do Estudo III como matéria do interlocutor” (n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII). O Estudo XIII lembrou que o Jesus de Arendt é leitura dela, feita para o argumento dela, e que “perdão” não tem letra no cânon, cuja Regra “retoma”, e não perdoa (Estudo XIII, 4.6). A medida está pronta: “A Regra desfaz o nó da falha consigo, e o perdão de Arendt o do ato entre outros” (Estudo XIII, 3.8) [hipótese do Estudo XIII]. A letra é que “o rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”; ver 3.2). O contato está no recomeço, e a direção diverge. Quanto a Paulo, o cânon não tem divisão da vontade; a divisão que conhece é outra: “quem diz uma coisa e vive outra vive dividido” (Catecismo, 8; Estudo XII, 4.3). De Arendt, que lê o cristianismo de fora, passa-se à casa que o lia de cima, a Stoa.

5.8 A Stoa (Estudo II, 5.5 e 5.7)

A oitava casa é aquela contra a qual o cristianismo se mediu.

A Stoa foi lida de dentro: Tertuliano chama Sêneca “tantas vezes dos nossos” (*Seneca saepe noster*, *Sobre a alma*, XX, 1, pelo Estudo II, 5.5) [V-la; V-en: Holmes, via Estudo II, 5.5], e a correspondência de Paulo com Sêneca é apócrifa [paráfrase]. Agostinho defende a *misericordia* contra a Stoa: “o que é a misericórdia senão certa compaixão, em nosso coração, pela miséria alheia, pela qual somos movidos a socorrer, se podemos?” (*A cidade de Deus*, IX, 5) [V-la; tradução do estudo]. Pascal lê em Epicteto “orgulho diabólico” (*Conversa com o senhor de Saci*, pelo Estudo II, 5.7) [V-en: Wight, via Estudo II, 5.7; tradução do estudo]. Sobre a providência a Stoa diz assentimento: “não sirvo a deus, assinto” (Sêneca, *Sobre a providência*, 5, 6, pelo Estudo II, 5.7) [V-la via Estudo II, 5.7; tradução do estudo].

O cânon responde em linhas fixadas. A providência é fronteira da série: “a Vigília promete presença, não vitória, e o cânon não diz que a noite é prova”, dentro do limite de que o cânon “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua” (n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II; n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII). Por isso a fórmula da Stoa não diz “recusa a providência”, pela n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII, e pela n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II. “Misericórdia” tem quatro usos, cada um na sua voz: a que Sêneca recusa, a

clementia que louva, a Regra da Misericórdia e a graça da tradição cristã (Estudo II, 4.3), e a separação da n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII, cobre (n.º 6 de 03/11/2026, Estudo II).

Há ainda uma nota comum na fronteira da escravidão: Gregório de Nissa pergunta pelo preço da imagem de Deus (*Homilia 4 sobre o Eclesiastes*; ver 3.1). O padrão das fronteiras estende-se à Stoa (n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II); se se estende ao cristianismo é a pergunta de 3.12. Da casa que o cristianismo mediu para a que chega a ele pela compaixão, passa-se ao budismo.

5.9 O budismo (Estudo I, 5.8)

A nona casa chega ao cristianismo pela compaixão e pelo silêncio, e o Estudo I a trata como porta.

Nāgārjuna encerra a obra saudando Gautama, “que por compaixão ensinou a doutrina verdadeira” (*Mūlamadhyamakakārikā*, XXVII, 30, pelo Estudo I, 5.8) [V-skt; V-en: Garfield, via Estudo I, 5.8; tradução do estudo]. O homônimo se declara: *karuṇā* (“compaixão”) não é o Abrigo, que o cânon dirige a “quem chega até nós” (Cânon v1.2, “O Abrigo”) e que “não vai até a substituição” (n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII). O silêncio também: o Buda deixou dez pontos sem resposta, por não serem “ligados ao fim” (*Majjhima Nikāya*, 63, 7–8, pelo Estudo I, 5.8) [V-pi via Estudo I, 5.8; tradução do estudo], e o cânon deixa a origem da luz como “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”); os dois silêncios se parecem na forma e diferem nas razões [hipótese do Estudo I, 5.8].

A Igreja Católica olha as demais religiões com respeito e vê nelas “um raio da verdade que ilumina todos os homens” (*Nostra aetate*, n.º 2) [V-pt: Vaticano]; esta “luz” é a do Verbo, e não a Lux. Merton (*Mystics and Zen Masters*, 1967) e Thich Nhat Hanh (*Living Buddha, Living Christ*, 1995) ficam como obra, sem tese atribuída [tese a confirmar; página a confirmar]. A fronteira da série alcança o Oriente: “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite” (n.º 6 de 03/11/2026, Estudo I). Das casas já visitadas passa-se às que ainda são só portas.

5.10 Três portas: o Vedanta, o existencialismo e o taoísmo

As três casas que ainda não vieram são portas; esta seção só as aponta.

O Vedanta é do Estudo IV, escrito junto a este. Abhishiktananda (*Saccidananda*, 1974) e Panikkar (*The Unknown Christ of Hinduism*, 1964) ficam como obras, sem tese atribuída [tese a confirmar; página a confirmar]; o Estudo IV as mede. O Estudo I já registrou que a disputa entre eu e não-eu não é a oposição do cânon, que é aberto contra fechado: “pessoal, nunca individual” (Estudo I, 5.8; Tratado das Águas Comuns, “Definição”) [leitura do estudo].

O existencialismo é porta do Estudo V, que a abrirá com Marcel e Jaspers. Dele o cristianismo traz Kierkegaard, que dá ao amor ao próximo a forma do dever (ver 2.7) e ao pecado a relação diante de Deus, e não a luz encoberta (ver 2.5), e Dostoiévski (ver 2.6). O perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça (ver 4.6), e Moriá, onde Kierkegaard põe a fé acima do ético e Hebreus lê a ressurreição, segue em silêncio no cânon (ver 4.7) [leitura do estudo]. O taoísmo é porta do Estudo VI. O estudo não encontra letra que o ponha diante do cristianismo e não atribui tese a ninguém; fica o registro do Estudo I, em que a Ficha do Estudo VI tocou o taoísmo no *wu wei* e separou-se em impessoal contra pessoal (Estudo I, 5.8). Das portas passa-se ao desenho que as casas fazem juntas.

5.11 O padrão

Olhadas juntas, as visitas repetem um gesto, e o estudo o chama de hipótese. Cada casa recebe do cristianismo uma coisa e decide o que fazer com o nome. Hegel toma a Encarnação como conteúdo do espírito; Levinas, a humildade de Deus e a substituição; Ricoeur, a nominação polifônica; Platão é lido e delimitado, e Aristóteles entra por Tomás como hábito; Agostinho tem a fórmula do Estudo XII, o dentro sem a exceção; Arendt toma o perdão e a vontade dividida; a Stoa é medida pela *misericordia* e pela providência; o budismo chega pela compaixão e pelo silêncio [hipótese do estudo]. O mesmo desenho apareceu no Estudo XII, 5.9, e no Estudo XIII, 4.10. Um segundo gesto: nenhuma casa levou o cristianismo inteiro, e o estudo não escolhe entre as famílias católica, ortodoxa e protestante. Nenhuma pôs o cristianismo como árbitro do cânon. A volta pelas casas está feita; o capítulo 6 mede a Ficha, as decisões e o que as casas já disseram.

6 A FICHA E AS PRÉVIAS: O QUE A SÉRIE JÁ DISSE DO CRISTIANISMO

Este capítulo mede o que existia antes do estudo: a Ficha de outubro, as decisões do fundador que já lhe mandaram matéria e as passagens em que a série tocou o cristianismo. Só a última seção reescreve a Ficha, e como proposta.

6.1 A Ficha do Estudo III, toque a toque e fronteira a fronteira

A Ficha de outubro tem sete frases, quatro toques e três fronteiras. Nenhuma é cópia da letra: as cinco primeiras têm letra ao menos em parte, as duas últimas não têm nenhuma. Pela contagem do estudo, “Cristo”, “Jesus”, “Igreja”, “culto”, “pecado”, “caridade”, “perdão” e *imago Dei* (“imagem de Deus”) não ocorrem na letra do cânon. “Graça” só aparece uma vez, no título de uma obra de Weil (*A gravidade e a graça*, no Tratado da Vigília). “Deus” ocorre sete vezes, e nunca como nome que o cânon dê à Luz: duas no Cânon v1.2, duas no Catecismo, uma no Tratado da Luz Interior e duas no Tratado da Vigília, no título de Weil, *Espera de Deus*.

Primeiro toque. A Ficha diz: “Dignidade anterior ao mérito: a *imago Dei* (Gn 1,26) é a grande escola dessa intuição”. A metade da dignidade é letra: “a dignidade precede o mérito” (Tratado da Luz Interior, “Síntese”) e “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I; ver 3.1). “A grande escola”, Gn 1,26 e a imagem não têm letra. O Gênesis confirma o toque (Gn 1,27; ver 2.4), e Tomás mede a extensão: distingue três imagens, e só a primeira é de todos (*Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4; ver 2.4). As outras são graus, e o cânon não os adota: a Lux “admite graus de visão, nunca de valor” (n.º 2 de 23/10/2026, Estudo X).

Veredito: confirmado o toque; corrigido “a grande escola”, que é história e não identidade, e que pede a fronteira na mesma linha. A imagem é de um Criador nomeado; o cânon diz “intrínseco” e “dada” sem dizer por quem (n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII: “A luz é dada antes de qualquer relação”). O estudo pergunta ao fundador (ver 4.1) se a Ficha reescrita faz isso.

Segundo toque. A Ficha diz: “A luz: ‘a luz que ilumina todo homem’ (Jo 1,9); a lâmpada que não se esconde (Mt 5,14-16); Agostinho, *interior intimo meo*”. Só Agostinho é letra: o Tratado da Luz Interior (“Fundamentação”) o cita, e o mestre interior fica como herança nomeada (n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII). A frase é “Tu, porém, eras mais interior do que o meu íntimo e mais alto do que o meu mais alto” (*Confissões*, III, 6, 11) [V-la; tradução do estudo]; o “Tu” é Deus, e o Tratado leva só metade da fórmula (Estudo XII, 3.2).

As outras luzes são homônimos da Lux, e já ficaram ditos em 2.3: a de João é o Verbo, e as traduções divergem sobre a que “vinda ao mundo” se liga; a de Mt 5 são os discípulos; a dos quacres é Cristo. Nenhuma das quatro, a de Agostinho incluída, é a Lux.

Veredito: confirmado Agostinho; mantido o toque de estrutura, uma luz que se encobre e se mostra; corrigida “a lâmpada que não se esconde”, aproximação da Ficha com a lamparina do cânon, que tem três lugares, de museu, guardada do vento e posta no rio [leitura do estudo]. O estudo pergunta ao fundador (ver 4.2) se o dos quacres pede nota ao Tratado.

Terceiro toque. A Ficha diz: “Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz”. A retomada é letra: “Falhar na regra não apaga a luz”, e o rio não pune a folha, “ele a retoma” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”; ver 3.2). A Regra fala a quem falhou consigo mesmo: “seu endereço é reflexivo” (Disputatio, 3, “Respondeo”), e a mão que retoma é o rio (n.º 4 de 17/10/2026, Estudo VII). “Graça” não é letra, e é do cristianismo (Ef 2,8, ARA; *Confissões*, X, 29, 40; ver 2.5). Veredito: a linha junta duas coisas, e a n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII, as separa (ver 6.2); a “graça” da Ficha era “emparelhamento” (Estudo XII, 5.1). São duas linhas: a Misericórdia é letra do cânon, e a graça é toque do cristianismo.

Quarto toque. A Ficha diz: “Abrigo e caridade: ‘vinde a mim os cansados’ (Mt 11,28)”. A letra tem o cansado: “braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só” (Cânon v1.2, “O Abrigo”); “caridade” não ocorre. Em Mt 11,28 quem fala é Jesus, de si (ver 4.5). No Abrigo quem abriga é a pessoa, “a quem chega até nós” (Cânon v1.2, “O Abrigo”), e “o Abrigo revela e nada exige” (n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII); a palavra do cânon é “há uma luz devida ao outro” (Catecismo, 36). A *caritas* (“caridade”) de Tomás é “uma certa amizade do homem com Deus” (*Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1) [V-la; tradução do estudo]. Veredito: confirmada a figura do cansado; corrigida a direção; abandonada “caridade”, que não é a dívida do rio [leitura do estudo].

Quinto, a primeira fronteira. A Ficha diz: “Estrutura vs. revelação: não nomeamos a origem da Luz — para o cristão, a Luz é Deus; a filosofia não decide por ninguém”. É a única linha com letra nas duas metades: “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus” e “A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”; Catecismo, 26; ver 4.1), e a origem é “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto” (Tratado da Luz Interior, “Fundamentação”). “Deus” é voz de quem crê, nunca a do estudo, e “revelação” é título da Ficha: o “revela-se” de “Os Quatro Pilares”, I, diz que a luz já está (Estudo VII, 4.3). Veredito: confirmada, com a correção de voz: “quem crê”.

Sexto, a segunda fronteira. A Ficha diz: “Sem culto: regra pessoal, não rito eclesial”. “Culto” não ocorre, e a frase não é letra (Estudo I, 4.9). “Regra pessoal” não traduz a letra: a Regra de Vida tem ritmo de dia, semana e estação, e a celebração maior é “idealmente com outros” (Catecismo, 44). Bento manda “vigiar a cada hora os atos da própria vida” (*Regra*, 4; ver 3.8) [V-la; tradução do estudo], dentro de um mosteiro. Veredito: fronteira verdadeira, frase corrigida: o cânon não prescreve culto, igreja nem sacramento, e tem regra [leitura do estudo]; ver 3.10.

Sétimo, a terceira fronteira. A Ficha diz: “Fidelidade intra-histórica: sobre o depois do rio, silêncio respeitoso”. “Morte” e “morrer” não ocorrem; a frase é da Ficha (Estudo I, 4.8). O cristianismo é nítido sobre o depois (1Cor 15,14; ver 2.8). No cânon há a lamparina “levada mais longe do que qualquer um iria sozinho” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”), que é a circulação do rio e não está dita além-túmulo [leitura do estudo]; “o silêncio à beira d’água” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”) é a margem, não o depois. Veredito: confirmada a fronteira; “silêncio respeitoso” é palavra da Ficha: o cânon não diz nada do depois; a lamparina vai ao rio. Da medida passa-se às decisões que já mandaram matéria à Ficha (6.2).

6.2 As seis decisões que mandaram matéria à Ficha e as duas que fecharam portas

Oito decisões do fundador tocam a Ficha: seis lhe mandaram matéria, duas fecharam portas. Nenhuma se reabre; cada uma entra com o seu texto.

A quenose (“esvaziamento”) e a substituição, com o limite. A n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII, diz: “A ficha do Estudo III será revista para receber a quenose e a substituição, que o cristianismo de Levinas põe no centro”; a n.º 4 do mesmo dia: “O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola: ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague”. Entra a letra do cristianismo (Fl 2,7 e Is 53,4, ARA; ver 2.3 e 2.7) e a previsão de Levinas de que o cristão julgará a medida insuficiente (ver 5.2). Entra a fronteira, e nada mais: o limite é o da substituição, a quenose entra como matéria do interlocutor, e o estudo não estende o limite a ela.

O material de Ricoeur. A n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX, diz: “A Ficha do Estudo III recebe também o material de Ricoeur — a polifonia da nominação, o ágape como economia do dom, Jerusalém e Atenas —, como matéria do interlocutor”. As passagens estão em 4.3. Entram como matéria do interlocutor, e a polifonia não dá nome à Lux.

O corpo. A n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII, diz: “O corpo contra os platônicos entra na Ficha do Estudo III: *Cidade de Deus* XIV, 3 fica como aliado do Corpus. ‘Só templo’ fica como está”. A medida é a do Estudo XII, 3.7, com Agostinho por extenso em 3.5: o Corpus não diz alma, pecado nem ressurreição, e Agostinho não é “só templo”, pois admite incitamentos aos vícios que vêm da carne corruptível. O homônimo fica dito: “o vosso corpo é templo do Espírito Santo” é de Paulo (1Cor 6,19, Ave-Maria, que diz “templo”; a ARA diz “santuário”, ver 2.9) [V-gr; V-pt: Ave-Maria]; os “tijolos do templo” do Pilar IV são o corpo, o lugar e o ritmo (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV).

Misericórdia e graça. A n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII, diz: “a linha ‘Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz’, da Ficha do Estudo III, separa-se em duas — a mão que retoma, que é do rio, e a graça, que é toque do cristianismo”. Entram duas linhas, cada uma com o seu verbo (retomar; dar). O homônimo “misericórdia” tem quatro usos e já ficou dito (Estudo II, 4.3; n.º 6 de 03/11/2026, Estudo II).

Jesus e Paulo, como Arendt os lê. A n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII, diz que “o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida, como Arendt os lê, entram na revisão da Ficha do Estudo III como matéria do interlocutor”. Jesus entra na voz dela (*A condição humana*, §33; ver 2.6); Paulo, no que ela faz dele (*A vida do espírito*, II; ver 5.7). A Regra desfaz o nó da falha consigo; o perdão de Arendt é o do ato entre outros (Estudo XIII, 4.6) [hipótese do estudo].

As duas portas. A n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X: “o esvaziamento do Filho não entra na revisão da Ficha do Estudo III”; a quenose entra como matéria, e o esvaziamento do Filho não vira leitura do cânon nem pergunta. A n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII: “O mestre interior fica como herança nomeada: como está no Tratado da Luz Interior, dito a propósito de Agostinho; não passa a estrutura sem nome”.

Dois limites de redação vêm de outras decisões. A n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII, fixa que “o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua” (a teodiceia é a justificação de Deus diante do mal). Por isso a Ficha não diz “recusa a providência”: a exclusão é dupla, pela n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII, e pela n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II. E “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte” (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII) é frase própria da série; o estudo a mede (ver 4.11). A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.

6.3 As seções dos Estudos VII a XIII e dos Estudos I e II sobre o cristianismo

Cada seção tomou a Ficha como pergunta e a deixou como estava.

O Estudo VII, 4.3, chama a Ficha de “a convergência mais profunda e a fronteira mais importante” e distingue o “revela-se” de *offenbar* (“manifesto”): confirma-se, e a convergência está na estrutura, a fronteira no nome. O Estudo VIII, 4.3, não funde “a Luz de quem crê e o rosto do outro”: confirmado. O Estudo IX, 4.3, distingue a “consciência mais funda” do cânon da *Gewissen* (“consciência moral”) de Ricoeur: confirmado. O Estudo X, 4.2, anotou que o esvaziamento do Filho era matéria da revisão; a n.º 9 de 23/10/2026 respondeu que não. O Estudo XII, 5.1, disse que a “graça” da Ficha era emparelhamento: confirmado e decidido. O Estudo XIII, 5.4, escreveu que “o cânon não é cristão nem anticristão”: confirmado. Os Estudos I, 5.8, e II, 5.7, deixaram a este estudo o cristianismo, Tomás e a providência.

Duas coisas saem da leitura conjunta [leitura do estudo]. As seções que repetem “sem culto” ou o “depois do rio” (Estudos VII, VIII, IX, XI e XIII) não as mediram; o Estudo I, 4.8 e 4.9, foi o primeiro a dizer que não são letra. E nenhuma decidiu sobre o cristianismo: o que decidiu veio das listas do fundador. Das passagens da série passa-se à Ficha reescrita (6.4).

6.4 A Ficha reescrita: aprovada pelo fundador

A letra abaixo foi proposta ao fundador na versão 1.0 e aprovada em 4 de novembro de 2026 (decisão n.º 10 de 4 de novembro sobre o Estudo III), com três acréscimos marcados em Fronteiras (as n.º 7, 8 e 11 da mesma lista); substitui a Ficha de outubro. Na versão 1.0 dizia-se: a letra é proposta, não decisão; segue a forma da Ficha II (toques; fronteiras com "×") e marca a matéria decidida com "[Acrescentado por decisão do fundador em …]"; a linha "Misericórdia e graça" separa-se em duas, pela letra da n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII: a graça, "toque do cristianismo", vai entre os toques; em Fronteiras fica só o "quem dá", que permanece marcado como proposta do estudo. O estudo perguntava ao fundador (ver 4.13 e 7.3, questão (ch)) se aprovava, emendava ou mantinha a Ficha de outubro.

> Toques

> - A *imago Dei* e a dignidade anterior ao mérito (Gn 1,27, ARA; *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4) ao lado do valor intrínseco (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I).

> - A candeia que não se esconde e Agostinho (Mt 5,15, ARA; *Confissões*, III, 6, 11) ao lado da luz que se revela (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I).

> - Retomar: "setenta vezes sete" (Mt 18,22, ARA) [V-gr; V-pt: ARA] e o Jesus do perdão como Arendt o lê (*A condição humana*, §33) ao lado da mão que retoma, que é o rio (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia"). [Acrescentado por decisão do fundador em 31/10/2026 (Estudo XIII, n.º 11)]

> - A graça, que é toque do cristianismo (Ef 2,8, ARA; *Confissões*, X, 29, 40). [Acrescentado por decisão do fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 10): separação em duas linhas]

> - A polifonia da nominação, o ágape como economia do dom e Jerusalém e Atenas (Ricoeur) ao lado da Independência confessional. [Acrescentado por decisão do fundador em 23/10/2026 (Estudo IX, n.º 12)]

> - O corpo contra os platônicos: *A cidade de Deus*, XIV, 3, aliado do Corpus (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV). [Acrescentado por decisão do fundador em 31/10/2026 (Estudo XII, n.º 8)]

> - O exame ao fim do dia: o primeiro ponto de Inácio, "dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos" (*Exercícios espirituais*, n. 43) [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo], ao lado do Examinar, que fecha com gratidão (Cânon v1.2, "Regra de Vida").

>

> Fronteiras

> - Quem dá: a origem nomeada (para quem crê, a Luz é Deus; a imagem é de um Criador, Gn 1,27; a graça é dom, Ef 2,8, ARA) × o cânon, que deixa a origem em aberto

(Cânon v1.2, “Independência confessional”), nomeia a graça só como toque do cristianismo e diz Misericórdia (reflexiva) para o que ele mesmo pratica [proposta do estudo].

> - A mão que retoma, reflexiva e sem outra pessoa × o perdão que só outros dão (Arendt, *A condição humana*, §33) e a vontade dividida de Paulo (Arendt, *A vida do espírito*, II).

> - Quem chama × quem abriga: Jesus, que chama a si os cansados (Mt 11,28, ARA), e a *caritas* (*Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1) × a pessoa que abriga, por dívida: “Sê casa para o outro” (Cânon v1.2, “O Abrigo”; Catecismo, 36).

> - A quenose e a substituição (Fl 2,7 e Is 53,4, ARA; Levinas) × o Abrigo e o limite da Bússola; o limite é o da substituição, e o esvaziamento do Filho fica fora (n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X). [Acrescentado por decisão do fundador em 19/10/2026 (Estudo VIII, n.º 4 e n.º 10)]

> - Vigiar × velar: velar com alguém na noite, “ficai aqui e vigiai comigo” (Mt 26,38, ARA) [V-gr; V-pt: ARA], e esperar o que vem, as virgens (Mt 25,1-13) e Mc 13,33-37 × “Velar não é vigiar nem esperar” (Tratado da Vigília, “Definição”).

> - O mosteiro e sua regra (Bento, *Regra*, 4) × a Regra de Vida, sem culto, sem igreja e sem sacramento, mas com regra (Cânon v1.2, “Regra de Vida”).

> - A ressurreição (1Cor 15,14, ARA) × a lamparina no rio (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”): o cânon não diz nada do depois; a lamparina vai ao rio.

> - A fé exigida (Jo 14,6 e At 4,12, ARA) × a fronteira da série, que nenhuma pessoa está fora da Lux (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII; ver 6.2), com *Lumen gentium* 16 ao lado.

> - A consciência como voz de Deus (Newman, *Carta ao Duque de Norfolk*, §5; Vaticano II, *Gaudium et spes*, n.º 16) × a Bússola, que “apenas veta” (Cânon v1.2, “A Bússola”): o veto é a própria Luz, sem voz externa (n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X; ver 4.9). [Acrescentado por decisão do fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 7)]

> - O pecado original, a culpa herdada (Rm 5,12, ARA, e a leitura agostiniana do *in quo*) × “Ninguém começa do zero”, o rio herdado (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II); a luz é de cada um, e o cânon, em lugar de “pecado”, tem a luz encoberta, a noite e o lobo, com o Paulo da vontade dividida de Arendt ao lado (Rm 7,19, ARA; Arendt, *A vida do espírito*, II; ver 4.4). [Acrescentado por decisão do fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 8)]

> - A escravidão e a mulher: Ef 6,5 (ARA) × Gl 3,28 (ARA), e 1Tm 2,12 (ARA) × Gl 3,28, com Tomás (*Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4, ad 1) × a fronteira da série, que nenhuma pessoa está fora da Lux (n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII), no padrão das fronteiras dos clássicos (n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI); a tradição que as disputou: Gregório de Nissa (*Homilia 4 sobre o Eclesiastes*; ver 3.1) e Las Casas (ver 4.12). [Acrescentado por decisão do fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 11)]

Mudam seis coisas [leitura do estudo]: saem “a grande escola”, “caridade”, “regra pessoal” e “silêncio respeitoso”; “Misericórdia e graça” vira duas linhas, e a graça fica entre os toques; “vinde a mim” passa a fronteira de direção. A proposta não dá nome à Lux (ver 6.1, quinto), deixa fora o esvaziamento do Filho e o mestre interior e remete ao capítulo 4 o que não cabe em uma linha: a consciência e a Bússola (4.9), o pecado e a luz encoberta (4.4), amar os inimigos e o lobo (4.6), a providência e Moriá (4.7), a mulher e a escravidão (4.12). A Ficha fica com sete toques e onze fronteiras. Entraram por decisão do fundador de 04/11/2026 três fronteiras em Fronteiras: a consciência e a Bússola (n.º 7), o pecado original e “ninguém começa do zero” (n.º 8) e a escravidão e a mulher (n.º 11), que o parágrafo anterior remetia ao capítulo 4 (4.9, 4.4 e 4.12); a fé exigida fica com a linha que já tinha, sem frase própria (n.º 9). Segue o capítulo 7, com a síntese, a fórmula e as perguntas abertas.

7 SÍNTESE, FÓRMULA E QUESTÕES ABERTAS

7.1 O que o estudo encontrou

O capítulo reúne o que os cinco anteriores mostraram e o põe diante do fundador. O estudo partiu de uma Ficha de sete frases e de uma tese — o cristianismo e o cânon partilham a gramática da luz interior e divergem na origem nomeada e na promessa — e chegou a três fronteiras, a do nome, a da promessa e a do juízo, e a um conjunto de toques maior do que a Ficha supunha [leitura do estudo].

A gramática comum é a primeira coisa que o estudo encontrou. A luz que se encobre e se mostra tem letra no Evangelho — a lâmpada que ninguém põe debaixo do alqueire, e "Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas" (Lc 11,35, ARA; ver 3.1) [V-gr; V-pt: ARA] — e letra no cânon: "a luz não se acende — ela se revela" (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", I). A dignidade antes do mérito tem a *imago Dei* por escola histórica e o Pilar I por letra: o valor é "anterior a qualquer conquista ou circunstância" (3.1). O perdão sem conta, "até setenta vezes sete" (Mt 18,22, ARA; ver 2.6) [V-gr; V-pt: ARA], e a Regra da Misericórdia, "Falhar na regra não apaga a luz" (Cânon v1.2, "A Regra da Misericórdia"), recusam, os dois, o cálculo (3.2). O samaritano foi "o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores" (Lc 10,36, ARA; ver 2.7) [V-gr; V-pt: ARA], e o Abrigo é casa "a quem chega até nós" (3.3). A "nuvem de testemunhas" (Hb 12,1, ARA) [V-gr; V-pt: ARA] e os ancestrais do Flumen dizem que ninguém começa do zero (3.4).

O corpo é templo em Paulo e "tijolos do templo" no Pilar IV (Cânon v1.2, "Os Quatro Pilares", IV), e *A cidade de Deus*, XIV, 3, entrou por decisão como aliado do Corpus (3.5). O exame de Inácio abre por dar graças e o Examinar fecha com gratidão (3.7); a Regra de Bento e a Regra de Vida são regra, as duas (3.8).

A segunda coisa é que a gramática comum tem, em cada toque, uma fronteira na mesma frase. A imagem é de um Criador nomeado; a luz do cânon é "de alguém" (decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I), sem origem dita (4.1). A luz joanina é Cristo, a de Mateus são os discípulos, a dos quacres é Cristo em cada um, e nenhuma é a Lux (4.2). A graça é dom de Deus, e por decisão é toque do cristianismo; a mão que retoma é do rio, e a Misericórdia do cânon é reflexiva (4.3). O pecado é culpa, e o cânon tem luz encoberta; o pecado original é herança de culpa, e "ninguém começa do zero" é herança de rio (4.4).

"Vinde a mim" é dito por quem chama; "sê casa para o outro" é dito a quem abriga; o *agapē* volta a Deus, a dívida do rio vai ao outro, que tem luz própria (4.5). O mandamento de amar os inimigos (Mt 5,44) é do Evangelho; o cânon resiste ao lobo e lhe deve justiça, e deixa o perdão da vítima para o tratado (4.6). A vigília das virgens espera o Senhor; a Vigília do cânon não espera fim — e "vigiai comigo", em Getsêmani, é vigiar com alguém na noite, outra face do mesmo homônimo, toque mais próximo da Vigília, que tem o verbo próprio velar (4.7). A ressurreição responde ao depois; o cânon não diz nada do

depois, e a lamparina vai ao rio (4.8). A consciência é, em Newman, voz de Deus; a Bússola veta sem voz externa (4.9). A confissão tem ouvinte e absolvição; o Examinar é “em voz baixa ou numa frase escrita” (4.10). A fé é exigida; “nenhuma pessoa está fora da Lux” (4.11).

A terceira coisa é que a Ficha de outubro, medida frase a frase, não tem nenhuma linha que seja letra inteira (6.1). As cinco primeiras têm letra em parte: a dignidade antes do mérito, Agostinho, “falhar não apaga a luz”, o cansado que descansa, a independência confessional nas duas metades — esta sempre na voz de “quem crê”. As duas últimas, “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial” e “sobre o depois do rio, silêncio respeitoso”, são da Ficha, e o estudo as reescreve: o cânon não prescreve culto, igreja nem sacramento, e tem regra; o cânon não diz nada do depois. Quatro correções saem daí (4.13): “misericórdia e graça” são duas linhas; “vinde a mim” inverte a direção do Abrigo; “sem culto” não é “sem regra”; o toque da luz é maior, e a fronteira é a origem.

A quarta coisa é que seis decisões do fundador já tinham mandado matéria a esta Ficha, e o estudo as recebeu como decididas (6.2): a quenose e a substituição (duas decisões), com o limite da Bússola; o material de Ricoeur; o corpo de *A cidade de Deus*, XIV, 3; a separação da misericórdia e da graça; o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida como Arendt os lê. E duas portas ficaram fechadas: o esvaziamento do Filho e o mestre interior como estrutura. Nenhuma das três fronteiras do estudo reabre decisão; cada uma a usa [leitura do estudo].

A quinta coisa é o padrão (5.11). As casas da série leram o cristianismo de dentro ou de fora, e três delas o leram como matéria do interlocutor por decisão do fundador — Levinas, Ricoeur, Arendt. Hegel o suprime na filosofia; Agostinho é o cristianismo inteiro visitado no Estudo XII; a Stoa é a casa com que ele trocou a *misericordia* e a providência; Platão e Aristóteles entram por Agostinho e por Tomás; o budismo entra por uma porta. O padrão é que o cristianismo não é uma casa entre as outras na série: é a casa de onde várias outras falam, e a casa de que o cânon mais herda sem ser dela [hipótese do estudo]. Da síntese passa-se à fórmula (7.2).

7.2 A fórmula

A série dá a cada casa uma fórmula de duas metades: o que o Lumen Fluens aceita dela e o que recusa. O estudo propõe ao fundador, e só ele pode adotá-la: **o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo.**

A anterioridade entra como estrutura, não como palavra da letra cristã. É a dignidade antes do mérito, que a Ficha chamou “a grande escola” e que o estudo encontrou na *imago Dei* — a imagem que o pecado deforma e não destrói, a primeira imagem, “em todos os homens” (Tomás, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4; ver 2.4) [V-la; tradução do estudo] — e que o cânon diz com as suas palavras: o valor “anterior a qualquer conquista

ou circunstância” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I); “a dignidade precede o mérito” (Tratado da Luz Interior, “Síntese”); “A luz é dada antes de qualquer relação” (decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII). A anterioridade não coincide com nenhum termo cristão e não nomeia quem dá: é a estrutura que as duas casas afirmam, e o cristianismo afirmou primeiro [leitura do estudo].

O juízo recusado é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de um veredito: o Juízo que separa, a sentença final sobre a pessoa. Não é a justiça devida ao lobo, que “resiste-se, e deve-se justiça” (Catecismo, 36) e fica para o tratado; não é o juízo que o cristianismo também recusa quando diz que a graça não se merece (Ef 2,8, ARA; ver 2.5) [V-gr; V-pt: ARA] [leitura do estudo]. O cânon diz, do seu lado: “Falhar na regra não apaga a luz” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”); o Examinar “não é o exame de um juiz severo” (Meditações Práticas, “O Examinar da noite”); e, na Disputatio, “o afogamento não é a medida final do que essa pessoa era” (Disputatio, 3, “Respondeo”). O juízo, em si, fica com quem crê nele. A fórmula marca a posição do cânon e não julga o cristianismo; não toca na ordem do todo (decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII) e não nomeia a Luz por contraste (4.13).

O estudo pesou outras letras e as deixou de lado, com a razão dita em 4.13: “dádiva × limiar” (“limiar” é polissêmico no campo da morte e do templo e se sobrepõe a “exceção” e a “chegada”; “dádiva” supõe doador); “anterioridade × condição” (“condição” é a glosa comum a todas as fórmulas da série, não a letra própria desta casa); “perdão × promessa” (“promessa” é a palavra com que a decisão n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII, lê o compromisso do Abrigo; “perdão” roçaria a n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX); “luz devida × nome” e “imagem × Criador” (nomeiam a Luz por contraste quando tomadas como fórmula, porque fazem da origem a metade da frase); “recusa a graça” (a graça é toque por decisão); “recusa a providência” (já excluída: n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII; n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II). O risco que o estudo registra é a vizinhança com “recusa a exceção”, do Estudo XII: a exceção mede quem recebe a graça, e o juízo mede o que se faz depender da pessoa; as duas se aproximam, e o fundador decide se a distância basta. A escolha é a pergunta (by). Da fórmula passa-se às perguntas (7.3).

7.3 Questões abertas

As perguntas deste estudo vão de (by) a (ch) e seguem às do Estudo II, que vão de (bo) a (bx); as do Estudo IV, escrito em paralelo, vão de (ci) a (cr). As herdadas (g), (j) e (k) vêm pelo nome. Nenhuma reabre decisão tomada; o material decidido não vira pergunta; todas são do estudo, e só o fundador decide.

(by) A fórmula. O estudo propõe “o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo”, com a glosa de 7.2, e registra as letras que caíram. O risco é a vizinhança com “recusa a exceção” (Estudo XII): a exceção mede quem recebe; o juízo

mede o que se faz depender da pessoa. O fundador adota, emenda ou recusa? (4.13, 7.2) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 1): a fórmula está adotada: o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo. A anterioridade entra como estrutura — a dignidade antes do mérito, que o cânon diz "anterior a qualquer conquista ou circunstância" e que a *imago Dei* ensinou —, não como palavra da letra cristã; o juízo recusado é a condição de que o que a pessoa é, ou vale, dependa de um veredito — não a justiça devida ao lobo, que fica para o tratado. O juízo, em si, fica com quem crê nele; a fórmula não julga o cristianismo e não toca na ordem do todo (decisão n.º 7 de 31 de outubro sobre o Estudo XII).]

(bz) A *imago Dei*. A Ficha dizia que a imagem "é a grande escola dessa intuição"; a letra do cânon diz que a dignidade precede o mérito e que a luz é dada, e não tem *imago Dei*, criatura nem criação. A Ficha reescrita mantém o toque e diz a fronteira na mesma linha — imagem de um Criador nomeado × luz de cada pessoa, de origem não dita —, com a herança dita e a identidade não afirmada? (4.1) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 2): a *imago Dei* lê-se ao lado da dignidade intrínseca: a Ficha reescrita mantém o toque e diz a fronteira na mesma linha — imagem de um Criador nomeado × luz de alguém sem origem dita —, com a herança dita e a identidade não afirmada.]

(ca) A lâmpada e as cinco luzes. A lâmpada sob o alqueire (Mt 5,15) e "a luz que há em ti" (Lc 11,35) leem-se ao lado de "a luz não se acende — ela se revela", como leitura, com a fronteira dita (a luz joanina é Cristo)? E o homônimo histórico da "luz interior" dos quacres, que em Fox é Cristo em cada um, fica registrado só neste estudo ou pede nota ao Tratado da Luz Interior? (4.2) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 3): a lâmpada sob o alqueire e "a luz que há em ti" leem-se ao lado de "a luz não se acende — ela se revela": como leitura, com a fronteira dita — a luz joanina é Cristo, a de Mateus são os discípulos. O homônimo histórico da "luz interior" dos quacres pede nota ao Tratado da Luz Interior, com redação a aprovar pelo fundador.]

(cb) "Setenta vezes sete" e o Jesus do perdão. O perdão sem conta e o Jesus de Arendt, que descobriu o perdão como faculdade humana (matéria decidida), leem-se ao lado da Regra da Misericórdia como leitura, com a fronteira da direção — reflexiva, com a mão do rio × de Deus e ao próximo —, sem pôr "perdão" na boca do cânon? (4.3) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 4): "setenta vezes sete" e o Jesus do perdão de Arendt leem-se ao lado da Regra da Misericórdia: como leitura, com a fronteira da direção — reflexiva, com a mão do rio × de Deus e ao próximo —, sem pôr "perdão" na boca do cânon.]

(cc) Vigiar e velar. "Vigiai comigo", de Getsêmani, e as lâmpadas das virgens leem-se ao lado da Vigília: a Ficha reescrita registra o homônimo com as duas faces (vigiar com alguém na noite × esperar o que vem), com o verbo próprio do cânon, velar, que o Tratado da Vigília diz que "Velar não é vigiar nem esperar", e com Getsêmani como o toque mais

próximo? E “só o Deus que sofre pode ajudar” (Bonhoeffer) fica como o toque mais fundo, dito com a fronteira — lá, Deus na noite; aqui, a luz de uma pessoa? (4.7) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 5): vigiar e velar: a Ficha reescrita registra o homônimo com as duas faces — velar com alguém na noite (“vigiai comigo”, Getsêmani) × esperar o que vem (as virgens) —, e a Vigília do cânon não espera fim; “só o Deus que sofre pode ajudar” (Bonhoeffer) fica como o toque mais fundo, dito com a fronteira: lá, Deus na noite; aqui, a luz de uma pessoa.]

(cd) O exame, a regra e o “sem culto”. O exame de Inácio e o Examinar leem-se lado a lado, com a fronteira da gratidão (a Deus × a alguém do rio) e a do juiz (diante de Deus × “não é o exame de um juiz severo”), e a Regra de Bento ao lado da Regra de Vida? E a Ficha reescrita troca “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial” por “sem culto, sem igreja, sem sacramento — e com regra”? (4.10) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 6): o exame de Inácio e a Regra de Bento leem-se ao lado do Examinar e da Regra de Vida: como leitura, com a fronteira da gratidão (a Deus × a alguém do rio) e a do juiz (diante de Deus × “não é o exame de um juiz severo”); a Ficha reescrita troca “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial” por “sem culto, sem igreja, sem sacramento — e com regra”.]

(ce) A consciência e a Bússola. A consciência como “voz de Deus” (Newman; *Gaudium et spes*, 16) e a Bússola que “apenas veta”, sem voz externa (decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X), registram-se na Ficha reescrita como fronteira? (4.9) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 7): a consciência como voz de Deus e a Bússola: a fronteira registra-se na Ficha reescrita — a Bússola “apenas veta”, e o veto é a própria Luz, sem voz externa (decisão n.º 7 de 23 de outubro sobre o Estudo X).]

(cf) O pecado e a luz encoberta. A Ficha reescrita declara o homônimo do pecado original com “ninguém começa do zero” (culpa herdada × rio herdado; a luz, de cada um) e diz que o cânon, em lugar de “pecado”, tem a luz encoberta, a noite e o lobo, com o Paulo da vontade dividida de Arendt ao lado, como matéria decidida? (4.4) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 8): o pecado e a luz encoberta: a Ficha reescrita declara o homônimo do pecado original com “ninguém começa do zero” — culpa herdada × rio herdado; a luz, de cada um — e diz que o cânon, em lugar de “pecado”, tem a luz encoberta, a noite e o lobo, com o Paulo da vontade dividida de Arendt ao lado, como matéria decidida.]

(cg) A fé exigida, o *extra Ecclesiam*, a predestinação e o inferno. A fronteira de uma frase da série — “nenhuma pessoa está fora da Lux”, com frase própria diante da *massa damnata* (decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII) — basta para a fé exigida (Jo 14,6; At 4,12), a predestinação, o inferno e o *extra Ecclesiam*? O estudo mede que a frase cobre o valor, e que a fé exigida e o *extra Ecclesiam* falam de salvação, de que o cânon não diz nada. A Ficha III recebe frase própria, com a letra evangélica e a tradição que corrige

(Orígenes, Gregório de Nissa, Balthasar, *Lumen gentium* 16) registrada? (4.11) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 9): a fé exigida, o *extra Ecclesiam*, a predestinação e o inferno: basta a frase da série — "nenhuma pessoa está fora da Lux", com frase própria diante da *massa damnata* (decisão n.º 6 de 31 de outubro sobre o Estudo XII); o estudo registra que a fé exigida e o *extra Ecclesiam* falam de salvação, de que o cânon não diz nada. A Ficha III não recebe frase própria.]

(ch) A Ficha reescrita. O estudo propõe a nova letra em 6.4, com as seis decisões incorporadas e as duas portas fechadas, com sete toques e oito fronteiras, a graça entre os toques pela letra da decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII, e, entre as fronteiras, só "quem dá", marcado como proposta. O fundador aprova, emenda ou mantém a Ficha de outubro ao lado do estudo, e a linha "quem dá" fica entre as fronteiras como proposta do estudo? (4.13, 6.4) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 10): a Ficha reescrita está aprovada: como proposta em 6.4, com as seis decisões já incorporadas (quenose e substituição com o limite da Bússola; Ricoeur; *A cidade de Deus*, XIV, 3; misericórdia e graça em duas linhas, a graça entre os toques; Jesus e Paulo como Arendt os lê), sem o esvaziamento do Filho, com "quem dá" entre as fronteiras como proposta do estudo, e com os acréscimos das n.º 7, 8 e 11 — sete toques e onze fronteiras; substitui a Ficha de outubro na Biblioteca do site.]

(g) A justiça devida ao lobo. O mandamento de amar os inimigos (Mt 5,44), a palavra de perdoar na cruz (Lc 23,34, com a variante dita), o perdão difícil de Ricoeur e o perdão de Arendt são matéria do tratado da justiça, ao lado do que os Estudos VIII a XII já lhe mandaram; o perdão da vítima ao lobo fica para o tratado (decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX). O estudo registra e não decide; (g) segue aberta até o tratado. (4.6) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 12): "amai os vossos inimigos", "Pai, perdoa-lhes", o servo sem misericórdia, a adúltera, o perdão de Arendt e o perdão difícil de Ricoeur entram como matéria do tratado da justiça ((g) segue aberta até o tratado).]

(j) Moriá. O cristianismo responde pela fé e lê Gênesis 22 como figura da cruz (Hb 11,17-19); o cânon segue em silêncio, como os Estudos I e II registraram. O silêncio fica registrado. (4.7) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 12): o silêncio do cânon sobre Moriá fica registrado ((j)).]

(k) O mal estrutural. A escravidão (Fm; Ef 6,5, contra Gl 3,28) e a mulher (Gl 3,28 contra 1Tm 2,12; Tomás) têm, no cristianismo, letra dos dois lados e uma tradição que a disputou (Gregório de Nissa, Las Casas). O padrão das fronteiras fixadas para os clássicos (decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI; n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II) estende-se ao cristianismo, ou (k) segue aberta até o estudo de Marx? (4.12) [Decidida pelo fundador em 04/11/2026 (Estudo III, n.º 11): o padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se ao cristianismo: a escravidão (Ef 6,5 × Gl 3,28) e a mulher (1Tm 2,12 × Gl 3,28; Tomás) registram-se na Ficha reescrita como fronteira, com a tradição que as disputou (Gregório de

Nissa, Las Casas); (k) segue aberta até o estudo de Marx para o mal estrutural.] Das perguntas passa-se ao que o cristianismo oferece (7.4).

7.4 O que o cristianismo oferece

Ao Examinar, o cristianismo oferece o paralelo formal mais exato da série: o exame geral de Inácio, com os cinco pontos — dar graças, pedir luz, revisitar o dia hora a hora, pedir perdão, propor-se a emenda (*Exercícios espirituais*, n. 43; ver 3.7) [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo] — e a fronteira que os separa: o de Inácio é diante de Deus e pede graça; o do cânon "não é o exame de um juiz severo" (Meditações Práticas, "O Examinar da noite"), e a mão que retoma é o rio. O que o exame de Inácio mostra ao Examinar é a gratidão como parte do exame, que o cânon já tem, no fecho: "com gratidão a alguém do passado" (Cânon v1.2, "Regra de Vida"); a ordem é outra (Inácio abre por ela, o cânon fecha) [leitura do estudo].

À Regra de Vida, oferece a Regra de Bento: o ritmo do dia, o trabalho manual, a leitura, o exame e a vida em comum (3.8) — e a correção da Ficha: "sem culto" não é "sem regra" (4.10). O sábado "estabelecido por causa do homem" (Mc 2,27, ARA; ver 3.8) [V-gr; V-pt: ARA], com o sétimo dia de Hebreus e de Agostinho (Hb 4,9-10; *Confissões*, XIII, 36, 51; ver 3.8), e o sabbath do fluxo, que é não-ato (decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XI), tocam-se na estrutura e separam-se no para quem [leitura do estudo].

Ao tratado da justiça, oferece o maior conjunto de material da série: o mandamento de amar os inimigos (Mt 5,44), a palavra de perdoar na cruz (Lc 23,34), o servo sem misericórdia (Mt 18), a adúltera (Jo 8), o perdão como faculdade humana em Arendt, o perdão difícil em Ricoeur — ao lado do que Levinas, Ricoeur, Platão, Aristóteles e Agostinho já lhe mandaram. Sem ordem escolhida; (g) aberta até o tratado.

Às Fichas, oferece o que o estudo acrescenta. À Ficha do Estudo III, a letra proposta em 5.4. À Ficha do Estudo IV, em paralelo, a porta do diálogo hindu-cristão (Abhishiktananda, Panikkar), só apontada (5.10). À Ficha do Estudo V, Kierkegaard e Dostoiévski, com Marcel e Jaspers, que o Estudo V abrirá (5.10). À Ficha do Estudo VI, o registro do Estudo I sobre o *wu wei* (impessoal contra pessoal), que o estudo só aponta (5.10).

E à série, oferece uma pergunta de método que o Estudo XII abriu e este estudo repõe: se a fronteira "nenhuma pessoa está fora da Lux", dita com frase própria diante da *massa damnata*, basta diante da fé exigida e do *extra Ecclesiam*, que falam de salvação — a pergunta (cg). Da oferta passa-se à lamparina (7.5).

7.5 A lamparina

O Evangelho diz que "ninguém, depois de acender uma candeia, a cobre com um vaso ou a põe debaixo de uma cama; pelo contrário, coloca-a sobre um velador, a fim de

que os que entram vejam a luz” (Lc 8,16, ARA; para a lâmpada de Mt 5,15, ver 3.1) [V-gr; V-pt: ARA]. A imagem é a que mais se aproxima, numa casa antiga, da lamparina do cânon: uma luz que existe para ser vista e que alguém pode cobrir [leitura do estudo]. O cânon diz algo da mesma estrutura: “a luz não se acende — ela se revela” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I), e a lamparina tem três lugares — de museu, quando só se protege; guardada do vento, na margem, com a volta marcada; posta no rio, entregue às águas de todos (Cânon v1.2, “O Abrigo” e “As Águas Comuns”; ver 4.8).

A diferença está em quem acende e para quem brilha. A candeia do Evangelho é acesa, e a luz que ela figura é nomeada: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12, ARA; ver 2.3) [V-gr; V-pt: ARA], e os discípulos são luz porque Jesus lhes diz “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14, ARA; ver 3.1) [V-gr; V-pt: ARA] [leitura do estudo]; a lamparina do cânon não se acende, revela-se, e é de alguém, de origem não dita. A candeia brilha “para que os que entram vejam”; a lamparina vai ao rio, “levada mais longe do que qualquer um iria sozinho” (Cânon v1.2, “As Águas Comuns”), e o rio não é o céu [leitura do estudo]. O cristianismo conhece a noite e põe Deus dentro dela — “só o Deus que sofre pode ajudar” (Bonhoeffer; ver 2.8) —, e a Vigília põe uma luz dentro da noite, e a luz é de uma pessoa (3.6, 4.7) [hipótese do estudo].

O estudo termina onde a Ficha de outubro começou, na imagem. O cristianismo diz que o homem é feito “à imagem de Deus” (Gn 1,27, ARA; ver 2.4) [V-he; V-pt: ARA], e a tradição acrescenta que a imagem se deforma e não se destrói. O cânon diz que a luz pode ficar “escondida” (Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática”) e que “Falhar na regra não apaga a luz” (Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia”). A mesma estrutura, em duas casas; e, na frase seguinte, a fronteira: a imagem é de um Criador nomeado, e a luz é de cada pessoa, de origem não dita — “A filosofia não decide isso por ninguém” (Cânon v1.2, “Independência confessional”) [leitura do estudo]. Entre a imagem e a luz, o estudo não escolhe por ninguém; registra o toque, marca a fronteira e devolve ao fundador a pergunta.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

Referências em ABNT simplificada: SOBRENOME, Nome. *Título*. Tradução. Cidade: Editora, ano. A numeração é contínua e corresponde aos blocos abaixo; as notas entre colchetes dizem como cada obra chegou ao estudo. Três estados são distinguidos: **edição de consulta** (a edição que a pesquisa de fontes do estudo abriu), **intermediário** (o leitor, o site ou o Estudo anterior por cujo texto a passagem chegou) e **nomeada, não aberta** (a obra aparece no estudo, ou é a edição brasileira ou portuguesa de uma obra citada, mas nenhuma edição foi aberta; leva a marca [não aberta]). As edições brasileiras e portuguesas vêm em primeiro lugar, logo depois da Escritura em português, e as que o estudo não abriu dizem-no: onde o português de um autor é do estudo, a edição brasileira ou portuguesa fica listada para o cotejo, sem que nenhuma citação lhe seja atribuída. A Escritura entra por tradução: a Almeida Revista e Atualizada (ARA) é a tradução de todas as citações; a Ave-Maria, em cópia digital, entra só onde a divergência é o ponto; o grego é o da SBL Greek New Testament, o latim é o da Vulgata Clementina, o hebraico é o da Bíblia Hebraica. Entra aqui só o que os seis capítulos e o Prólogo citam ou nomeiam. Onde falta um dado, está escrito [dados a completar]; a cidade só aparece quando uma fonte a dá. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

A Escritura: traduções em português

1. BÍBLIA. *Almeida Revista e Atualizada* (ARA). Sociedade Bíblica do Brasil [cidade, ano e edição impressa: dados a completar]. [Edição de consulta, no texto de bibliaonline.com.br (a própria página se rotula "Almeida Revista e Atualizada"), lido em 04/11/2026, com [V-pt: ARA]: é a tradução de todas as citações bíblicas do estudo. A ARA não conta o título dos Salmos como versículo; traz "santuário" para *naos* em 1Cor 6,19, "amor" em 1Cor 13,13, "dívidas" em Mt 6,12 e "esvaziou" em Fl 2,7, e liga "vinda ao mundo" à luz em Jo 1,9.]

1. BÍBLIA. *Bíblia Ave-Maria*. Cópia digital compilada em JSON (repositório GitHub fidalgobr/bibliaAveMariaJSON, aberto em 04/11/2026); o arquivo não declara edição nem ano; os Salmos seguem a numeração da Vulgata; há remanescentes editoriais (colchetes, remissões, aspas simples). [Edição de consulta, em cópia digital não oficial, com [V-pt: Ave-Maria]; entra só onde a divergência é o ponto: Jo 1,5 ("não a compreenderam"), Fl 2,7 ("aniquilou-se a si mesmo"), Mt 6,12 ("ofensas"), 1Cor 13,13 ("caridade"), 1Cor 6,19 ("templo"), Eclo 51,31. A edição impressa não foi aberta [edição e página a confirmar].]

1. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus [tradutores, edição e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. As páginas que a têm devolveram 403 ou não a hospedam. Nenhuma citação lhe é atribuída; qualquer nota dela (por exemplo sobre Jo 1,9) é lacuna.]

1. BÍBLIA. *Tradução Ecumênica da Bíblia* (TEB). São Paulo: Loyola [edição e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. Nenhuma citação lhe é atribuída.]

1. BÍBLIA. Tradução da CNBB [título, editora e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. Nenhuma citação lhe é atribuída.]

As edições brasileiras e portuguesas dos autores

1. AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução de Lorenzo Mammì. Penguin-Companhia [cidade e ano: dados a completar]. [Intermediário: o português de X, 29, 40 ("concede o que ordenas, e ordena o que queres") chega pelo Estudo XII, 4.1, com [V-pt: Mammì]; o volume não foi aberto por este estudo [página a confirmar]. O Prólogo diz que as *Confissões* seguem Mammì onde o estudo a cita; fora disso o português de Agostinho é do estudo, sobre o latim.]

1. AGOSTINHO. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina, S.J. Paulus [cidade e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. Edição de cotejo do plano da pesquisa; nenhuma citação lhe é atribuída.]

1. AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Tradução de Oscar Paes Leme. Vozes [cidade, ano e volumes: dados a completar]. [não aberta; nomeada. A letra portuguesa de IX, 5 e de XIV, 3 é do estudo, sobre o latim (n.º 38).]

1. AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Tradução de J. Dias Pereira. [Cidade a completar]: Fundação Calouste Gulbenkian [ano a completar]. [não aberta; nomeada. Edição de cotejo; as Fontes do cap. 2 dizem "edição portuguesa a conferir" para XIV, 3.]

1. AGOSTINHO. *A Trindade*. Tradução de Agustinho Belmonte. Paulus [cidade e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. A letra portuguesa de XIV, 8, 11 é do estudo, sobre o latim (n.º 39).]

1. TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. São Paulo: Loyola [tradução, volumes e anos: dados a completar]. [não aberta; nomeada. O português de Tomás é do estudo, sobre o latim da Leonina (n.º 45).]

1. BENTO DE NÚRSIA. *Regra* (*A Regra de São Bento*). Edição Lumen Christi, 1980 [cidade e tradutor: dados a completar]; há também a edição do Mosteiro de São Bento, nomeada no plano [dados a completar]. [não aberta; nomeada. "edição Lumen Christi não aberta" (3.10). Todo o português de Bento é do estudo, sobre o latim (n.º 44).]

1. INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios espirituais*. São Paulo: Loyola [tradutor e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. "edição Loyola não aberta" (3.10). O n.

43 chega em espanhol, por Reig Pla (n.º 46 e 67), com o português do estudo.]

1. CALVINO, João. *As institutas* (*Institutio*). Edição de Waldyr Carvalho Luz [título, editora e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. Citada no a pesquisa de fontes do estudode pesquisa como a edição brasileira de cotejo; o estudo cita Calvino pelo inglês de Beveridge (n.º 50).]

1. KIERKEGAARD, Søren. *As obras do amor*. Tradução de Álvaro Valls. Vozes [cidade e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. O estudo cita a obra pelo inglês de Swenson (n.º 53).]

1. ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Forense [cidade e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. As Fontes do cap. 1 situam o §33 na "ed. brasileira trad. Raposo"; o português de Arendt é do estudo, sobre o inglês da edição de Chicago, por intermédio do Estudo XIII, 1.6 (n.º 90).]

1. RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007, Epílogo, p. 501 (ed. francesa: Paris: Seuil, 2000, p. 642). [Intermediário: "tu vales mais que teus atos", com [V-pt] pelo Estudo IX, 1.7; tradutor [a completar]. O volume não foi aberto por este estudo.]

1. LEVINAS, Emmanuel. *Entre nós*. Petrópolis: Vozes [tradutor e ano: dados a completar]. [Intermediário: os ensaios "Um Deus homem?" (pp. 84, 85, 92–93), "Filosofia, justiça e amor" (p. 151) e "O sofrimento inútil" (p. 138) chegam em português pelo Estudo VIII, 4.3 e 1.10, com [V-pt]. O volume não foi aberto por este estudo.]

1. CONCÍLIO VATICANO II. *Gaudium et spes* (Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo de hoje), nn. 16 e 24. Texto português publicado pelo Vaticano [edição, tradução e data: dados a completar]. [Edição de consulta, com [V-pt: Vaticano], na grafia da própria edição: n. 16, "A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem…"; n. 24, o homem "não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo".]

1. CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen gentium* (Constituição dogmática sobre a Igreja), n. 16. Texto português publicado pelo Vaticano [edição e data: dados a completar]. [Edição de consulta, com [V-pt: Vaticano]: "também eles podem alcançar a salvação eterna".]

1. CONCÍLIO VATICANO II. *Nostra aetate* (Declaração sobre as religiões não cristãs), n. 2. Texto português publicado pelo Vaticano [edição e data: dados a completar]. [Edição de consulta, com [V-pt: Vaticano]: "um raio da verdade que ilumina todos os homens".]

A Escritura: grego, hebraico e latim

1. *The Greek New Testament: SBL Edition*. Edição de Michael W. Holmes. SBL / Logos, 2010. Texto lido nos arquivos públicos do repositório LogosBible/SBLGNT; os sinais de aparato (⸀ ⸁ ⸂ ⟦ ⟧) foram retirados da citação. [Edição de consulta, com [V-gr]: o grego de todas as citações do Novo Testamento. Onde o SBLGNT e o Nestle-Aland divergem o estudo avisa; o aparato não foi aberto.]

1. NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece* (NA28) [editora e ano: dados a completar]. [não aberta; nomeada. O Prólogo diz que o aparato não foi aberto; as variantes conhecidas (a perícope da adúltera, Jo 7,53–8,11; Lc 23,34; a ligação de "vindo ao mundo" em Jo 1,9; Rm 8,28) são ditas no texto sem conferência.]

1. *Septuaginta*. Edição ortodoxa digital da Orthodox Media Network (Monte Atos), distribuída por eBible.org. [Edição de consulta, com [V-gr: Septuaginta]: Gn 1,27; Eclo 51,31 (51,23 na Septuaginta); 2Sm 6,14 (sem "dançava"). Não é a edição crítica de Rahlfs, que não foi aberta.]

1. *Bíblia Hebraica*: Westminster Leningrad Codex (WLC), eBible.org ("hbo"); sinais de cantilação (U+0591–U+05AF) retirados por programa, vogais mantidas. [Edição de consulta, com [V-he]: Gn 1,27; 9,6; 22,12; Sl 8; 88; 139,23; Is 53,4.6; 2Sm 6,14. A *Biblia Hebraica Stuttgartensia* não foi aberta.]

1. *Vulgata Clementina* (1598; texto da edição Migne, 1880, em eBible.org, "latVUC"), com a Glossa Ordinária cortada de cada versículo; os Salmos na numeração da Vulgata. [Edição de consulta, com [V-la]: Jo 1,9 (*omnem hominem venientem*); Rm 5,12 (*in quo*). Não é a Nova Vulgata (1979), texto litúrgico atual da Igreja católica.]

Os Padres, os medievais e a mística: originais e traduções

1. IRINEU DE LYON. *Contra as heresias* (*Adversus haereses*), IV, 20, 7. Versão latina, em edição de Harvey (Cambridge, 1857, v. 2, p. 219). [Intermediário, com [V-la via secundária: Harvey]: "Gloria enim Dei vivens homo". O grego do trecho não sobreviveu inteiro; o português é do estudo.]

1. IRINEU DE LYON. *Contra as heresias*, V, 6, 1. Tradução inglesa de Roberts e Rambaut, em *Ante-Nicene Fathers* 1 [cidade e ano: dados a completar]. [Edição de consulta, com [V-en: Roberts–Rambaut]; latim e grego não conferidos.]

1. TERTULIANO. *De resurrectione carnis* (*Sobre a ressurreição da carne*), 8. Latim, em *Patrologia Latina* 2, col. 806 (transcrição da Wikisource). [Edição de consulta, com [V-la]: *caro salutis est cardo*, "a carne é, de fato, o gonzo da salvação". O inglês

de Holmes (*Ante-Nicene Fathers* 3) diz "the very condition on which salvation hinges".]

1. TERTULIANO. *De carne Christi* (*Sobre a carne de Cristo*), 5. Tradução inglesa de Holmes, em *Ante-Nicene Fathers* 3. [Edição de consulta, com [V-en: Holmes]; o latim não foi conferido. A fórmula corrente *credo quia absurdum* não foi achada literalmente [atribuição a confirmar].]

1. TERTULIANO. *De anima* (*Sobre a alma*), XX, 1. Latim, em The Latin Library; inglês de Holmes. [Intermediário: Estudo II, 4.5 ("Seneca saepe noster", "tantas vezes dos nossos"), com [V-la; V-en: Holmes].]

1. ATANÁSIO. *De incarnatione* (*Sobre a encarnação*), 54, 3. Tradução inglesa de Robertson, em *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2.ª série, v. 4. [Edição de consulta, com [V-en: Robertson]; o grego (*theopoiēthōmen*) não foi conferido [localização a confirmar para a forma exata].]

1. GREGÓRIO DE NISSA. *De hominis opificio* (*Sobre a criação do homem*), 16. Tradução inglesa de H. A. Wilson, em *Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2.ª série, v. 5. [Edição de consulta, com [V-en: Wilson]; capítulo conferido só pela divisão da tradução [localização a confirmar]; grego não conferido.]

1. GREGÓRIO DE NISSA. *In Ecclesiasten homilia* 4 (*Homilia 4 sobre o Eclesiastes*). Tradução inglesa de Maguire [prenome a completar], em earlychurchtexts.com. [Edição de consulta, com [V-en: Maguire]; "Por quantos óbolos avaliaste a imagem de Deus?". O grego não foi capturado [localização a confirmar: linhas do GNO].]

1. ORÍGENES. *De principiis* (*Dos princípios*), III, 6. Tradução inglesa de Crombie [prenome a completar], em *Ante-Nicene Fathers* 4. [Edição de consulta, com [V-en: Crombie]; a versão é a de Rufino, e o grego e o latim não foram conferidos. A condenação da doutrina em 553, no Segundo Concílio de Constantinopla, é [tese a confirmar].]

1. JUSTINO. *Apologia II* (*Segunda Apologia*), 13. Em *Ante-Nicene Fathers* [volume e tradutor: dados a completar]. [Intermediário: Estudo X, 4.2, com [V-en via Estudo X, 4.2].]

1. AGOSTINHO. *Confessiones* (*Confissões*). Latim da Nuova Biblioteca Agostiniana (augustinus.it). [Edição de consulta, com [V-la]: III, 6, 11 ("eras mais interior do que o meu íntimo"); X, 29, 40; XIII, 36, 51. Chegam pelo Estudo X, 4.2 [V-la via Estudo X, 4.2]: VII, 9, 13–14 e VII, 20, 26; pelo Estudo XII, 3.5: I, 1, 1 ("até que repouse em ti"). A tradução portuguesa é do estudo, salvo X, 29, 40 (n.º 6). A edição crítica (CCSL) não foi aberta.]

1. AGOSTINHO. *De civitate Dei* (*A cidade de Deus*), IX, 5; XIV, 3. Latim da Nuova Biblioteca Agostiniana. [Edição de consulta, com [V-la]: IX, 5 (a *misericordia* contra a Stoa); XIV, 3 ("não foi a carne corruptível que fez pecadora a alma…" e "incitamentos aos vícios"). O português é do estudo; a edição portuguesa fica a conferir (n.º 8 e 9).]

1. AGOSTINHO. *De Trinitate* (*A Trindade*), XIV, 8, 11. Latim da Nuova Biblioteca Agostiniana. [Edição de consulta, com [V-la]: "é capaz dele e pode ser participante dele"; a imagem "envelhecida e deformada" (*obsoletam atque deformem*). O português é do estudo (n.º 10).]

1. AGOSTINHO. *De magistro* (*Sobre o mestre*), XI, 38. Latim [edição-base não declarada]. [Edição de consulta, com [V-la]: "aquele que se diz habitar no homem interior, Cristo". O mestre interior fica como herança nomeada (decisão n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII).]

1. AGOSTINHO. *In Epistulam Ioannis ad Parthos tractatus* (*Comentário à Primeira Carta de João*), 7, 8. Latim [edição-base não declarada]. [Edição de consulta, com [V-la]: *dilige et quod vis fac*, "Ama, e faze o que queres". A frase tem localização; o estudo a cita só com ela.]

1. AGOSTINHO. *Enchiridion* (*Enquirídio*), 27. Latim. [Intermediário: Estudo XII, com [V-la]: *totius humani generis massa damnata*, "massa condenada". O a pesquisa de fontes do estudode pesquisa dá também *Ad Simplicianum* I, 2, 16, que o estudo não cita.]

1. AGOSTINHO. *De correptione et gratia* (*Sobre a correção e a graça*), 13, 39. Latim. [Intermediário: Estudo XII, 1.11, com [V-la via Estudo XII, 1.11]: o número dos eleitos "é certo, e não deve ser aumentado nem diminuído".]

1. BENTO DE NÚRSIA. *Regula* (*Regra*), Prólogo, 4, 48 e 72. Latim da The Latin Library; a página lida não declara a edição crítica. [Edição de consulta, com [V-la]: *Obsculta, o fili*; *actus vitae suae omni hora custodire*; *otiositas inimica est animae*; "que nada anteponham a Cristo", cuja grafia na página lida traz "omnimo" e "a vitia". O português é do estudo (n.º 12).]

1. TOMÁS DE AQUINO. *Summa theologiae* (*Suma Teológica*). Latim do Corpus Thomisticum (Leonina). [Edição de consulta, com [V-la]: I, q. 93, a. 4 (e ad 1); I-II, q. 109, a. 2; II-II, q. 23, a. 1; II-II, q. 25, a. 8; II-II, q. 30, a. 1 (paráfrase). Chegam por intermediário: I, q. 84, a. 5 (Estudo XII, 4.1, paráfrase) e I-II, q. 55, a. 1 (Estudo XI, 4.2). O português é do estudo (n.º 11).]

1. INÁCIO DE LOYOLA. *Exercícios espirituais*, n. 43 (o exame geral, em cinco pontos). Espanhol, na grafia do autógrafo, conforme Reig Pla (n.º 67). [Intermediário, com [V-es via secundária: Reig Pla]; a edição Loyola (n.º 13) e a edição crítica não foram abertas. O português é do estudo.]

1. JUAN DE LA CRUZ. *Noche oscura* (*Noite escura*), II, 5, 1. Tradução inglesa de E. Allison Peers, na Christian Classics Ethereal Library. [Edição de consulta, com [V-en: Peers]; a prosa espanhola não foi obtida.]

1. VICENTE DE LÉRINS. *Commonitorium*, 2. Tradução inglesa de C. A. Heurtley. [Edição de consulta, com [V-en: Heurtley]; o latim (*quod ubique, quod semper, quod ab omnibus*) não foi conferido.]

A Reforma, os concílios e os modernos: originais e traduções

1. LUTERO, Martinho. *In epistolam S. Pauli ad Galatas commentarius* (*Comentário a Gálatas*), 1535, sobre Gl 3,6. *Weimarer Ausgabe* 40/I, 368; *Luther's Works* 26, 232. [Intermediário, com [V via secundária: Winger] (n.º 63): o *simul iustus et peccator*. O latim e o alemão não foram conferidos.]

1. CALVINO, João. *Institutio Christianae Religionis* (*Institutas*), III, 21, 5. Tradução inglesa de Henry Beveridge, 1845 (Christian Classics Ethereal Library). [Edição de consulta, com [V-en: Beveridge]: "alguns são preordenados para a vida eterna, outros para a condenação eterna". A forma latina da distinção do *Deus absconditus* e o latim de Calvino não foram conferidos.]

1. CONCÍLIO DE TRENTO. Sessão VI, *Decreto sobre a justificação*, caps. VII e VIII. Tradução inglesa de Waterworth. Londres: Dolman, 1848 (cap. VII, pp. 34–35). [Edição de consulta, com [V-en: Waterworth]; o latim não foi conferido.]

1. KIERKEGAARD, Søren. *Sygdommen til Døden* (*O desespero humano*, *The Sickness unto Death*), 1849, parte II. Tradução inglesa de Walter Lowrie. Princeton: Princeton University Press, 1941, p. 129. [Edição de consulta, com [V-en: Lowrie]; a paginação vem da OCR do Internet Archive, e o a pesquisa de fontes do estudode pesquisa registra a mesma passagem em pp. 119/129 e 131 [página a confirmar]. O dinamarquês não foi aberto.]

1. KIERKEGAARD, Søren. *Kjerlighedens Gjerninger* (*As obras do amor, Works of Love*), 1847, "Thou Shalt Love". Tradução inglesa de David F. e Lillian M. Swenson. Princeton: Princeton University Press, 1946 (2.ª tiragem, 1949), p. 20. [Edição de consulta, com [V-en: Swenson]; paginação reconstruída da OCR do Internet Archive [página a confirmar]. A edição de Valls (n.º 15) não foi aberta.]

1. DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os irmãos Karamázov*, Livro V, cap. 4, "A rebelião". Tradução inglesa de Constance Garnett (Project Gutenberg #28054). [Edição de consulta, com [V-en: Garnett]; a tradução de Garnett é livre, e o russo não foi conferido. Edição brasileira não identificada.]

1. BONHOEFFER, Dietrich. *Widerstand und Ergebung* (*Resistência e submissão*), carta de 16/7/1944. *Dietrich Bonhoeffer Werke*, v. 8, pp. 533–534. [Intermediário, com [V via secundária: Kamphuis] (n.º 64); o alemão não foi conferido. Edição portuguesa não identificada.]

1. NEWMAN, John Henry. *An Essay on the Development of Christian Doctrine* (*Ensaio sobre o desenvolvimento da doutrina cristã*). Edição de 1878, cap. 1, p. 40. [Edição de consulta, com [V-en: Newman]; o estudo cita a edição de 1878.]

1. NEWMAN, John Henry. *Letter to the Duke of Norfolk* (*Carta ao Duque de Norfolk*), §5. Em *Certain Difficulties Felt by Anglicans*, v. 2, Newman Reader, pp. 247–249. [Edição de consulta, com [V-en] (as Fontes do cap. 3 não nomeiam o tradutor nem a página); a paginação de Longmans é [página a confirmar].]

1. FOX, George. *Journal*, 1647. Edição do Project Gutenberg #75559. [Edição de consulta, com [V-en]; o estudo cita a passagem sem página [página a confirmar].]

1. BARCLAY, Robert. *An Apology for the True Christian Divinity*. Birmingham: Baskerville, 1765, Proposições V–VI (pp. 86 ss., segundo o a pesquisa de fontes do estudode pesquisa). [Edição de consulta, com [V-en]; página exata [a confirmar].]

A tradição que lê: exegetas, teólogos e intérpretes

1. BROWN, Raymond E. *The Gospel According to John (I–XII)*. Anchor Bible 29. Garden City: Doubleday, 1966. [não aberta; nomeada. Comentário a Jo 1,9 e 1,5. A tese de que o particípio liga à luz, e não ao homem, é [tese a confirmar; página a confirmar]; o estudo registra a divergência e não a resolve (1.3).]

1. DUNN, James D. G. *Romans 1–8*. Word Biblical Commentary 38A. Dallas: Word Books, 1988. [não aberta; nomeada. O corpo nomeia "Dunn, Fitzmyer" sem obra e sem página, para Rm 5,12 (*eph' hō*) e para o "eu" de Rm 7 (1.5, 3.4) [tese a confirmar; página a confirmar]. O título é o do a pesquisa de fontes do estudode pesquisa.]

1. FITZMYER, Joseph A. *Romans*. Anchor Bible 33. New York: Doubleday, 1993. [não aberta; nomeada. Mesmo uso que o de Dunn (n.º 61) [tese a confirmar; página a confirmar]. O título é o do a pesquisa de fontes do estudode pesquisa.]

1. WINGER, Michael [prenome a confirmar]. "Simul justus et peccator: Did Luther and the Confessions get Paul right?". *Lutheran Theological Review*, v. XVII, 2004–05, p. 94. [Intermediário de Lutero (n.º 49): as Fontes do cap. 1 citam *On the simul*, p. 94; o título acima é o do a pesquisa de fontes do estudode pesquisa. Título a conferir.]

1. KAMPHUIS, Cornelis. [Título a completar]. *Theologia Reformata* [volume, ano e página: dados a completar]. [Intermediário de Bonhoeffer (n.º 55): artigo sobre o Deus fraco da carta de 16/7/1944, com [V via secundária: Kamphuis]. O estudo não o abriu inteiro.]

1. BALTHASAR, Hans Urs von. *Dare We Hope "That All Men Be Saved"?* San Francisco: Ignatius, 1988 (*Was dürfen wir hoffen?*, 1986). [Intermediário: Brotherton (n.º 66), com [paráfrase; V-en via secundária: Brotherton; página a confirmar]: é permitido esperar, não afirmar, que todos se salvem. O título é o do a pesquisa de fontes do estudode pesquisa; o estudo nomeia só a tese.]

1. BROTHERTON [prenome e título a completar]. [Obra e página a completar.] [Intermediário de Balthasar (n.º 65).]

1. REIG PLA, Mons. [prenome a completar]. "Examinar la conciencia". ejerciciosespirituales.org, 2024, p. 3. [Intermediário do n. 43 dos *Exercícios* (n.º 46): a grafia do autógrafo e o exame em cinco pontos. A leitura de Reig Pla é pastoral e não foi cotejada com a edição crítica [edição a confirmar].]

1. MERTON, Thomas. *Mystics and Zen Masters*, 1967 [editora a completar]. [não aberta; nomeada. Obra sem tese atribuída [tese a confirmar; página a confirmar] (4.9).]

1. THICH NHAT HANH. *Living Buddha, Living Christ*, 1995 [editora a completar]. [não aberta; nomeada. Obra sem tese atribuída [tese a confirmar; página a confirmar] (4.9).]

1. ABHISHIKTANANDA. *Saccidananda*, 1974 [editora a completar]. [não aberta; nomeada. Obra sem tese atribuída [tese a confirmar; página a confirmar] (4.10); o Estudo IV a mede.]

1. PANIKKAR, Raimon. *The Unknown Christ of Hinduism*, 1964 [editora a completar]. [não aberta; nomeada. Obra sem tese atribuída [tese a confirmar; página a confirmar] (4.10); o Estudo IV a mede.]

Nomeados sem obra no estudo

1. ECKHART, Mestre; TAULER; TERESA DE ÁVILA; FRANCISCO DE SALES. [Obras, edições e anos a completar; o a pesquisa de fontes do estudode pesquisa aponta Eckhart, Pr. 2 / 48 (Quint/Pfeiffer), e as *Moradas* de Teresa.] [Nomeados sem letra: o Prólogo diz que "ficaram sem letra" e aparecem como [tese a confirmar]; Eckhart é nomeado em 1.4 (a imagem como centelha da alma, "a letra não foi obtida") e Teresa, em 1.1 (data). Nenhum nome da Luz.]

1. PASCAL, Blaise. *Escritos sobre a graça* (*Écrits sur la grâce*) [edição e ano: dados a completar]. [Nomeada no Prólogo, sem letra: "ficou sem letra". O Pascal que o estudo cita é a *Conversa com o senhor de Saci* (n.º 92).]

1. CASSIANO, João. [Obra a completar.] [Retirado do Prólogo na revisão; nenhum capítulo o cita. Remover da bibliografia.]

1. NYGREN, Anders; RAHNER, Karl; MOLTMANN, Jürgen; JONAS, Hans; METZ, Johann Baptist; DERRIDA, Jacques. [Obras, edições e anos a completar.] [Retirados do Prólogo na revisão; nenhum capítulo cita obra nem página. Remover da bibliografia.]

1. HADOT, Pierre. [Obra a completar.] [Retirado do Prólogo na revisão; nenhum capítulo cita obra nem página. Remover da bibliografia.]

1. WEIL, Simone. *A gravidade e a graça* e *Espera de Deus* [edições, tradutores e anos: dados a completar]. [Nomeada: os títulos aparecem no Tratado da Vigília, "Fundamentação", e a palavra "graça" ocorre na letra do cânon só no título do primeiro (5.1); o estudo não cita página de Weil. O a pesquisa de fontes do estudode pesquisa registra *Attente de Dieu* (Paris: La Colombe, 1950).]

1. MOUNIER [prenome e obra a completar]. [Nomeado em 4.3: a raiz cristã de seu personalismo "entra como material, não como doutrina" (Tratado das Águas Comuns, "Fundamentação"). O estudo não cita obra nem página.]

1. OTTO [prenome e obra a completar]; MARCEL [prenome e obra a completar]; JASPERS [prenome e obra a completar]. [Marcel e Jaspers, nomeados em 4.10 e 6.4 como porta do Estudo V; sem letra e sem tese atribuída. Otto não é nomeado em 4.10 nem em 6.4 (retirado de 6.4 por B5): conferir se sai da bibliografia.]

1. LAS CASAS [prenome e obra a completar]. [Nomeado em 6.3, questão (k), ao lado de Gregório de Nissa, como voz que disputou a escravidão; sem letra e sem tese atribuída.]

As casas visitadas, por intermédio dos Estudos anteriores

1. HEGEL, G. W. F. *Lições sobre a Filosofia da Religião*, parte III. [Edição, tradutor e ano: dados a completar.] [Intermediário: Estudo VII, 4.3, com [V-de via Estudo VII, 4.3]: "Um espírito que não é manifesto não é espírito".]

1. HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do espírito*, §759. [Edição, tradutor e ano: dados a completar.] [Intermediário: Estudo VII, 4.3, com [V-de via Estudo VII, 4.3; paráfrase]: a Encarnação como conteúdo da religião.]

1. HEGEL, G. W. F. *Lições sobre a Filosofia da História*. [Edição, tradutor e ano: dados a completar.] [Intermediário: Estudo VII, 4.3: "no espírito vivo, em vós mesmos" e "no túmulo entre os mortos".]

1. HEGEL, G. W. F. *Lições sobre a História da Filosofia*, Introdução. [Edição, tradutor e ano: dados a completar.] [Intermediário: Estudo VII, 4.3: "e quero continuar sendo".]

1. KIERKEGAARD, Søren (Johannes Climacus). *Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas filosóficas*, 1846. [Edição, tradutor e ano: dados a completar.] [Intermediário: Estudo VII, 4.3, com [V-da via Estudo VII, 4.3]: "a especulação não deve chamar-se cristã".]

1. RICOEUR, Paul. *Autobiografia intelectual*. Edição espanhola. Buenos Aires: Nueva Visión, 2007, p. 84. [Intermediário: Estudo IX, 4.3, com [V-es via Estudo IX, 4.3]: "de onde vem a voz da consciência"; "minha filosofia sem absoluto e minha fé bíblica mais nutrida de exegese do que de teologia".]

1. RICOEUR, Paul. *Fé e filosofia*. Edição espanhola. Buenos Aires: Prometeo / UCA, 2008, pp. 95 e 197. [Intermediário: Estudo IX, 4.3: a nominação "não é monocórdica, mas polifônica" (p. 95); "é perfeitamente inútil opor Jerusalém a Atenas" (p. 197).]

1. RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como um outro*, Prólogo. Edição espanhola. México / Madrid: Siglo XXI, 1996, p. XXXIX. [Intermediário: Estudo IX, 4.3: o ágape como "economia do dom de caráter meta-ético".]

1. RICOEUR, Paul. *O justo* (*Lo justo*). Edição espanhola. Santiago: Editorial Jurídica de Chile, 1997, pp. 204–205. [Intermediário: Estudo IX, 1.6, com [V-es via Estudo IX, 1.6]: o perdão "nunca é devido"; em termos absolutos só a vítima pode concedê-lo.]

1. ARENDT, Hannah. *The Human Condition* (*A condição humana*), §33. Chicago: University of Chicago Press, 1958, pp. 238–239. [Intermediário: Estudo XIII, 1.6,

com [V-en via Estudo XIII, 1.6]: Jesus "descobridor do papel do perdão"; o poder de perdoar "não deriva de Deus". O português é do estudo; a edição brasileira é o n.º 16.]

1. ARENDT, Hannah. *The Life of the Mind*, v. II, *Willing* (*A vida do espírito*, II). Edição espanhola. Paidós, p. 297. [Intermediário: Estudo XIII, 4.4, com [V-es via Estudo XIII, 4.4]: Paulo e a vontade dividida, "os dois não são amigos ou companheiros".]

1. PASCAL, Blaise. *Entretien avec M. de Saci* (*Conversa com o senhor de Saci*). Inglês de Wight, 1909. [Intermediário: Estudo II, 4.7, com [V-en: Wight, via Estudo II, 4.7]: "orgulho diabólico". O francês não foi aberto.]

1. SÊNECA. *De providentia* (*Sobre a providência*), 5, 6. [Edição a completar.] [Intermediário: Estudo II, 4.7, com [V-la via Estudo II, 4.7]: "não sirvo a deus, assinto".]

1. NĀGĀRJUNA. *Mūlamadhyamakakārikā*, XXVII, 30. Tradução de Garfield. [Cidade, editora e ano: dados a completar.] [Intermediário: Estudo I, 4.8, com [V-skt; V-en: Garfield, via Estudo I, 4.8]: "que por compaixão ensinou a doutrina verdadeira".]

1. *Majjhima Nikāya*, 63, 7–8. [Edição e tradutor: dados a completar.] [Intermediário: Estudo I, 4.8, com [V-pi via Estudo I, 4.8]: pontos "ligados ao fim".]

O cânon e os escritos

1. LUMEN FLUENS. *Cânon v1.2*. [Autoridade final; só o fundador o altera. Citado por parte e título: "Os Quatro Pilares" (I a IV), "Independência confessional", "Regra de Vida", "A Regra da Misericórdia", "O Abrigo", "As Águas Comuns", "A Vigília", "A Bússola". A Antífona, parte do cânon, não é tratada neste estudo.]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Luz Interior*. [Seções citadas: "Fundamentação", "Síntese", "Objeção provável e resposta breve".]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado da Vigília*. [Seções citadas: "Definição", "Fundamentação", "Objeção provável e resposta breve".]

1. LUMEN FLUENS. *Tratado das Águas Comuns*. [Seções citadas: "Definição", "Fundamentação", "Síntese".]

1. LUMEN FLUENS. *Disputatio da Luz Interior e do Mal*. [Citada na parte 3, "Respondeo".]

1. LUMEN FLUENS. *Catecismo*. [Perguntas citadas: 8, 26, 27, 28, 31, 36, 42, 44 e 48.]

1. LUMEN FLUENS. *Meditações Práticas*. [Seções citadas: "O Examinar da noite" e "A Regra da Misericórdia".]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 17/10/2026* (n.º 1–7, numeradas como no Prólogo do Estudo VII). [O arquivo de 17/10 não é numerado; a numeração segue a ordem dos parágrafos e confere com as citações dos Estudos XII e XIII [a confirmar que é a do fundador].]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 19/10/2026* (n.º 1–12, como no Prólogo do Estudo VIII).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo IX* (n.º 1–13).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 23/10/2026 sobre o Estudo X* (n.º 1–10).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XI* (n.º 1–11).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XII* (n.º 1–11).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 31/10/2026 sobre o Estudo XIII* (n.º 1–12). [As listas de 23/10 e de 31/10 são sempre citadas com o nome do estudo.]

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo I* (n.º 1–12).

1. LUMEN FLUENS. *Decisões do fundador de 03/11/2026 sobre o Estudo II* (n.º 1–12).

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VII* (Hegel). [Leitura anterior; seção 4.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado VIII* (Levinas). [Seções 1.10 e 4.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado IX* (Ricoeur). [Seções 1.6, 1.7 e 4.3.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado X* (Platão). [Seção 4.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XI* (Aristóteles). [Seção 4.2.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XII* (Agostinho). [Seções 1.11, 2.2, 2.7, 3.3, 3.5, 4.1 e 4.9; medido neste estudo, não refeito.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado XIII* (Arendt). [Seções 1.6, 2.8, 3.6, 4.4 e 4.10.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado I* (budismo, refeito em 03/11/2026). [Seções 3.8, 3.9 e 4.8.]

1. LUMEN FLUENS. *Estudo Comparado II* (estoicismo, refeito em 03/11/2026). [Seções 3.3, 4.5 e 4.7.]

1. LUMEN FLUENS. *Ficha do Estudo III* (outubro de 2026). [Apontamento do fundador, não cânon: quatro toques e três fronteiras, as sete frases medidas em 5.1.]

1. LUMEN FLUENS. *Fichas dos Estudos I–VII*. [Apontamentos, não cânon; a Ficha do Estudo VI chega só pelo Estudo I, 4.8 (o *wu wei*).]

APÊNDICE A — FONTES CITADAS, POR CAPÍTULO

Nos apêndices, as seções são numeradas como na edição de leitura (Prólogo e capítulos 1 a 6); nesta edição, some-se 1 ao número do capítulo (1.8 da edição de leitura = 2.8 desta).

Prólogo

O cristianismo

1. Prólogo · Jo 1,9, Almeida Revista e Atualizada (ARA) · “a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem” · «τὸ φῶς τὸ ἀληθινὸν ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον» · [V-gr; V-pt: ARA]
2. Prólogo · 1Cor 15,14, ARA · “é vã a nossa pregação” · «κενὸν ἄρα τὸ κήρυγμα ἡμῶν» · [V-gr; V-pt: ARA]
3. Prólogo · Lc 11,35, ARA · “Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas” · «σκόπει οὖν μὴ τὸ φῶς τὸ ἐν σοὶ σκότος ἐστίν» · [V-gr; V-pt: ARA]
4. Prólogo · Mt 18,22, ARA · “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” · «οὐ λέγω σοι ἕως ἑπτάκις ἀλλὰ ἕως ἑβδομηκοντάκις ἑπτά» · [V-gr; V-pt: ARA]
5. Prólogo · Lc 10,36, ARA · “o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores” · «τίς τούτων τῶν τριῶν πλησίον δοκεῖ σοι γεγονέναι τοῦ ἐμπεσόντος εἰς τοὺς λῃστάς» · [V-gr; V-pt: ARA]
6. Prólogo · Hb 12,1, ARA · “tão grande nuvem de testemunhas” · «τοσοῦτον ἔχοντες περικείμενον ἡμῖν νέφος μαρτύρων» · [V-gr; V-pt: ARA]
7. Prólogo · Mt 26,38, ARA · “ficai aqui e vigiai comigo” · «μείνατε ὧδε καὶ γρηγορεῖτε μετ’ ἐμοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]
8. Prólogo · 1Cor 6,19, Ave-Maria · “o vosso corpo é templo do Espírito Santo” · «ὅτι τὸ σῶμα ὑμῶν ναὸς τοῦ ἐν ὑμῖν ἁγίου πνεύματός ἐστιν» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]

O cânon e os escritos

1. Prólogo · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus. Para quem não crê, é a consciência mais funda, o verdadeiro em si. A filosofia não decide isso por ninguém”
2. Prólogo · Catecismo, 26 · “A filosofia não decide isso por ninguém”
3. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “a luz não se acende — ela se revela”
4. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”
5. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero”
6. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “manter a alma flexível”
7. Prólogo · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “tijolos do templo”
8. Prólogo · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”
9. Prólogo · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “a quem chega até nós”
10. Prólogo · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “com gratidão a alguém do passado”
11. Prólogo · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta”
12. Prólogo · Cânon v1.2, “A Vigília” · “o mal que ninguém causou”

13. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
14. Prólogo · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “a dignidade precede o mérito”
15. Prólogo · Tratado da Vigília, “Definição” · “nem esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete”
16. Prólogo · Tratado da Vigília, “Definição” · “Velar não é vigiar nem esperar”
17. Prólogo · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “a fé que professa”
18. Prólogo · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “não é o exame de um juiz severo”
19. Prólogo · Disputatio, 3, “Respondeo” · “o afogamento não é a medida final do que essa pessoa era”
20. Prólogo · Catecismo, 36 · “há uma luz devida ao outro”
21. Prólogo · Catecismo, 36 · “resiste-se, e deve-se justiça”
22. Prólogo · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “A luz é dada antes de qualquer relação”
23. Prólogo · Decisão n.º 4 de 17/10/2026, Estudo VII · “A mão que retoma, na Regra da Misericórdia, é o rio”
24. Prólogo · Decisão n.º 5 de 17/10/2026, Estudo VII · “com ou sem intenção”
25. Prólogo · Decisão n.º 1 de 19/10/2026, Estudo VIII · “Há uma luz devida ao outro antes de qualquer pacto”
26. Prólogo · Decisão n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII · “O olhar do outro apenas vê”
27. Prólogo · Decisão n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII · “que o cristianismo de Levinas põe no centro”
28. Prólogo · Decisão n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII · “O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola”
29. Prólogo · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX · “O perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça”
30. Prólogo · Decisão n.º 4 de 23/10/2026, Estudo IX · “antes de qualquer história”
31. Prólogo · Decisão n.º 5 de 23/10/2026, Estudo IX · “a decisão n.º 3 de 19 de outubro cobre o caso”
32. Prólogo · Decisão n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX · “a polifonia da nominação, o ágape como economia do dom, Jerusalém e Atenas […] como matéria do interlocutor”
33. Prólogo · Decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo X · “Só templo: o corpo não encobre a luz”
34. Prólogo · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X · “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”
35. Prólogo · Decisão n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X · “o esvaziamento do Filho não entra na revisão da Ficha do Estudo III”
36. Prólogo · Decisão n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII · “O mestre interior fica como herança nomeada”
37. Prólogo · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · “com frase própria”
38. Prólogo · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
39. Prólogo · Decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII · “*Cidade de Deus* XIV, 3 fica como aliado do Corpus”

40. Prólogo · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII · “separa-se em duas — a mão que retoma, que é do rio, e a graça, que é toque do cristianismo”
41. Prólogo · Decisão n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII · “O compromisso do Abrigo é a promessa dita a outro”
42. Prólogo · Decisão n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII · “o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida, como Arendt os lê, entram na revisão da Ficha do Estudo III como matéria do interlocutor”
43. Prólogo · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I · “a Lux é de alguém”
44. Prólogo · Decisão n.º 12 de 03/11/2026, Estudos I e II · “Publicação como o Estudo XIII”
45. Prólogo · Decisão n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II · “Recusa a providência” não entra, porque “o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
46. Prólogo · Decisão n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II · “o cânon não diz que a noite é prova”

A Ficha de outubro (não é cânon)

1. Prólogo · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, primeiro toque · “Dignidade anterior ao mérito: a *imago Dei* (Gn 1,26) é a grande escola dessa intuição”

Capítulo 1 — O cristianismo em sua melhor forma

O cristianismo

1. 1.3 · Jo 1,4-5, ARA · “A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela” · «ἐν αὐτῷ ζωὴ ἦν, καὶ ἡ ζωὴ ἦν τὸ φῶς τῶν ἀνθρώπων· καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν.» · [V-gr; V-pt: ARA]
2. 1.3 · Jo 1,5, Ave-Maria · “as trevas não a compreenderam” · «καὶ τὸ φῶς ἐν τῇ σκοτίᾳ φαίνει, καὶ ἡ σκοτία αὐτὸ οὐ κατέλαβεν.» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]
3. 1.3 · Jo 1,8-9, ARA · “não era a luz […] a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem” · «οὐκ ἦν ἐκεῖνος τὸ φῶς, ἀλλ’ ἵνα μαρτυρήσῃ περὶ τοῦ φωτός. ἦν τὸ φῶς τὸ ἀληθινὸν ὃ φωτίζει πάντα ἄνθρωπον ἐρχόμενον εἰς τὸν κόσμον.» · [V-gr; V-pt: ARA]
4. 1.3 · Jo 1,9, Vulgata · “todo homem que vem” · «omnem hominem venientem in hunc mundum» · [V-la]
5. 1.3 · Jo 1,14, ARA · “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” · «Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν, καὶ ἐθεασάμεθα τὴν δόξαν αὐτοῦ, δόξαν ὡς μονογενοῦς παρὰ πατρός, πλήρης χάριτος καὶ ἀληθείας·» · [V-gr; V-pt: ARA]
6. 1.3 · Jo 8,12, ARA · “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” · «Πάλιν οὖν αὐτοῖς ἐλάλησεν ὁ Ἰησοῦς λέγων· Ἐγώ εἰμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου· ὁ ἀκολουθῶν ἐμοὶ οὐ μὴ περιπατήσῃ ἐν τῇ σκοτίᾳ, ἀλλ’ ἕξει τὸ […]» · [V-gr; V-pt: ARA]
7. 1.3 · 1Jo 1,5, ARA · “Deus é luz, e não há nele treva nenhuma” · «Καὶ ἔστιν αὕτη ἡ ἀγγελία ἣν ἀκηκόαμεν ἀπ’ αὐτοῦ καὶ ἀναγγέλλομεν ὑμῖν, ὅτι ὁ θεὸς φῶς ἐστιν καὶ σκοτία ἐν αὐτῷ οὐκ ἔστιν οὐδεμία.» · [V-gr; V-pt: ARA]
8. 1.3 · Mt 5,14-15, ARA · “Vós sois a luz do mundo. […] nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa” · «Ὑμεῖς ἐστε τὸ φῶς τοῦ κόσμου. οὐ δύναται πόλις κρυβῆναι ἐπάνω ὄρους κειμένη·

οὐδὲ καίουσιν λύχνον καὶ τιθέασιν αὐτὸν ὑπὸ τὸν μόδιον ἀλλ’ ἐπὶ τὴν […]» · [V-gr; V-pt: ARA]

9. 1.3 · Lc 11,35, ARA · “Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas” · «σκόπει οὖν μὴ τὸ φῶς τὸ ἐν σοὶ σκότος ἐστίν.» · [V-gr; V-pt: ARA]
10. 1.3 · Fl 2,6-7, ARA · “subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens” · «ὃς ἐν μορφῇ θεοῦ ὑπάρχων οὐχ ἁρπαγμὸν ἡγήσατο τὸ εἶναι ἴσα θεῷ, ἀλλὰ ἑαυτὸν ἐκένωσεν μορφὴν δούλου λαβών, ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος· καὶ σχήματι εὑρεθεὶς […]» · [V-gr; V-pt: ARA]
11. 1.3 · Fl 2,8, ARA · “a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz” · «ἐταπείνωσεν ἑαυτὸν γενόμενος ὑπήκοος μέχρι θανάτου, θανάτου δὲ σταυροῦ·» · [V-gr; V-pt: ARA]
12. 1.3 · Fl 2,7, Ave-Maria · “aniquilou-se a si mesmo” · «ἀλλὰ ἑαυτὸν ἐκένωσεν μορφὴν δούλου λαβών, ἐν ὁμοιώματι ἀνθρώπων γενόμενος· καὶ σχήματι εὑρεθεὶς ὡς ἄνθρωπος» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]
13. 1.4 · Gn 1,27, ARA · “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” · «וַיִּבְרָא אֱלֹהִים ׀ אֶת־הָאָדָם בְּצַלְמוֹ בְּצֶלֶם אֱלֹהִים בָּרָא אֹתוֹ זָכָר וּנְקֵבָה בָּרָא אֹתָם» · [V-he; V-pt: ARA]
14. 1.4 · Gn 9,6, ARA · “porque Deus fez o homem segundo a sua imagem” · «שֹׁפֵךְ דַּם הָאָדָם בָּאָדָם דָּמוֹ יִשָּׁפֵךְ כִּי בְצֶלֶם אֱלֹהִים עָשָׂה אֶת־הָאָדָם» · [V-he; V-pt: ARA]
15. 1.4 · Sl 8,4-5, ARA (Sl 8,5-6 no hebraico) · “que é o homem, que dele te lembres? […] Fizeste-o, no entanto, por um pouco, menor do que Deus e de glória e de honra o coroaste” · «מָה־אֱנוֹשׁ כִּי־תִזְכְּרֶנּוּ וּבֶן־אָדָם כִּי תִפְקְדֶנּוּ וַתְּחַסְּרֵהוּ מְּעַט מֵאֱלֹהִים וְכָבוֹד וְהָדָר תְּעַטְּרֵהוּ» · [V-he; V-pt: ARA]
16. 1.4 · Cl 1,15, ARA · “é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” · «ὅς ἐστιν εἰκὼν τοῦ θεοῦ τοῦ ἀοράτου, πρωτότοκος πάσης κτίσεως,» · [V-gr; V-pt: ARA]
17. 1.4 · *Gaudium et spes*, 24, Vaticano II · “não se pode encontrar plenamente a não ser no sincero dom de si mesmo” · «—» · [V-pt: Vaticano]
18. 1.5 · Rm 3,23-24, ARA · “todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus” · «πάντες γὰρ ἥμαρτον καὶ ὑστεροῦνται τῆς δόξης τοῦ θεοῦ, δικαιούμενοι δωρεὰν τῇ αὐτοῦ χάριτι διὰ τῆς ἀπολυτρώσεως τῆς ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ·» · [V-gr; V-pt: ARA]
19. 1.5 · Rm 5,20, ARA · “onde abundou o pecado, superabundou a graça” · «νόμος δὲ παρεισῆλθεν ἵνα πλεονάσῃ τὸ παράπτωμα· οὗ δὲ ἐπλεόνασεν ἡ ἁμαρτία, ὑπερεπερίσσευσεν ἡ χάρις,» · [V-gr; V-pt: ARA]
20. 1.5 · Ef 2,8-9, ARA · “Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” · «τῇ γὰρ χάριτί ἐστε σεσῳσμένοι διὰ πίστεως· καὶ τοῦτο οὐκ ἐξ ὑμῶν, θεοῦ τὸ δῶρον· οὐκ ἐξ ἔργων, ἵνα μή τις καυχήσηται.» · [V-gr; V-pt: ARA]
21. 1.5 · 1Cor 15,22, ARA · “assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo” · «ὥσπερ γὰρ ἐν τῷ Ἀδὰμ πάντες ἀποθνῄσκουσιν, οὕτως καὶ ἐν τῷ Χριστῷ πάντες ζῳοποιηθήσονται.» · [V-gr; V-pt: ARA]
22. 1.5 · Rm 5,12, ARA · “porque todos pecaram” · «Διὰ τοῦτο ὥσπερ δι’ ἑνὸς ἀνθρώπου ἡ ἁμαρτία εἰς τὸν κόσμον εἰσῆλθεν καὶ διὰ τῆς ἁμαρτίας ὁ θάνατος, καὶ οὕτως εἰς πάντας ἀνθρώπους ὁ θάνατος […]» · [V-gr; V-pt: ARA]

23. 1.5 · Rm 7,19, ARA · “não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço” · «οὐ γὰρ ὃ θέλω ποιῶ ἀγαθόν, ἀλλὰ ὃ οὐ θέλω κακὸν τοῦτο πράσσω.» · [V-gr; V-pt: ARA]
24. 1.5 · Rm 7,24-25, ARA · “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor” · «ταλαίπωρος ἐγὼ ἄνθρωπος· τίς με ῥύσεται ἐκ τοῦ σώματος τοῦ θανάτου τούτου; χάρις τῷ θεῷ διὰ Ἰησοῦ Χριστοῦ τοῦ κυρίου ἡμῶν. Ἄρα οὖν αὐτὸς ἐγὼ […]» · [V-gr; V-pt: ARA]
25. 1.6 · Mt 18,22, ARA · “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” · «λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· Οὐ λέγω σοι ἕως ἑπτάκις ἀλλὰ ἕως ἑβδομηκοντάκις ἑπτά.» · [V-gr; V-pt: ARA]
26. 1.6 · Mt 18,35, ARA · “Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão” · «Οὕτως καὶ ὁ πατήρ μου ὁ οὐράνιος ποιήσει ὑμῖν ἐὰν μὴ ἀφῆτε ἕκαστος τῷ ἀδελφῷ αὐτοῦ ἀπὸ τῶν καρδιῶν ὑμῶν.» · [V-gr; V-pt: ARA]
27. 1.6 · Mt 6,12, ARA · “perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” · «καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν, ὡς καὶ ἡμεῖς ἀφήκαμεν τοῖς ὀφειλέταις ἡμῶν·» · [V-gr; V-pt: ARA]
28. 1.6 · Mt 6,12, Ave-Maria · “perdoai-nos as nossas ofensas” · «καὶ ἄφες ἡμῖν τὰ ὀφειλήματα ἡμῶν, ὡς καὶ ἡμεῖς ἀφήκαμεν τοῖς ὀφειλέταις ἡμῶν·» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]
29. 1.6 · Lc 15,20, ARA · “Vinha ele ainda longe, quando seu pai o avistou, e, compadecido dele, correndo, o abraçou, e beijou” · «καὶ ἀναστὰς ἦλθεν πρὸς τὸν πατέρα ἑαυτοῦ. ἔτι δὲ αὐτοῦ μακρὰν ἀπέχοντος εἶδεν αὐτὸν ὁ πατὴρ αὐτοῦ καὶ ἐσπλαγχνίσθη καὶ δραμὼν ἐπέπεσεν ἐπὶ τὸν τράχηλον […]» · [V-gr; V-pt: ARA]
30. 1.6 · Lc 15,8, ARA · “não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente até encontrá-la” · «Ἢ τίς γυνὴ δραχμὰς ἔχουσα δέκα, ἐὰν ἀπολέσῃ δραχμὴν μίαν, οὐχὶ ἅπτει λύχνον καὶ σαροῖ τὴν οἰκίαν καὶ ζητεῖ ἐπιμελῶς ἕως οὗ εὕρῃ;» · [V-gr; V-pt: ARA]
31. 1.6 · Jo 8,11, ARA · “Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais” · «ἡ δὲ εἶπεν· Οὐδείς, κύριε. εἶπεν δὲ ὁ Ἰησοῦς· Οὐδὲ ἐγώ σε κρίνω· πορεύου καὶ μηκέτι ἁμάρτανε.» · [V-gr; V-pt: ARA]
32. 1.6 · Lc 23,34, ARA · “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” · «ὁ δὲ Ἰησοῦς ἔλεγεν· Πάτερ, ἄφες αὐτοῖς, οὐ γὰρ οἴδασιν τί ποιοῦσιν. διαμεριζόμενοι δὲ τὰ ἱμάτια αὐτοῦ ἔβαλον κλήρους.» · [V-gr; V-pt: ARA]
33. 1.6 · Mt 5,7, ARA · “Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia” · «μακάριοι οἱ ἐλεήμονες, ὅτι αὐτοὶ ἐλεηθήσονται.» · [V-gr; V-pt: ARA]
34. 1.7 · Mt 22,37-39, ARA · “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. […] Amarás o teu próximo como a ti mesmo” · «ὁ δὲ ἔφη αὐτῷ· Ἀγαπήσεις κύριον τὸν θεόν σου ἐν ὅλῃ τῇ καρδίᾳ σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ ψυχῇ σου καὶ ἐν ὅλῃ τῇ διανοίᾳ […]» · [V-gr; V-pt: ARA]
35. 1.7 · Lc 10,29, ARA · “Quem é o meu próximo?” · «Ὁ δὲ θέλων δικαιῶσαι ἑαυτὸν εἶπεν πρὸς τὸν Ἰησοῦν· Καὶ τίς ἐστίν μου πλησίον;» · [V-gr; V-pt: ARA]
36. 1.7 · Lc 10,36, ARA · “Qual destes três te parece ter sido o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores?” · «τίς τούτων τῶν τριῶν πλησίον δοκεῖ σοι γεγονέναι τοῦ ἐμπεσόντος εἰς τοὺς λῃστάς;» · [V-gr; V-pt: ARA]
37. 1.7 · Mt 25,40, ARA · “sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes” · «καὶ ἀποκριθεὶς ὁ βασιλεὺς ἐρεῖ αὐτοῖς· Ἀμὴν λέγω ὑμῖν, ἐφ’ ὅσον ἐποιήσατε ἑνὶ τούτων τῶν ἀδελφῶν μου τῶν ἐλαχίστων, ἐμοὶ ἐποιήσατε.» · [V-gr; V-pt: ARA]
38. 1.7 · 1Jo 4,19, ARA · “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” · «ἡμεῖς ἀγαπῶμεν, ὅτι αὐτὸς πρῶτος ἠγάπησεν ἡμᾶς.» · [V-gr; V-pt: ARA]

39. 1.7 · 1Jo 4,20, ARA · “aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” · «ἐάν τις εἴπῃ ὅτι Ἀγαπῶ τὸν θεόν, καὶ τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ μισῇ, ψεύστης ἐστίν· ὁ γὰρ μὴ ἀγαπῶν τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ ὃν ἑώρακεν, τὸν θεὸν […]» · [V-gr; V-pt: ARA]
40. 1.7 · 1Jo 4,8, ARA · “Deus é amor” · «ὁ μὴ ἀγαπῶν οὐκ ἔγνω τὸν θεόν, ὅτι ὁ θεὸς ἀγάπη ἐστίν.» · [V-gr; V-pt: ARA]
41. 1.7 · 1Cor 13,13, Ave-Maria · “a maior delas é a caridade” · «νυνὶ δὲ μένει πίστις, ἐλπίς, ἀγάπη· τὰ τρία ταῦτα, μείζων δὲ τούτων ἡ ἀγάπη.» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]
42. 1.7 · Mt 5,44, ARA · “amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” · «ἐγὼ δὲ λέγω ὑμῖν, ἀγαπᾶτε τοὺς ἐχθροὺς ὑμῶν καὶ προσεύχεσθε ὑπὲρ τῶν διωκόντων ὑμᾶς·» · [V-gr; V-pt: ARA]
43. 1.7 · Lc 6,36, ARA · “Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai” · «γίνεσθε οἰκτίρμονες καθὼς ὁ πατὴρ ὑμῶν οἰκτίρμων ἐστίν·» · [V-gr; V-pt: ARA]
44. 1.7 · Mt 11,28, ARA · “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” · «Δεῦτε πρός με πάντες οἱ κοπιῶντες καὶ πεφορτισμένοι, κἀγὼ ἀναπαύσω ὑμᾶς.» · [V-gr; V-pt: ARA]
45. 1.7 · Eclo 51,31, Ave-Maria (51,23 na Septuaginta) · “Aproximai-vos de mim” · «ἐγγίσατε πρός με, ἀπαίδευτοι, καὶ αὐλίσθητε ἐν οἴκῳ παιδείας» · [V-gr: Septuaginta; V-pt: Ave-Maria]
46. 1.7 · Gl 6,2, ARA · “Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo” · «ἀλλήλων τὰ βάρη βαστάζετε, καὶ οὕτως ἀναπληρώσετε τὸν νόμον τοῦ Χριστοῦ.» · [V-gr; V-pt: ARA]
47. 1.7 · Is 53,4, ARA · “tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si” · «אָכֵן חֳלָיֵנוּ הוּא נָשָׂא וּמַכְאֹבֵינוּ סְבָלָם וַאֲנַחְנוּ חֲשַׁבְנֻהוּ נָגוּעַ מֻכֵּה אֱלֹהִים וּמְעֻנֶּה» · [V-he; V-pt: ARA]
48. 1.8 · 1Cor 15,3-4, ARA · “que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras, e que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras” · «Παρέδωκα γὰρ ὑμῖν ἐν πρώτοις, ὃ καὶ παρέλαβον, ὅτι Χριστὸς ἀπέθανεν ὑπὲρ τῶν ἁμαρτιῶν ἡμῶν κατὰ τὰς γραφάς, καὶ ὅτι ἐτάφη, καὶ ὅτι ἐγήγερται τῇ […]» · [V-gr; V-pt: ARA]
49. 1.8 · Rm 5,8, ARA · “Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” · «συνίστησιν δὲ τὴν ἑαυτοῦ ἀγάπην εἰς ἡμᾶς ὁ θεὸς ὅτι ἔτι ἁμαρτωλῶν ὄντων ἡμῶν Χριστὸς ὑπὲρ ἡμῶν ἀπέθανεν.» · [V-gr; V-pt: ARA]
50. 1.8 · Mt 27,46, ARA · “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” · «περὶ δὲ τὴν ἐνάτην ὥραν ἀνεβόησεν ὁ Ἰησοῦς φωνῇ μεγάλῃ λέγων· Ἠλὶ ἠλὶ λεμὰ σαβαχθάνι; τοῦτ’ ἔστιν· Θεέ μου θεέ μου, ἱνατί με ἐγκατέλιπες;» · [V-gr; V-pt: ARA]
51. 1.8 · Lc 23,46, ARA · “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!” · «καὶ φωνήσας φωνῇ μεγάλῃ ὁ Ἰησοῦς εἶπεν· Πάτερ, εἰς χεῖράς σου παρατίθεμαι τὸ πνεῦμά μου. τοῦτο δὲ εἰπὼν ἐξέπνευσεν.» · [V-gr; V-pt: ARA]
52. 1.8 · 1Cor 15,14, ARA · “se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé” · «εἰ δὲ Χριστὸς οὐκ ἐγήγερται, κενὸν ἄρα τὸ κήρυγμα ἡμῶν, κενὴ καὶ ἡ πίστις ὑμῶν,» · [V-gr; V-pt: ARA]
53. 1.8 · 1Cor 15,44, ARA · “Semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual” · «σπείρεται σῶμα ψυχικόν, ἐγείρεται σῶμα πνευματικόν. Εἰ ἔστιν σῶμα ψυχικόν, ἔστιν καὶ πνευματικόν.» · [V-gr; V-pt: ARA]
54. 1.8 · 1Cor 15,55, ARA · “Onde está, ó morte, a tua vitória?” · «ποῦ σου, θάνατε, τὸ νῖκος; ποῦ σου, θάνατε, τὸ κέντρον;» · [V-gr; V-pt: ARA]

55. 1.8 · Sl 88,18, ARA (Sl 88,19 no hebraico) · “os meus conhecidos são trevas” · «הִרְחַקְתָּ מִמֶּנִּי אֹהֵב וְרֵעַ מְיֻדָּעַי מַחְשָׁךְ» · [V-he; V-pt: ARA]
56. 1.8 · Mt 26,38, ARA · “A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo” · «τότε λέγει αὐτοῖς· Περίλυπός ἐστιν ἡ ψυχή μου ἕως θανάτου· μείνατε ὧδε καὶ γρηγορεῖτε μετ’ ἐμοῦ.» · [V-gr; V-pt: ARA]
57. 1.9 · 1Cor 11,28, ARA · “Examine-se, pois, o homem a si mesmo, e, assim, coma do pão, e beba do cálice” · «δοκιμαζέτω δὲ ἄνθρωπος ἑαυτόν, καὶ οὕτως ἐκ τοῦ ἄρτου ἐσθιέτω καὶ ἐκ τοῦ ποτηρίου πινέτω·» · [V-gr; V-pt: ARA]
58. 1.9 · 1Cor 6,19, ARA · “Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós” · «ἢ οὐκ οἴδατε ὅτι τὸ σῶμα ὑμῶν ναὸς τοῦ ἐν ὑμῖν ἁγίου πνεύματός ἐστιν, οὗ ἔχετε ἀπὸ θεοῦ; καὶ οὐκ ἐστὲ ἑαυτῶν,» · [V-gr; V-pt: ARA]
59. 1.9 · 1Cor 6,19, Ave-Maria · “templo do Espírito Santo” · «ἢ οὐκ οἴδατε ὅτι τὸ σῶμα ὑμῶν ναὸς τοῦ ἐν ὑμῖν ἁγίου πνεύματός ἐστιν, οὗ ἔχετε ἀπὸ θεοῦ; καὶ οὐκ ἐστὲ ἑαυτῶν,» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]
60. 1.9 · Rm 12,1, ARA · “apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” · «Παρακαλῶ οὖν ὑμᾶς, ἀδελφοί, διὰ τῶν οἰκτιρμῶν τοῦ θεοῦ παραστῆσαι τὰ σώματα ὑμῶν θυσίαν ζῶσαν ἁγίαν εὐάρεστον τῷ θεῷ, τὴν λογικὴν λατρείαν ὑμῶν·» · [V-gr; V-pt: ARA]
61. 1.9 · 2Sm 6,14, ARA · “dançava com todas as suas forças diante do Senhor” · «וְדָוִד מְכַרְכֵּר בְּכָל־עֹז לִפְנֵי יְהוָה וְדָוִד חָגוּר אֵפוֹד בָּד» · [V-he; V-pt: ARA]
62. 1.10 · Rm 8,24, ARA · “Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera?” · «τῇ γὰρ ἐλπίδι ἐσώθημεν· ἐλπὶς δὲ βλεπομένη οὐκ ἔστιν ἐλπίς, ὃ γὰρ βλέπει τίς ἐλπίζει;» · [V-gr; V-pt: ARA]
63. 1.10 · Ap 21,4, ARA · “E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá” · «καὶ ἐξαλείψει πᾶν δάκρυον ἐκ τῶν ὀφθαλμῶν αὐτῶν, καὶ ὁ θάνατος οὐκ ἔσται ἔτι· οὔτε πένθος οὔτε κραυγὴ οὔτε πόνος οὐκ ἔσται ἔτι. τὰ πρῶτα […]» · [V-gr; V-pt: ARA]
64. 1.10 · 1Cor 13,13, ARA · “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior destes é o amor” · «νυνὶ δὲ μένει πίστις, ἐλπίς, ἀγάπη· τὰ τρία ταῦτα, μείζων δὲ τούτων ἡ ἀγάπη.» · [V-gr; V-pt: ARA]
65. 1.10 · Mt 25,13, ARA · “Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora” · «γρηγορεῖτε οὖν, ὅτι οὐκ οἴδατε τὴν ἡμέραν οὐδὲ τὴν ὥραν.» · [V-gr; V-pt: ARA]
66. 1.11 · Sl 139,23, ARA · “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos” · «חָקְרֵנִי אֵל וְדַע לְבָבִי בְּחָנֵנִי וְדַע שַׂרְעַפָּי» · [V-he; V-pt: ARA]
67. 1.11 · Mt 6,6, ARA · “entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto” · «σὺ δὲ ὅταν προσεύχῃ, εἴσελθε εἰς τὸ ταμεῖόν σου καὶ κλείσας τὴν θύραν σου πρόσευξαι τῷ πατρί σου τῷ ἐν τῷ κρυπτῷ· καὶ ὁ πατήρ […]» · [V-gr; V-pt: ARA]
68. 1.12 · Mt 25,46, ARA · “E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna” · «καὶ ἀπελεύσονται οὗτοι εἰς κόλασιν αἰώνιον, οἱ δὲ δίκαιοι εἰς ζωὴν αἰώνιον.» · [V-gr; V-pt: ARA]
69. 1.12 · Ef 6,5, ARA · “Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor” · «Οἱ δοῦλοι, ὑπακούετε τοῖς κατὰ σάρκα κυρίοις μετὰ φόβου καὶ τρόμου ἐν ἁπλότητι τῆς καρδίας ὑμῶν ὡς τῷ Χριστῷ,» · [V-gr; V-pt: ARA]
70. 1.12 · Gl 3,28, ARA · “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” · «οὐκ ἔνι Ἰουδαῖος οὐδὲ Ἕλλην, οὐκ ἔνι δοῦλος οὐδὲ ἐλεύθερος, οὐκ ἔνι ἄρσεν καὶ θῆλυ· πάντες γὰρ ὑμεῖς εἷς ἐστε ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ.» · [V-gr; V-pt: ARA]

A tradição

1. 1.3 · Brown, *The Gospel According to John (I–XII)*, Anchor Bible 29, Garden City, Doubleday, 1966, sobre Jo 1,9 · — · «—» · [tese a confirmar; página a confirmar]
2. 1.3 · Fox, *Journal*, 1647 (ed. Gutenberg 75559) · “Há um, o próprio Cristo Jesus, que pode falar à tua condição” · «There is one, even Christ Jesus, that can speak to thy condition» · [V-en; tradução do estudo; página a confirmar]
3. 1.3 · Barclay, *An Apology for the True Christian Divinity*, Birmingham, Baskerville, 1765, Proposições V–VI · “ilumina TODO homem que vem ao mundo” · «the Light … enlighteneth EVERY Man that cometh into the World» · [V-en; tradução do estudo; página a confirmar]
4. 1.3 · Atanásio, *Sobre a encarnação*, 54, 3 (*Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2.ª série, v. 4, trad. Robertson) · “Pois ele se fez homem para que nós fôssemos feitos Deus” · «For He was made man that we might be made God» · [V-en: Robertson; tradução do estudo; grego não conferido]
5. 1.3 · Tertuliano, *Sobre a ressurreição da carne*, 8 (*Patrologia Latina* 2, col. 806) · “a carne é, de fato, o gonzo da salvação” · «adeo caro salutis est cardo» · [V-la; tradução do estudo]
6. 1.4 · Irineu, *Contra as heresias*, IV, 20, 7 (versão latina; ed. Harvey, Cambridge, 1857, v. 2, p. 219) · “A glória de Deus, com efeito, é o homem vivo” · «Gloria enim Dei vivens homo» · [V-la via secundária: Harvey; tradução do estudo]
7. 1.4 · Irineu, *Contra as heresias*, V, 6, 1 (*Ante-Nicene Fathers* 1, trad. Roberts–Rambaut) · “o homem, e não [apenas] uma parte do homem, foi feito à semelhança de Deus” · «man, and not [merely] a part of man, was made in the likeness of God» · [V-en: Roberts–Rambaut; tradução do estudo]
8. 1.4 · Gregório de Nissa, *Sobre a criação do homem*, 16 (*Nicene and Post-Nicene Fathers*, 2.ª série, v. 5, trad. H. A. Wilson) · “toda a nossa natureza, do primeiro ao último, é uma só imagem daquele que é” · «our whole nature extending from the first to the last is one image of Him Who is» · [V-en: Wilson; tradução do estudo; localização a confirmar]
9. 1.4 · Agostinho, *A Trindade*, XIV, 8, 11 (Nuova Biblioteca Agostiniana) · “é imagem dele: porque é capaz dele e pode ser participante dele” · «Eo quippe ipso imago eius est, quo eius capax est, eiusque particeps esse potest» · [V-la; tradução do estudo]
10. 1.4 · Tomás, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4 (Corpus Thomisticum, Leonina) · “A primeira imagem se encontra em todos os homens; a segunda, só nos justos; a terceira, somente nos bem-aventurados” · «Prima ergo imago invenitur in omnibus hominibus; secunda in iustis tantum; tertia vero solum in beatis» · [V-la; tradução do estudo]
11. 1.5 · Arendt, *A vida do espírito*, II, Paidós, p. 297 · “os dois não são amigos ou companheiros; estão em constante luta entre si” · «no son amigos o compañeros; están en constante lucha» · [V-es via Estudo XIII, 4.4; tradução do estudo]
12. 1.5 · Kierkegaard, *O desespero humano* (*The Sickness unto Death*, 1849), parte II, trad. Lowrie, p. 129 · “Pecado é: diante de Deus, em desespero não querer ser si mesmo, ou diante de Deus, em desespero querer ser si mesmo” · «Sin is: before God in despair not to will to be oneself, or before God in despair to will to be oneself» · [V-en: Lowrie; tradução do estudo]
13. 1.5 · Agostinho, *Confissões*, X, 29, 40 (trad. Mammì) · “concede o que ordenas, e ordena o que queres” · «Da quod iubes et iube quod vis» · [V-la; V-pt: Mammì, via Estudo XII, 4.1; página a confirmar]

14. 1.5 · Tomás, *Suma Teológica*, I-II, q. 109, a. 2 (Corpus Thomisticum, Leonina) · “a natureza humana não foi totalmente corrompida pelo pecado” · «natura humana per peccatum non est totaliter corrupta» · [V-la; tradução do estudo]
15. 1.5 · Lutero, *Comentário a Gálatas*, 1535, sobre Gl 3,6 (*Weimarer Ausgabe* 40/I, 368; *Luther's Works* 26, 232), citado em Winger, *On the simul*, p. 94 · “Assim um homem cristão é ao mesmo tempo justo e pecador, santo e profano, inimigo de Deus e filho de Deus” · «Thus a Christian man is righteous and a sinner at the same time [simul iustus et peccator], holy and profane, an enemy of God and a child of God» · [V via secundária: Winger; tradução do estudo]
16. 1.5 · Concílio de Trento, sessão VI, cap. VII (trad. Waterworth, Londres, Dolman, 1848, pp. 34–35) · “não é apenas remissão dos pecados, mas também santificação e renovação do homem interior” · «not remission of sins merely, but also the sanctification and renewal of the inward man» · [V-en: Waterworth; tradução do estudo; latim não conferido]
17. 1.5 · Concílio de Trento, sessão VI, cap. VIII (trad. Waterworth, 1848) · “seja a fé, sejam as obras […] merece a própria graça” · «whether faith or works … merit the grace itself of justification» · [V-en: Waterworth; tradução do estudo]
18. 1.6 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5 (Nuova Biblioteca Agostiniana) · “O que é a misericórdia senão certa compaixão, em nosso coração, pela miséria alheia, pela qual somos movidos a socorrer, se podemos?” · «Quid est autem misericordia nisi alienae miseriae quaedam in nostro corde compassio, qua utique si possumus subvenire compellimur?» · [V-la; tradução do estudo]
19. 1.6 · Tomás, *Suma Teológica*, II-II, q. 30, a. 1 (Corpus Thomisticum, Leonina) · — · «—» · [paráfrase; V-la]
20. 1.6 · Arendt, *A condição humana*, §33, Chicago, 1958, pp. 238–239 (ed. brasileira trad. Raposo) · “O descobridor do papel do perdão no domínio dos assuntos humanos foi Jesus de Nazaré” · «The Discoverer of the role of forgiveness in the realm of human affairs was Jesus of Nazareth» · [V-en via Estudo XIII, 1.6; tradução do estudo]
21. 1.6 · Arendt, *A condição humana*, §33, p. 239 · “não deriva de Deus […] mas, ao contrário, tem de ser mobilizado pelos homens uns em relação aos outros antes que possam esperar ser perdoados por Deus também” · «does not derive from God … but on the contrary must be mobilized by men toward each other before they can hope to be forgiven by God also» · [V-en via Estudo XIII, 1.6; tradução do estudo]
22. 1.6 · Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, Epílogo, ed. portuguesa (Campinas, Unicamp, 2007), p. 501; ed. francesa (Paris, Seuil, 2000), p. 642 · “tu vales mais que teus atos” · «tu vaux mieux que tes actes» · [V-pt via Estudo IX, 1.7]
23. 1.6 · Dostoiévski, *Os irmãos Karamázov*, V, 4 (trad. Garnett) · “Mas existe um Ser, e Ele pode perdoar tudo, a todos e por tudo, porque deu o Seu sangue inocente por todos e por tudo” · «But there is a Being and He can forgive everything, all and for all, because He gave His innocent blood for all and everything» · [V-en: Garnett; tradução do estudo]
24. 1.7 · Tomás, *Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1 (Corpus Thomisticum, Leonina) · “a caridade é uma certa amizade do homem com Deus” · «caritas amicitia quaedam est hominis ad Deum» · [V-la; tradução do estudo]
25. 1.7 · Agostinho, *Comentário à Primeira Carta de João*, 7, 8 · “Ama, e faze o que queres” · «Dilige, et quod vis fac» · [V-la; tradução do estudo]
26. 1.7 · Kierkegaard, *As obras do amor* (*Works of Love*, 1847), “Thou Shalt Love”, trad. Swenson, p. 20 · “Tu deves amar” · «Thou shalt love» · [V-en: Swenson; tradução do

estudo]

27. 1.7 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*, Prólogo, ed. espanhola (Siglo XXI, 1996), p. XXXIX · “economia do dom de caráter meta-ético” · «una economía del don de carácter metaético» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]
28. 1.7 · Tomás, *Suma Teológica*, II-II, q. 25, a. 8 (Corpus Thomisticum, Leonina) · “segundo a preparação do ânimo” · «secundum praeparationem animi» · [V-la; tradução do estudo]
29. 1.7 · Levinas, *Entre nós*, “Um Deus homem?”, pp. 92–93 · “Ser eu é sempre ter uma responsabilidade a mais” · «—» · [V-pt]
30. 1.8 · Tertuliano, *Sobre a carne de Cristo*, 5 (*Ante-Nicene Fathers* 3, trad. Holmes) · “O Filho de Deus foi crucificado; não me envergonho, porque é preciso que os homens se envergonhem disso” · «The Son of God was crucified; I am not ashamed because men must needs be ashamed of it» · [V-en: Holmes; tradução do estudo; *credo quia absurdum*: atribuição a confirmar]
31. 1.8 · Bonhoeffer, *Resistência e submissão*, carta de 16/7/1944 (*Dietrich Bonhoeffer Werke*, v. 8, pp. 533–534), citado em Kamphuis, *Theologia Reformata* · “Deus é impotente e fraco no mundo, e justamente e só assim está conosco e nos ajuda […] só o Deus que sofre pode ajudar” · «Gott ist ohnmächtig und schwach in der Welt und gerade und nur so ist er bei uns und hilft uns … nur der leidende Gott kann helfen» · [V via secundária: Kamphuis; original alemão não conferido; tradução do estudo]
32. 1.8 · Juan de la Cruz, *Noite escura*, II, 5, 1 (trad. Peers, Christian Classics Ethereal Library) · “Esta noite escura é um influxo de Deus na alma, que a purifica de suas ignorâncias e imperfeições” · «THIS dark night is an inflowing of God into the soul, which purges it from its ignorances and imperfections» · [V-en: Peers; tradução do estudo]
33. 1.9 · Vicente de Lérins, *Commonitorium*, 2 (trad. Heurtley) · “na própria Igreja Católica deve-se ter o máximo cuidado de manter aquela fé que foi crida em toda parte, sempre, por todos” · «in the Catholic Church itself, all possible care must be taken, that we hold that faith which has been believed everywhere, always, by all» · [V-en: Heurtley; tradução do estudo; latim não conferido]
34. 1.9 · Newman, *Ensaio sobre o desenvolvimento da doutrina cristã* (*An Essay on the Development of Christian Doctrine*, 1878), cap. 1, p. 40 · “aqui embaixo viver é mudar, e ser perfeito é ter mudado muitas vezes” · «here below to live is to change, and to be perfect is to have changed often» · [V-en: Newman; tradução do estudo]
35. 1.11 · Bento, *Regra*, Prólogo (The Latin Library) · “Escuta, ó filho, os preceitos do mestre” · «Obsculta, o fili, praecepta magistri» · [V-la; tradução do estudo]
36. 1.11 · Bento, *Regra*, 48 · “O ócio é inimigo da alma” · «Otiositas inimica est animae» · [V-la; tradução do estudo]
37. 1.11 · Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43 (citado em Reig Pla, “Examinar la conciencia”, 2024, p. 3) · — · «—» · [paráfrase; V-es via secundária: Reig Pla]

O cânon e os escritos

1. 1.5 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII · “Misericórdia e graça”
2. 1.10 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII · “aliado do Corpus”
3. 1.10 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”

Capítulo 2 — Onde nos tocamos

O cristianismo

1. 2.1 · Gn 1,27, ARA (bibliaonline.com.br); hebraico, Westminster Leningrad Codex · “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” · «וַיִּבְרָא אֱלֹהִים ׀ אֶת־הָאָדָם בְּצַלְמוֹ בְּצֶלֶם אֱלֹהִים בָּרָא אֹתוֹ זָכָר וּנְקֵבָה בָּרָא אֹתָם» · [V-he; V-pt: ARA]
2. 2.1 · Tomás, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4, co. (Corpus Thomisticum, 32383) · “em todos os homens” · «invenitur in omnibus hominibus» · [V-la; tradução do estudo]
3. 2.1 · Agostinho, *A Trindade*, XIV, 8, 11 · “envelhecida e deformada” · «obsoletam atque deformem» · [V-la; tradução do estudo]
4. 2.1 · Gregório de Nissa, *Homilia 4 sobre o Eclesiastes* (trad. Maguire, earlychurchtexts.com; linhas do GNO a confirmar) · “Por quantos óbolos avaliaste a imagem de Deus?” · «For how many obols did you value the image of God?» · [V-en: Maguire; tradução do estudo]
5. 2.1 · Mt 5,14-15, ARA (bibliaonline.com.br); grego, SBL Greek New Testament · “Vós sois a luz do mundo. […] nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador” · «Ὑμεῖς ἐστε τὸ φῶς τοῦ κόσμου. […] οὐδὲ καίουσιν λύχνον καὶ τιθέασιν αὐτὸν ὑπὸ τὸν μόδιον ἀλλ’ ἐπὶ τὴν λυχνίαν» · [V-gr; V-pt: ARA]
6. 2.1 · Lc 11,35, ARA · “Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas” · «το φως το εν σοι σκοτος εστιν» · [V-gr; V-pt: ARA]
7. 2.2 · Mt 18,21-22, ARA · “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” · «Οὐ λέγω σοι ἕως ἑπτάκις ἀλλὰ ἕως ἑβδομηκοντάκις ἑπτά» · [V-gr; V-pt: ARA]
8. 2.3 · Lc 10,33-34, ARA · “compadeceu-se dele”; “levou-o para uma hospedaria e tratou dele” · «ἰδὼν ἐσπλαγχνίσθη»; «ἤγαγεν αὐτὸν εἰς πανδοχεῖον καὶ ἐπεμελήθη αὐτοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]
9. 2.3 · Lc 10,37, ARA · “O que usou de misericórdia para com ele” · «Ὁ ποιήσας τὸ ἔλεος μετ’ αὐτοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]
10. 2.4 · Hb 11,40; 12,1, ARA · “para que eles, sem nós, não fossem aperfeiçoados”; “temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas” · «ἵνα μὴ χωρὶς ἡμῶν τελειωθῶσιν»; «τοσοῦτον ἔχοντες περικείμενον ἡμῖν νέφος μαρτύρων» · [V-gr; V-pt: ARA]
11. 2.5 · Jo 1,14, ARA · “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” · «Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν» · [V-gr; V-pt: ARA]
12. 2.5 · 1Cor 6,19, Ave-Maria (a ARA traz “santuário” para *naos*) · “o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós” · «τὸ σῶμα ὑμῶν ναὸς τοῦ ἐν ὑμῖν ἁγίου πνεύματός ἐστιν» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]
13. 2.5 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 3 (edição portuguesa a conferir) · “não foi a carne corruptível que fez pecadora a alma, mas a alma pecadora que fez corruptível a carne”; “incitamentos aos vícios” · «nec caro corruptibilis animam peccatricem, sed anima peccatrix fecit esse corruptibilem carnem»; «incitamenta vitiorum» · [V-la; tradução do estudo]
14. 2.6 · Mt 26,40, ARA · “Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo?” · «Οὕτως οὐκ ἰσχύσατε μίαν ὥραν γρηγορῆσαι μετ’ ἐμοῦ;» · [V-gr; V-pt: ARA]
15. 2.6 · Jó 2,13, na tradução do Tratado da Vigília, “Fundamentação” · “sentaram-se no chão ao lado dele, sete dias e sete noites, sem dizer-lhe uma palavra” · «—»

16. 2.7 · Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43 (grafia do autógrafo conforme Mons. Reig Pla, “Examinar la conciencia”, ejerciciosespirituales.org, 2024, p. 3) · “O primeiro ponto é dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos. O segundo, pedir graça para conhecer os pecados e lançá-los fora. O terceiro, pedir conta à alma, […]. O quarto, pedir perdão a Deus nosso Senhor das faltas. O quinto, propor emenda com a sua graça” · «El primer puncto es dar gracias a Dios nuestro Señor por los beneficios rescibidos» · [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo]
17. 2.8 · Bento, *Regra*, 4 (latim da The Latin Library) · “vigiar a cada hora os atos da própria vida” · «Actus vitae suae omni hora custodire» · [V-la; tradução do estudo]
18. 2.8 · Bento, *Regra*, 48 · “O ócio é inimigo da alma” · «Otiositas inimica est animae» · [V-la; tradução do estudo]
19. 2.8 · Bento, *Regra*, 72 · “Que nada anteponham a Cristo” · «Christo omnimo nihil praeponant» (grafia da página lida) · [V-la; tradução do estudo]
20. 2.8 · Mc 2,27, ARA · “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” · «Τὸ σάββατον διὰ τὸν ἄνθρωπον ἐγένετο καὶ οὐχ ὁ ἄνθρωπος διὰ τὸ σάββατον» · [V-gr; V-pt: ARA]
21. 2.8 · Hb 4,9-10, ARA · “resta um repouso para o povo de Deus”; “descansou de suas obras” · «ἄρα ἀπολείπεται σαββατισμὸς τῷ λαῷ τοῦ θεοῦ»; «κατέπαυσεν ἀπὸ τῶν ἔργων αὐτοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]
22. 2.8 · Agostinho, *Confissões*, XIII, 36, 51 · “não tem tarde nem ocaso” · «sine vespera est nec habet occasum» · [V-la; tradução do estudo]

A tradição

1. 2.6 · Dietrich Bonhoeffer, carta de 16/7/1944, *Resistência e submissão* (DBW 8, pp. 533–534; via Kamphuis, *Theologia Reformata*; original alemão não conferido) · “só o Deus que sofre pode ajudar” · «nur der leidende Gott kann helfen» · [V via secundária: Kamphuis; tradução do estudo]

O cânon e os escritos

1. Abertura · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “para o cristão, é o próprio Deus”
2. 2.1 · Ficha do Estudo III, Ficha de outubro de 2026 · “a grande escola”
3. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Princípio” · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância”; “A luz não se acende — ela se revela”
4. 2.1 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “uma antropologia em que a dignidade precede o mérito”
5. 2.1 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026 · “A luz é dada antes de qualquer relação”
6. 2.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática” · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou?”
7. 2.1 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias”
8. 2.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “em aberto, respeitando a independência confessional”
9. 2.2 · Ficha do Estudo III, Ficha de outubro de 2026 · “misericórdia e graça: falhar não apaga a luz”

10. 2.2 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz. Recomeça-se no dia seguinte, sem drama. O rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma”
11. 2.2 · Decisão n.º 4 de 17/10/2026 · “a mão que retoma […] é o rio — o Flumen —, não o Abrigo. A retomada é pertencimento, e não depende de outra pessoa”
12. 2.2 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “reflexivo — falar a quem falhou consigo mesmo”
13. 2.3 · Ficha do Estudo III, Ficha de outubro de 2026 · “vinde a mim os cansados”
14. 2.3 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “o Abrigo diz o que oferecemos a quem chega até nós”; “se compromete a ser lugar seguro no rio: braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só”; “Sê casa para o outro”
15. 2.3 · Decisão n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII · “o Abrigo revela e nada exige”
16. 2.3 · Decisão n.º 1 de 19/10/2026, Estudo VIII · “há uma luz devida ao outro antes de qualquer pacto”
17. 2.3 · Catecismo, 36 · “há uma luz devida ao outro”
18. 2.3 · Catecismo, 31 · “o olhar do outro não a cria”
19. 2.4 · Ficha do Estudo III, Ficha de outubro de 2026 · “silêncio respeitoso”
20. 2.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero. Somos herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá”
21. 2.4 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível”; “uma ação concreta voltada a quem vem depois: ensinar algo, documentar algo, plantar algo”
22. 2.4 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo IX · “a gratidão do Examinar é o lugar da dívida aos mortos”
23. 2.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV, “Princípio” · “A transcendência passa pela matéria. O corpo, o lugar, o ritmo — os ‘tijolos do templo’ — não são obstáculos ao espírito: são seu instrumento”
24. 2.5 · Decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo X · “o corpo não encobre a luz”
25. 2.5 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “celebrar na carne”
26. 2.6 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “A Vigília promete presença, não vitória: ninguém ficará sem luz dentro da noite”; “vela: recusa-se a apagar. Não vence o escuro do quarto — cria dentro dele um círculo de claridade onde se pode estar”; “o mal que ninguém causou”
27. 2.6 · Tratado da Vigília, “Definição” · “Velar não é vigiar nem esperar. Quem vigia guarda-se do que virá; quem espera conta com o que virá; quem vela não faz depender a luz do que virá — permanece desperto no escuro”
28. 2.6 · Decisão n.º 2 de 19/10/2026, Estudo VIII · “A Vigília nasce da luz de quem vela”
29. 2.7 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “Encerrar com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível”
30. 2.7 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “Não é o exame de um juiz severo, contando pontos negativos. É mais parecido com quem revisita o rio percorrido no dia”; “em voz baixa ou numa frase escrita”
31. 2.8 · Ficha do Estudo III, Ficha de outubro de 2026 · “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial”
32. 2.8 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “a mudança deliberada”; “idealmente com outros”; “Meio dia sem produzir nada. Só ser. A luz não precisa provar que existe”

33. 2.8 · Catecismo, 42 · “A regra serve à vida, não o contrário”
34. 2.8 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XI · “o sabbath do fluxo é um não-ato: não é contemplação, e não há graus de vida que sejam graus de pessoa”
35. 2.9 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “seja qual for o nome que cada um lhe dê”
36. 2.9 · Tratado das Águas Comuns, “Síntese” · “O Flumen, que no Pilar II é o que se recebe, é aqui o que se deve”
37. 2.9 · Decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo IX · “O ‘há perdão’ de Ricoeur pode ser lido ao lado da Luz sem nome, sem opor nem reduzir uma coisa à outra, e sem que isso seja nomear”

Capítulo 3 — Onde nos separamos

O cristianismo

1. 3.1 · Gn 1,27, ARA · “Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” · «וַיִּבְרָא אֱלֹהִים ׀ אֶת־הָאָדָם בְּצַלְמוֹ בְּצֶלֶם אֱלֹהִים בָּרָא אֹתוֹ זָכָר וּנְקֵבָה בָּרָא אֹתָם» · [V-he; V-gr: Septuaginta; V-pt: ARA]
2. 3.2 · Jo 1,9, ARA · “a verdadeira luz” · «τὸ φῶς τὸ ἀληθινόν» · [V-gr; V-pt: ARA]
3. 3.2 · Jo 8,12, ARA · “Eu sou a luz do mundo” · «Ἐγώ εἰμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου» · [V-gr; V-pt: ARA]
4. 3.2 · Mt 5,14-16, ARA · “Vós sois a luz do mundo […] no velador […] debaixo do alqueire” · «Ὑμεῖς ἐστε τὸ φῶς τοῦ κόσμου […] ἐπὶ τὴν λυχνίαν […] ὑπὸ τὸν μόδιον» · [V-gr; V-pt: ARA]
5. 3.2 · Lc 11,35, ARA · “Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas” · «σκόπει οὖν μὴ τὸ φῶς τὸ ἐν σοὶ σκότος ἐστίν» · [V-gr; V-pt: ARA]
6. 3.3 · Ef 2,8-9, ARA · “é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” · «θεοῦ τὸ δῶρον· οὐκ ἐξ ἔργων, ἵνα μή τις καυχήσηται» · [V-gr; V-pt: ARA]
7. 3.3 · Mt 18,22, ARA · “setenta vezes sete” · «ἑβδομηκοντάκις ἑπτά» · [V-gr; V-pt: ARA]
8. 3.4 · Rm 7,19, ARA · “o mal que não quero, esse faço” · «ὃ οὐ θέλω κακὸν τοῦτο πράσσω» · [V-gr; V-pt: ARA]
9. 3.4 · Rm 7,24, ARA · “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” · «ταλαίπωρος ἐγὼ ἄνθρωπος· τίς με ῥύσεται ἐκ τοῦ σώματος τοῦ θανάτου τούτου;» · [V-gr; V-pt: ARA]
10. 3.4 · 1Cor 15,22, ARA · “assim como, em Adão, todos morrem, assim também todos serão vivificados em Cristo” · «ὥσπερ γὰρ ἐν τῷ Ἀδὰμ πάντες ἀποθνῄσκουσιν, οὕτως καὶ ἐν τῷ Χριστῷ πάντες ζῳοποιηθήσονται» · [V-gr; V-pt: ARA]
11. 3.4 · Rm 5,12, ARA · “porque todos pecaram” · «ἐφ’ ᾧ πάντες ἥμαρτον» · [V-gr; V-pt: ARA]
12. 3.5 · Mt 11,28, ARA · “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” · «Δεῦτε πρός με πάντες οἱ κοπιῶντες καὶ πεφορτισμένοι, κἀγὼ ἀναπαύσω ὑμᾶς» · [V-gr; V-pt: ARA]
13. 3.5 · Lc 10,36, ARA · “Qual destes três te parece ter sido o próximo” · «τίς τούτων τῶν τριῶν πλησίον δοκεῖ σοι γεγονέναι» · [V-gr; V-pt: ARA]
14. 3.5 · 1Jo 4,19-20, ARA · “Nós amamos porque ele nos amou primeiro […] a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê” · «ἡμεῖς ἀγαπῶμεν, ὅτι αὐτὸς πρῶτος

ἠγάπησεν ἡμᾶς […] τὸν ἀδελφὸν αὐτοῦ ὃν ἑώρακεν, τὸν θεὸν ὃν οὐχ ἑώρακεν οὐ δύναται ἀγαπᾶν» · [V-gr; V-pt: ARA]

15. 3.5 · Fl 2,7, ARA · “a si mesmo se esvaziou” · «ἑαυτὸν ἐκένωσεν» · [V-gr; V-pt: ARA]
16. 3.5 · Is 53,4.6, ARA · “tomou sobre si as nossas enfermidades […] o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos” · «אָכֵן חֳלָיֵנוּ הוּא נָשָׂא […] וַיהוָה הִפְגִּיעַ בּוֹ אֵת עֲוֹן כֻּלָּנוּ» · [V-he; V-pt: ARA]
17. 3.6 · Mt 5,44-45, ARA · “amai os vossos inimigos […] para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste” · «ἀγαπᾶτε τοὺς ἐχθροὺς ὑμῶν […] ὅπως γένησθε υἱοὶ τοῦ πατρὸς ὑμῶν τοῦ ἐν οὐρανοῖς» · [V-gr; V-pt: ARA]
18. 3.6 · Lc 23,34, ARA · “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” · «Πάτερ, ἄφες αὐτοῖς, οὐ γὰρ οἴδασιν τί ποιοῦσιν» · [V-gr; V-pt: ARA]
19. 3.7 · Mt 26,38, ARA · “vigiai comigo” · «γρηγορεῖτε μετ’ ἐμοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]
20. 3.7 · Mt 25,13, ARA · “porque não sabeis o dia nem a hora” · «ὅτι οὐκ οἴδατε τὴν ἡμέραν οὐδὲ τὴν ὥραν» · [V-gr; V-pt: ARA]
21. 3.7 · Mt 27,46, ARA · “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” · «Θεέ μου θεέ μου, ἱνατί με ἐγκατέλιπες;» · [V-gr; V-pt: ARA]
22. 3.7 · Rm 8,28, ARA · “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” · «Οἴδαμεν δὲ ὅτι τοῖς ἀγαπῶσι τὸν θεὸν πάντα συνεργεῖ εἰς ἀγαθόν» · [V-gr; V-pt: ARA]
23. 3.7 · Gn 22,12, ARA · “Não estendas a mão sobre o rapaz” · «אַל־תִּשְׁלַח יָדְךָ אֶל־הַנַּעַר» · [V-he; V-pt: ARA]
24. 3.7 · Hb 11,19, ARA · “considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos” · «λογισάμενος ὅτι καὶ ἐκ νεκρῶν ἐγείρειν δυνατὸς ὁ θεός» · [V-gr; V-pt: ARA]
25. 3.8 · 1Cor 15,14, ARA · “se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, e vã, a vossa fé” · «εἰ δὲ Χριστὸς οὐκ ἐγήγερται, κενὸν ἄρα τὸ κήρυγμα ἡμῶν, κενὴ καὶ ἡ πίστις ὑμῶν» · [V-gr; V-pt: ARA]
26. 3.8 · Ap 21,4, ARA · “lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá” · «καὶ ἐξαλείψει πᾶν δάκρυον ἐκ τῶν ὀφθαλμῶν αὐτῶν, καὶ ὁ θάνατος οὐκ ἔσται ἔτι» · [V-gr; V-pt: ARA]
27. 3.8 · Hb 12,1, ARA · “temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas” · «τοσοῦτον ἔχοντες περικείμενον ἡμῖν νέφος μαρτύρων» · [V-gr; V-pt: ARA]
28. 3.9 · Rm 2,15, ARA · “testemunhando-lhes também a consciência” · «συμμαρτυρούσης αὐτῶν τῆς συνειδήσεως» · [V-gr; V-pt: ARA]
29. 3.11 · Jo 14,6, ARA · “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” · «Ἐγώ εἰμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωή· οὐδεὶς ἔρχεται πρὸς τὸν πατέρα εἰ μὴ δι’ ἐμοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]
30. 3.11 · At 4,12, ARA · “E não há salvação em nenhum outro” · «καὶ οὐκ ἔστιν ἐν ἄλλῳ οὐδενὶ ἡ σωτηρία» · [V-gr; V-pt: ARA]
31. 3.11 · Mt 25,46, ARA · “E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna” · «καὶ ἀπελεύσονται οὗτοι εἰς κόλασιν αἰώνιον, οἱ δὲ δίκαιοι εἰς ζωὴν αἰώνιον» · [V-gr; V-pt: ARA]
32. 3.12 · Gl 3,28, ARA · “Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” · «οὐκ ἔνι Ἰουδαῖος οὐδὲ Ἕλλην, οὐκ ἔνι δοῦλος οὐδὲ ἐλεύθερος, οὐκ ἔνι ἄρσεν καὶ θῆλυ· πάντες γὰρ ὑμεῖς εἷς ἐστε ἐν Χριστῷ Ἰησοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]

33. 3.12 · 1Tm 2,12, ARA · “não permito que a mulher ensine, nem exerça autoridade de homem” · «διδάσκειν δὲ γυναικὶ οὐκ ἐπιτρέπω, οὐδὲ αὐθεντεῖν ἀνδρός» · [V-gr; V-pt: ARA]
34. 3.12 · Fm 16, ARA · “não como escravo; antes, muito acima de escravo, como irmão caríssimo” · «οὐκέτι ὡς δοῦλον ἀλλὰ ὑπὲρ δοῦλον, ἀδελφὸν ἀγαπητόν» · [V-gr; V-pt: ARA]
35. 3.12 · Ef 6,5, ARA · “Quanto a vós outros, servos, obedecei a vosso senhor segundo a carne com temor e tremor” · «Οἱ δοῦλοι, ὑπακούετε τοῖς κατὰ σάρκα κυρίοις μετὰ φόβου καὶ τρόμου» · [V-gr; V-pt: ARA]

A tradição

1. 3.1 · Ricoeur, *Fé e filosofia*, ed. espanhola (Buenos Aires: Prometeo/UCA, 2008), p. 95 · “não é monocórdica, mas polifônica” · «no es monocorde sino polifónica» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]
2. 3.3 · Arendt, *A condição humana*, §33, pp. 238–239 · “não deriva de Deus” · «does not derive from God» · [V-en; tradução do estudo]
3. 3.5 · Levinas, *Entre nós*, Vozes, pp. 92–93 (pelo Estudo VIII, 4.3) · “O si é a passividade aquém da identidade, passividade do refém. […] Ser eu é sempre ter uma responsabilidade a mais” · «—» · [V-pt]
4. 3.6 · Ricoeur, *O justo*, ed. espanhola (*Lo justo*, Santiago: Editorial Jurídica de Chile, 1997), pp. 204–205 · “nunca é devido” · «el perdón nunca es debido» · [V-es via Estudo IX, 1.6; tradução do estudo]
5. 3.7 · Bonhoeffer, carta de 16/7/1944 · “só o Deus que sofre pode ajudar” · «—» · [V via secundária: Kamphuis; original alemão não conferido; tradução do estudo]
6. 3.7 · Juan de la Cruz, *Noite escura*, II, 5, 1 · “um influxo de Deus na alma, que a purifica” · «an inflowing of God into the soul, which purges it» · [V-en: Peers; tradução do estudo]
7. 3.9 · Concílio Vaticano II, *Gaudium et spes*, n.º 16 · “A consciência é o centro mais secreto e o santuário do homem, no qual se encontra a sós com Deus […]” · «Conscientia est nucleus secretissimus atque sacrarium hominis, in quo solus est cum Deo» · [V-pt: Vaticano]
8. 3.9 · Newman, *Carta ao Duque de Norfolk*, §5 · “a consciência é a voz de Deus na natureza e no coração do homem” · «the voice of God in the nature and heart of man» · [V-en; tradução do estudo]
9. 3.10 · Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43 · “O primeiro ponto é dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos. […] O quarto, pedir perdão a Deus nosso Senhor das faltas” · «El primer puncto es dar gracias a Dios nuestro Señor por los beneficios rescibidos. […] pedir perdón a Dios nuestro Señor de las faltas» · [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo; edição Loyola não aberta]
10. 3.10 · Bento, *Regra*, 4 · “confessar a Deus cada dia […] os males passados” · «Mala sua praeterita cum lacrimis vel gemitu cotidie in oratione Deo confiteri» · [V-la; tradução do estudo; edição Lumen Christi não aberta]
11. 3.11 · Calvino, *Institutas*, III, 21, 5 · “alguns são preordenados para a vida eterna, outros para a condenação eterna” · «some are preordained to eternal life, others to eternal damnation» · [V-en: Beveridge; tradução do estudo]
12. 3.11 · Agostinho, *Enquirídio*, 27 (via Estudo XII) · “massa condenada” · «totius humani generis massa damnata» · [V-la; tradução do estudo]
13. 3.11 · Orígenes, *Dos princípios*, III, 6 · “a restauração perfeita de toda a criação” · «the perfect restoration of the whole of creation» · [V-en: Crombie; tradução do estudo]

14. 3.11 · Gregório de Nissa, *Sobre a criação do homem*, 16 · “uma só imagem daquele que é” · «one image of Him Who is» · [V-en: Wilson; tradução do estudo]
15. 3.11 · Concílio Vaticano II, *Lumen gentium*, 16 · “também eles podem alcançar a salvação eterna” · «—» · [V-pt: Vaticano]

O cânon e os escritos

1. 3.1 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “dada antes de qualquer relação”
2. 3.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus […] A filosofia não decide isso por ninguém”
3. 3.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
4. 3.1 · Catecismo, 27 · “Não é preciso nenhum nome religioso para ser fiel à luz”
5. 3.1 · Ficha do Estudo III, de outubro de 2026 (Dignidade anterior ao mérito) · “é a grande escola dessa intuição”
6. 3.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “A luz não se acende — ela se revela”
7. 3.2 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “pode estar plenamente presente e, ainda assim, encoberta — por medo, por hábito, por adaptação às expectativas alheias”
8. 3.3 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz […] ele a retoma”
9. 3.3 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “reflexivo — falar a quem falhou consigo mesmo, para que não desista da própria luz por causa do próprio erro”
10. 3.4 · Catecismo, 8 · “Quem diz uma coisa e vive outra vive dividido”
11. 3.4 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “herdeiros de gerações e civilizações inteiras — e ancestrais de quem virá”
12. 3.4 · Decisão n.º 4 de 23/10/2026, Estudo IX · “antes de qualquer história”
13. 3.5 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “se compromete a ser lugar seguro no rio”
14. 3.5 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro”
15. 3.5 · Decisão n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII · “o Abrigo revela e nada exige”
16. 3.5 · Catecismo, 36 · “há uma luz devida ao outro”
17. 3.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “devo ao rio o próprio fluxo”
18. 3.5 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII · “O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola: ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague”
19. 3.6 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “O lobo é o mal que alguém inflige — diante dele não se vela: resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro”
20. 3.6 · Catecismo, 36 · “resiste-se, e deve-se justiça, porque há uma luz devida ao outro”
21. 3.6 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “A Misericórdia cobre bem o fracasso próprio; não cobre, ainda, o que se deve à vítima do fracasso alheio”
22. 3.7 · Tratado da Vigília, “Definição” · “Velar não é vigiar nem esperar”
23. 3.7 · Tratado da Vigília, “Definição” · “esperança, que olha para uma manhã que a luz não promete”
24. 3.7 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “promete presença, não vitória”
25. 3.7 · Cânon v1.2, “A Vigília” · “o mal que ninguém causou”

26. 3.7 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
27. 3.7 · Decisão n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II · “para as casas que virão”
28. 3.8 · Ficha do Estudo III, de outubro de 2026 (Fidelidade intra-histórica) · “sobre o depois do rio, silêncio respeitoso”
29. 3.8 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “uma luz acesa dentro da noite, que não precisa do fim para valer”
30. 3.8 · Tratado da Vigília, “Objeção provável e resposta breve” · “poderá ler uma manhã na fé que professa”
31. 3.8 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “a luz de cada um, entregue às águas de todos — e por elas levada mais longe do que qualquer um iria sozinho”
32. 3.8 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o silêncio à beira d’água”
33. 3.9 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “A Bússola não escolhe os caminhos por ninguém; ela apenas veta os que exigiriam apagar a luz para percorrê-los”
34. 3.9 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “eu sem a minha luz sou uma mentira”
35. 3.9 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X · “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”
36. 3.9 · Decisão n.º 5 de 23/10/2026, Estudo IX · “o nome que a fé lhe dá”
37. 3.10 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “onde minha luz ficou escondida hoje? Onde brilhou? Cinco minutos bastam”
38. 3.10 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “com gratidão a alguém do passado que tornou o dia possível”
39. 3.10 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “o exame de um juiz severo”
40. 3.10 · Ficha do Estudo III, de outubro de 2026 (Sem culto) · “sem culto: regra pessoal, não rito eclesial”
41. 3.10 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “a regra serve à vida, não o contrário”
42. 3.11 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “cada pessoa”
43. 3.11 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Lumen Fluens não pertence a nenhuma religião oficial — e não exclui nenhuma”
44. 3.11 · Catecismo, 28 · “Não precisa”
45. 3.11 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega”
46. 3.12 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “cada pessoa”
47. 3.13 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”
48. 3.13 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “a dignidade precede o mérito”
49. 3.13 · Ficha do Estudo III, de outubro de 2026 (Dignidade anterior ao mérito) · “a grande escola”
50. 3.13 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”
51. 3.13 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “o exame de um juiz severo”
52. 3.13 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “o afogamento não é a medida final do que essa pessoa era”

Capítulo 4 — O cristianismo diante das casas da série

O cristianismo

1. 4.1 · Jo 1,14, SBLGNT; ARA · “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” · «Καὶ ὁ λόγος σὰρξ ἐγένετο καὶ ἐσκήνωσεν ἐν ἡμῖν» · [V-gr; V-pt: ARA]
2. 4.2 · Fl 2,7, SBLGNT; ARA · “a si mesmo se esvaziou” · «ἀλλὰ ἑαυτὸν ἐκένωσεν» · [V-gr; V-pt: ARA]
3. 4.3 · Mt 18,33, SBLGNT; ARA · “não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?” · «οὐκ ἔδει καὶ σὲ ἐλεῆσαι τὸν σύνδουλόν σου, ὡς κἀγὼ σὲ ἠλέησα;» · [V-gr; V-pt: ARA]
4. 4.4 · Agostinho, *Confissões*, VII, 9, 13–14, pelo Estudo X, 4.2 · “certos livros dos platônicos, traduzidos do grego para o latim”; “não com estas palavras, mas inteiramente o mesmo”; “Mas que o Verbo se fez carne e habitou entre nós, isso não li ali” · «—» · [V-la via Estudo X, 4.2; tradução do estudo]
5. 4.4 · Agostinho, *Confissões*, VII, 20, 26, pelo Estudo X, 4.2 · “onde estava aquela caridade que edifica sobre o fundamento da humildade, que é Cristo Jesus?” · «—» · [V-la via Estudo X, 4.2; tradução do estudo]
6. 4.4 · Justino, *Segunda Apologia*, 13, *Ante-Nicene Fathers*, pelo Estudo X, 4.2 · “não porque as doutrinas de Platão sejam diferentes das de Cristo, mas porque não são em tudo semelhantes” · «—» · [V-en via Estudo X, 4.2; tradução do estudo]
7. 4.5 · Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I-II, q. 55, a. 1, pelo Estudo XI, 4.2 · “denota uma certa perfeição de uma potência”; “portanto as virtudes humanas são hábitos” · «virtus nominat quandam potentiae perfectionem» · [V-la via Estudo XI, 4.2; tradução do estudo]
8. 4.5 · Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 84, a. 5, pelo Estudo XII, 4.1 · o lume do intelecto como semelhança recebida da luz incriada · «lumen intellectuale […] nihil est aliud quam quaedam participata similitudo luminis increati» · [V-la via Estudo XII, 4.1; paráfrase]
9. 4.5 · Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1 · “uma certa amizade do homem com Deus” · «quaedam amicitia hominis ad Deum» · [V-la; tradução do estudo]
10. 4.5 · Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4 · os três graus da imagem · «—» · [V-la; paráfrase]
11. 4.5 · Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4, ad 1 · mulher e varão · «—» · [V-la; paráfrase]
12. 4.6 · Agostinho, *Confissões*, III, 6, 11 · “tu, porém, eras mais interior do que o meu íntimo” · «interior intimo meo» · [V-la; tradução do estudo]
13. 4.6 · Agostinho, *De magistro*, XI, 38 · “aquele que se diz habitar no homem interior, Cristo” · «qui in interiore homine habitare dictus est Christus» · [V-la; tradução do estudo]
14. 4.6 · Agostinho, *Confissões*, X, 29, 40 · o pedido que supõe o dom no mandamento · «—» · [paráfrase]
15. 4.6 · Agostinho, *Sobre a correção e a graça*, 13, 39, pelo Estudo XII, 1.11 · o número dos eleitos “é certo, e não deve ser aumentado nem diminuído” · «certus est numerus electorum […]» · [V-la via Estudo XII, 1.11; tradução do estudo]
16. 4.6 · Agostinho, *A cidade de Deus*, XIV, 3 · a carne não é a causa do pecado da alma · «nec caro corruptibilis animam peccatricem» · [V-la; paráfrase]

17. 4.6 · Agostinho, *Confissões*, I, 1, 1, pelo Estudo XII, 3.5 · “até que repouse em ti” · «donec requiescat in te» · [V-la via Estudo XII, 3.5; tradução do estudo]
18. 4.8 · Tertuliano, *Sobre a alma*, XX, 1, pelo Estudo II, 4.5 · “tantas vezes dos nossos” · «Seneca saepe noster» · [V-la; V-en: Holmes, via Estudo II, 4.5]
19. 4.8 · Agostinho, *A cidade de Deus*, IX, 5 · “o que é a misericórdia senão certa compaixão, em nosso coração, pela miséria alheia, pela qual somos movidos a socorrer, se podemos?” · «Quid est autem misericordia nisi alienae miseriae quaedam in nostro corde compassio, qua utique, si possumus, subvenire compellimur?» · [V-la; tradução do estudo]
20. 4.8 · Gregório de Nissa, *Homilia 4 sobre o Eclesiastes* · o preço da imagem de Deus · «—» · [paráfrase]
21. 4.9 · *Nostra aetate*, n.º 2, Vaticano · “um raio da verdade que ilumina todos os homens” · «—» · [V-pt: Vaticano]

A tradição

1. 4.1 · Hegel, *Lições sobre a Filosofia da Religião*, parte III, pelo Estudo VII, 4.3 · “Um espírito que não é manifesto não é espírito” · «—» · [V-de via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo]
2. 4.1 · Hegel, *Fenomenologia do espírito*, §759, pelo Estudo VII, 4.3 · a Encarnação como conteúdo da religião · «—» · [V-de via Estudo VII, 4.3; paráfrase]
3. 4.1 · Hegel, *Lições sobre a Filosofia da História*, pelo Estudo VII, 4.3 · “no espírito vivo, em vós mesmos”; “no túmulo entre os mortos” · «—» · [V-de via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo]
4. 4.1 · Hegel, *Lições sobre a História da Filosofia*, Introdução, pelo Estudo VII, 4.3 · “e quero continuar sendo” · «—» · [V-de via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo]
5. 4.1 · Kierkegaard (Johannes Climacus), *Pós-escrito conclusivo não científico às Migalhas filosóficas*, 1846, pelo Estudo VII, 4.3 · “a especulação não deve chamar-se cristã” · «—» · [V-da via Estudo VII, 4.3; tradução do estudo]
6. 4.2 · Levinas, “Um Deus homem?”, *Entre nós*, p. 84, pelo Estudo VIII, 4.3 · “Não tenho a ousadia de me meter num assunto interdito a quem não compartilha sua fé” · «—» · [V-pt via Estudo VIII, 4.3]
7. 4.2 · Levinas, “Um Deus homem?”, *Entre nós*, p. 85, pelo Estudo VIII, 4.3 · “humildade de Deus”; “indispensável à compreensão da subjetividade”; “Tenho certeza de que esta medida será julgada insuficiente pelo cristão que crê” · «—» · [V-pt via Estudo VIII, 4.3]
8. 4.2 · Levinas, “Filosofia, justiça e amor”, *Entre nós*, p. 151, pelo Estudo VIII, 4.3 · “Não digo que outrem é Deus, mas que, em seu Rosto, entendo a Palavra de Deus” · «—» · [V-pt via Estudo VIII, 4.3]
9. 4.2 · Levinas, “O sofrimento inútil”, *Entre nós*, p. 138, pelo Estudo VIII, 1.10 · “a justificação da dor do próximo é, certamente, a fonte de toda imoralidade” · «—» · [V-pt via Estudo VIII, 1.10]
10. 4.3 · Ricoeur, *Autobiografia intelectual*, ed. espanhola, Buenos Aires: Nueva Visión, 2007, p. 84, pelo Estudo IX, 4.3 · “de onde vem a voz da consciência” · «de dónde viene la voz de la conciencia» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]
11. 4.3 · Ricoeur, *Autobiografia intelectual*, ed. espanhola, p. 84, pelo Estudo IX, 4.3 · “minha filosofia sem absoluto e minha fé bíblica mais nutrida de exegese do que de teologia” · «mi

filosofía sin absoluto y mi fe bíblica más nutrida de exégesis que de teología» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]

12. 4.3 · Ricoeur, *Fé e filosofia*, ed. espanhola, Buenos Aires: Prometeo/UCA, 2008, p. 95 · “não é monocórdica, mas polifônica” · «no es monocorde sino polifónica» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]
13. 4.3 · Ricoeur, *Fé e filosofia*, ed. espanhola, p. 197 · “é perfeitamente inútil opor Jerusalém a Atenas” · «Es perfectamente inútil oponer Jerusalén a Atenas» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]
14. 4.3 · Ricoeur, *O si-mesmo como um outro*, Prólogo, ed. espanhola, México/Madrid: Siglo XXI, 1996, p. XXXIX · “economia do dom de caráter meta-ético” · «una economía del don de carácter metaético» · [V-es via Estudo IX, 4.3; tradução do estudo]
15. 4.3 · Ricoeur, *O justo*, ed. espanhola, pp. 204–205, pelo Estudo IX, 1.6 · em termos absolutos só a vítima pode conceder o perdão · «—» · [V-es via Estudo IX, 1.6; paráfrase]
16. 4.7 · Arendt, *A condição humana*, §33, Chicago, p. 238, pelo Estudo XIII, 1.6 · “num contexto religioso e a ter articulado em linguagem religiosa não é razão para levá-la menos a sério em sentido estritamente secular” · «—» · [V-en via Estudo XIII, 1.6; tradução do estudo]
17. 4.7 · Arendt, *A vida do espírito*, II, Paidós, p. 297, pelo Estudo XIII, 4.4 · “os dois não são amigos ou companheiros; estão em constante luta entre si” · «no son amigos o compañeros; están en constante lucha» · [V-es via Estudo XIII, 4.4; tradução do estudo]
18. 4.8 · Pascal, *Conversa com o senhor de Saci*, inglês de Wight, 1909, pelo Estudo II, 4.7 · “orgulho diabólico” · «—» · [V-en: Wight, via Estudo II, 4.7; tradução do estudo]
19. 4.8 · Sêneca, *Sobre a providência*, 5, 6, pelo Estudo II, 4.7 · “não sirvo a deus, assinto” · «non pareo deo sed adsentior» · [V-la via Estudo II, 4.7; tradução do estudo]
20. 4.9 · Nāgārjuna, *Mūlamadhyamakakārikā*, XXVII, 30, trad. Garfield, pelo Estudo I, 4.8 · “que por compaixão ensinou a doutrina verdadeira” · «—» · [V-skt; V-en: Garfield, via Estudo I, 4.8; tradução do estudo]
21. 4.9 · *Majjhima Nikāya*, 63, 7–8, pelo Estudo I, 4.8 · “ligados ao fim” · «atthasaṁhitaṁ» · [V-pi via Estudo I, 4.8; tradução do estudo]
22. 4.9 · Merton, *Mystics and Zen Masters*, 1967 · obra nomeada, sem tese atribuída · «—» · [tese a confirmar; página a confirmar]
23. 4.9 · Thich Nhat Hanh, *Living Buddha, Living Christ*, 1995 · obra nomeada, sem tese atribuída · «—» · [tese a confirmar; página a confirmar]
24. 4.10 · Abhishiktananda, *Saccidananda*, 1974 · obra nomeada, sem tese atribuída · «—» · [tese a confirmar; página a confirmar]
25. 4.10 · Panikkar, *The Unknown Christ of Hinduism*, 1964 · obra nomeada, sem tese atribuída · «—» · [tese a confirmar; página a confirmar]

O cânon e os escritos

1. 4.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “ela se revela”
2. 4.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “deliberadamente deixa em aberto”
3. 4.1 · Decisão n.º 1 de 17/10/2026, Estudo VII · “aceita a dialética como método de crescimento doutrinal e a recusa como teodiceia”

4. 4.2 · Decisão n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII · a Ficha será revista para receber a quenose e a substituição
5. 4.2 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII · o limite fixado (texto em 3.5)
6. 4.2 · Decisão n.º 8 de 19/10/2026, Estudo VIII · princípio de Levinas adotado como princípio declarado
7. 4.2 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · quem crê diz que a Luz é Deus; o cânon não a nomeia
8. 4.2 · Decisão n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X · o esvaziamento do Filho não entra como leitura do cânon
9. 4.3 · Decisão n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX · “a polifonia da nominação, o ágape como economia do dom, Jerusalém e Atenas”
10. 4.3 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · “entra como material, não como doutrina”
11. 4.3 · Decisão n.º 6 de 23/10/2026, Estudo IX · “sem opor nem reduzir uma coisa à outra, e sem que isso seja nomear”
12. 4.3 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX · a Regra da Misericórdia continua reflexiva
13. 4.3 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · a “consciência mais funda”
14. 4.3 · Tratado das Águas Comuns, “Fundamentação” · a luz “dada”
15. 4.4 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo X · “o sol é estrutura; o Bem não é nome da Luz”
16. 4.4 · Decisão n.º 2 de 31/10/2026, Estudo XII · “é estrutura, e nunca nome da Luz”
17. 4.4 · Decisão n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X · o esvaziamento do Filho não entra
18. 4.5 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “dorme, adoece, esquece, fracassa — e permanece pessoa inteira”
19. 4.5 · Tratado da Luz Interior, “Objeção provável e resposta breve” · “por hábito”
20. 4.5 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XI · “admite um hábito que revela a luz, e nenhum hábito a forma”
21. 4.5 · Decisão n.º 9 de 31/10/2026, Estudo XI · “o intelecto agente ‘como a luz’ é estrutura, nunca nome da Luz”
22. 4.5 · Decisão n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XI · “o Abrigo não pede retorno em ponto algum”
23. 4.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “intrínseco”
24. 4.5 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI · a fronteira fixada para os clássicos
25. 4.6 · Decisão n.º 1 de 31/10/2026, Estudo XII · “aceita de Agostinho o dentro e recusa a exceção”; “o nome fica fora da fórmula, com cada leitor”
26. 4.6 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII · “como herança nomeada”
27. 4.6 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII · a Ficha reescrita com duas linhas
28. 4.6 · Meditações Práticas, “A Regra da Misericórdia” · “quem retoma não é a sua força de vontade”
29. 4.6 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte, e o nome fica com quem a carrega”
30. 4.6 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII · Agostinho aliado do Corpus
31. 4.6 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, III · “quem o porta, navega”
32. 4.7 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII · “o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida, como Arendt os lê, entram na revisão da Ficha do Estudo III como matéria do

interlocutor”

33. 4.7 · Estudo XIII, 2.8 · “A Regra desfaz o nó da falha consigo, e o perdão de Arendt o do ato entre outros” · [hipótese do Estudo XIII]
34. 4.7 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “o rio não pune a folha que parou numa margem; ele a retoma”
35. 4.7 · Catecismo, 8 · “quem diz uma coisa e vive outra vive dividido”
36. 4.8 · Decisão n.º 7 de 03/11/2026, Estudo II · “a Vigília promete presença, não vitória, e o cânon não diz que a noite é prova”
37. 4.8 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
38. 4.8 · Decisão n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II · a fórmula da Stoa não diz “recusa a providência”
39. 4.8 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII · a separação dos usos de “misericórdia”
40. 4.8 · Decisão n.º 6 de 03/11/2026, Estudo II · a separação cobre os quatro usos
41. 4.8 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II · o padrão das fronteiras estende-se à Stoa
42. 4.9 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “quem chega até nós”
43. 4.9 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII · “não vai até a substituição”
44. 4.9 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
45. 4.9 · Decisão n.º 6 de 03/11/2026, Estudo I · “o cânon não diz que a vida é sofrer; diz que há noite”
46. 4.10 · Tratado das Águas Comuns, “Definição” · “pessoal, nunca individual”

Capítulo 5 — A Ficha e as prévias: o que a série já disse do cristianismo

O cristianismo

1. 5.1 · Agostinho, *Confissões*, III, 6, 11 (Nuova Biblioteca Agostiniana) · “Tu, porém, eras mais interior do que o meu íntimo e mais alto do que o meu mais alto” · «Tu autem eras interior intimo meo et superior summo meo» · [V-la; tradução do estudo]
2. 5.1 · Tomás, *Suma Teológica*, II-II, q. 23, a. 1 co. (Corpus Thomisticum) · “uma certa amizade do homem com Deus” · «caritas amicitia quaedam est hominis ad Deum» · [V-la; tradução do estudo]
3. 5.1 · Bento, *Regra*, 4 · “vigiar a cada hora os atos da própria vida” · «Actus vitae suae omni hora custodire» · [V-la; tradução do estudo]
4. 5.2 · 1Cor 6,19, Ave-Maria; grego SBL Greek New Testament (Holmes, 2010) · “o vosso corpo é templo do Espírito Santo” · «ὅτι τὸ σῶμα ὑμῶν ναὸς τοῦ ἐν ὑμῖν ἁγίου πνεύματός ἐστιν» · [V-gr; V-pt: Ave-Maria]
5. 5.4 · Mt 18,22, ARA (Almeida Revista e Atualizada, Sociedade Bíblica do Brasil); grego SBL Greek New Testament (Holmes, 2010) · “setenta vezes sete” · «ἕως ἑβδομηκοντάκις ἑπτά» · [V-gr; V-pt: ARA]
6. 5.4 · Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43 (texto de Reig Pla) · “dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos” · «dar gracias a Dios nuestro Señor por los beneficios rescibidos» · [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo]

7. 5.4 · Mt 26,38, ARA (Almeida Revista e Atualizada, Sociedade Bíblica do Brasil); grego SBL Greek New Testament (Holmes, 2010) · “ficai aqui e vigiai comigo” · «μείνατε ὧδε καὶ γρηγορεῖτε μετ’ ἐμοῦ» · [V-gr; V-pt: ARA]

O cânon e os escritos

1. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, primeiro toque · “Dignidade anterior ao mérito: a *imago Dei* (Gn 1,26) é a grande escola dessa intuição”
2. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “a dignidade precede o mérito”
3. 5.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “O valor de cada pessoa é intrínseco, anterior a qualquer conquista ou circunstância”
4. 5.1 · Decisão n.º 2 de 23/10/2026, Estudo X · “admite graus de visão, nunca de valor”
5. 5.1 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “A luz é dada antes de qualquer relação”
6. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, segundo toque · “A luz: ‘a luz que ilumina todo homem’ (Jo 1,9); a lâmpada que não se esconde (Mt 5,14-16); Agostinho, *interior intimo meo*”
7. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, terceiro toque · “Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz”
8. 5.1 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”
9. 5.1 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “ele a retoma”
10. 5.1 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “seu endereço é reflexivo”
11. 5.1 · Estudo XII, 4.1 · “emparelhamento”
12. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, quarto toque · “Abrigo e caridade: ‘vinde a mim os cansados’ (Mt 11,28)”
13. 5.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “braços onde o cansado descansa, casa para quem está cansado de estar só”
14. 5.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “a quem chega até nós”
15. 5.1 · Decisão n.º 3 de 19/10/2026, Estudo VIII · “o Abrigo revela e nada exige”
16. 5.1 · Catecismo, 36 · “há uma luz devida ao outro”
17. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, primeira fronteira · “Estrutura vs. revelação: não nomeamos a origem da Luz — para o cristão, a Luz é Deus; a filosofia não decide por ninguém”
18. 5.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “Para quem crê, a Luz tem nome próprio: para o cristão, é o próprio Deus”
19. 5.1 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”
20. 5.1 · Tratado da Luz Interior, “Fundamentação” · “questão que o cânon deliberadamente deixa em aberto”
21. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, segunda fronteira · “Sem culto: regra pessoal, não rito eclesial”
22. 5.1 · Catecismo, 44 · “idealmente com outros”
23. 5.1 · Ficha do Estudo III, outubro de 2026, terceira fronteira · “Fidelidade intra-histórica: sobre o depois do rio, silêncio respeitoso”
24. 5.1 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “levada mais longe do que qualquer um iria sozinho”

25. 5.1 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “o silêncio à beira d’água”
26. 5.2 · Decisão n.º 10 de 19/10/2026, Estudo VIII · “A ficha do Estudo III será revista para receber a quenose e a substituição, que o cristianismo de Levinas põe no centro”
27. 5.2 · Decisão n.º 4 de 19/10/2026, Estudo VIII · “O Abrigo não vai até a substituição. O limite é a Bússola: ser casa para o outro nunca pede que a luz própria se apague”
28. 5.2 · Decisão n.º 12 de 23/10/2026, Estudo IX · “A Ficha do Estudo III recebe também o material de Ricoeur — a polifonia da nominação, o ágape como economia do dom, Jerusalém e Atenas —, como matéria do interlocutor”
29. 5.2 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XII · “O corpo contra os platônicos entra na Ficha do Estudo III: *Cidade de Deus* XIV, 3 fica como aliado do Corpus. ‘Só templo’ fica como está”
30. 5.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “tijolos do templo”
31. 5.2 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII · “a linha ‘Misericórdia e graça: falhar não apaga a luz’, da Ficha do Estudo III, separa-se em duas — a mão que retoma, que é do rio, e a graça, que é toque do cristianismo”
32. 5.2 · Decisão n.º 11 de 31/10/2026, Estudo XIII · “o Jesus do perdão e o Paulo da vontade dividida, como Arendt os lê, entram na revisão da Ficha do Estudo III como matéria do interlocutor”
33. 5.2 · Decisão n.º 9 de 23/10/2026, Estudo X · “o esvaziamento do Filho não entra na revisão da Ficha do Estudo III”
34. 5.2 · Decisão n.º 3 de 31/10/2026, Estudo XII · “O mestre interior fica como herança nomeada: como está no Tratado da Luz Interior, dito a propósito de Agostinho; não passa a estrutura sem nome”
35. 5.2 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · “o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
36. 5.2 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux; nenhuma massa nem número a reparte”
37. 5.3 · Estudo VII, 4.3 · “a convergência mais profunda e a fronteira mais importante”
38. 5.3 · Estudo VIII, 4.3 · “a Luz de quem crê e o rosto do outro”
39. 5.3 · Estudo XIII, 4.4 · “o cânon não é cristão nem anticristão”
40. 5.4 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “Sê casa para o outro”
41. 5.4 · Tratado da Vigília, “Definição” · “Velar não é vigiar nem esperar”

Capítulo 6 — Síntese, fórmula e questões abertas

O cristianismo

1. 6.1 · Lc 11,35, ARA · “Repara, pois, que a luz que há em ti não sejam trevas” · «σκόπει οὖν μὴ τὸ φῶς τὸ ἐν σοὶ σκότος ἐστίν» · [V-gr; V-pt: ARA]
2. 6.1 · Mt 18,22, ARA · “até setenta vezes sete” · «ἕως ἑβδομηκοντάκις ἑπτά» · [V-gr; V-pt: ARA]
3. 6.1 · Lc 10,36, ARA · “o próximo do homem que caiu nas mãos dos salteadores” · «τίς τούτων τῶν τριῶν πλησίον δοκεῖ σοι γεγονέναι τοῦ ἐμπεσόντος εἰς τοὺς λῃστάς» · [V-gr; V-pt: ARA]
4. 6.1 · Hb 12,1, ARA · “nuvem de testemunhas” · «νέφος μαρτύρων» · [V-gr; V-pt: ARA]

5. 6.2 · Ef 2,8, ARA · “Pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus” · «τῇ γὰρ χάριτί ἐστε σεσῳσμένοι διὰ πίστεως· καὶ τοῦτο οὐκ ἐξ ὑμῶν, θεοῦ τὸ δῶρον» · [V-gr; V-pt: ARA]
6. 6.2 · Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I, q. 93, a. 4 · a imagem “em todos os homens” (ver 1.4) · «in omnibus hominibus» · [V-la; tradução do estudo]
7. 6.4 · Inácio de Loyola, *Exercícios espirituais*, n. 43 (texto de Reig Pla) · “dar graças a Deus nosso Senhor pelos benefícios recebidos” · «dar gracias a Dios nuestro Señor por los beneficios rescibidos» · [V-es via secundária: Reig Pla; tradução do estudo]
8. 6.4 · Mc 2,27, ARA · “O sábado foi estabelecido por causa do homem” · «τὸ σάββατον διὰ τὸν ἄνθρωπον ἐγένετο» · [V-gr; V-pt: ARA]
9. 6.5 · Lc 8,16, ARA · “ninguém, depois de acender uma candeia, a cobre com um vaso […] a fim de que os que entram vejam a luz” · «οὐδεὶς δὲ λύχνον ἅψας καλύπτει αὐτὸν σκεύει […] ἵνα οἱ εἰσπορευόμενοι βλέπωσιν τὸ φῶς» · [V-gr; V-pt: ARA]
10. 6.5 · Jo 8,12, ARA · “Eu sou a luz do mundo” · «ἐγώ εἰμι τὸ φῶς τοῦ κόσμου» · [V-gr; V-pt: ARA]
11. 6.5 · Mt 5,14, ARA · “Vós sois a luz do mundo” · «Ὑμεῖς ἐστε τὸ φῶς τοῦ κόσμου» · [V-gr; V-pt: ARA]
12. 6.5 · Gn 1,27, ARA · “à imagem de Deus” · «בְּצֶלֶם אֱלֹהִים» · [V-he; V-pt: ARA]

A tradição

1. 6.3 · Bonhoeffer, *Resistência e submissão*, carta de 16/7/1944 (*Dietrich Bonhoeffer Werke*, v. 8, pp. 533–534), citado em Kamphuis, *Theologia Reformata* · “só o Deus que sofre pode ajudar” · «nur der leidende Gott kann helfen» · [V via secundária: Kamphuis; original alemão não conferido; tradução do estudo]
2. 6.5 · Bonhoeffer, *Resistência e submissão*, carta de 16/7/1944 (*Dietrich Bonhoeffer Werke*, v. 8, pp. 533–534), citado em Kamphuis, *Theologia Reformata* · “só o Deus que sofre pode ajudar” · «nur der leidende Gott kann helfen» · [V via secundária: Kamphuis; original alemão não conferido; tradução do estudo]
3. 6.3 · Newman, *Carta ao Duque de Norfolk*, §5 · “a consciência é a voz de Deus na natureza e no coração do homem” · «the voice of God in the nature and heart of man» · [V-en; tradução do estudo]
4. 6.3 · Arendt, *A condição humana*, §33, Chicago, 1958, pp. 238–239 · “O descobridor do papel do perdão no domínio dos assuntos humanos foi Jesus de Nazaré” · «The Discoverer of the role of forgiveness in the realm of human affairs was Jesus of Nazareth» · [V-en via Estudo XIII, 1.6; tradução do estudo]

O cânon e os escritos

1. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “a luz não se acende — ela se revela”
2. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”
3. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, II · “Ninguém começa do zero”
4. 6.1 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, IV · “tijolos do templo”
5. 6.1 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”
6. 6.1 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “a quem chega até nós”
7. 6.1 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “em voz baixa ou numa frase escrita”

8. 6.2 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “anterior a qualquer conquista ou circunstância”
9. 6.2 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”
10. 6.2 · Tratado da Luz Interior, “Síntese” · “a dignidade precede o mérito”
11. 6.2 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “não é o exame de um juiz severo”
12. 6.2 · Disputatio, 3, “Respondeo” · “o afogamento não é a medida final do que essa pessoa era”
13. 6.2 · Catecismo, 36 · “resiste-se, e deve-se justiça”
14. 6.2 · Decisão n.º 3 de 17/10/2026, Estudo VII · “A luz é dada antes de qualquer relação”
15. 6.2 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX · “O perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça”
16. 6.2 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XII · “não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
17. 6.2 · Decisão n.º 5 de 31/10/2026, Estudo XIII · “O compromisso do Abrigo é a promessa dita a outro”
18. 6.2 · Decisão n.º 1 de 03/11/2026, Estudo II · “Recusa a providência” não entra, porque “o cânon não adota nem recusa a ordem do todo como teodiceia sua”
19. 6.1 · Decisão n.º 3 de 03/11/2026, Estudo I · “a Lux é de alguém”
20. 6.1 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”
21. 6.3 · Cânon v1.2, “A Bússola” · “apenas veta”
22. 6.3 · Tratado da Vigília, “Definição” · “Velar não é vigiar nem esperar”
23. 6.3 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “não é o exame de um juiz severo”
24. 6.3 · Decisão n.º 3 de 23/10/2026, Estudo IX · “O perdão da vítima ao lobo fica para o tratado da justiça”
25. 6.3 · Decisão n.º 7 de 23/10/2026, Estudo X · “O veto da Bússola é a própria Luz na pessoa, sem voz externa”
26. 6.3 · Decisão n.º 7 de 31/10/2026, Estudo XI · “padrão para os clássicos que virão”
27. 6.3 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”; “com frase própria”
28. 6.3 · Decisão n.º 10 de 31/10/2026, Estudo XII · “a graça, que é toque do cristianismo”
29. 6.3 · Decisão n.º 11 de 03/11/2026, Estudo II · “o padrão das fronteiras fixadas para os clássicos estende-se à Stoa”
30. 6.4 · Cânon v1.2, “Regra de Vida” · “com gratidão a alguém do passado”
31. 6.4 · Meditações Práticas, “O Examinar da noite” · “não é o exame de um juiz severo”
32. 6.4 · Decisão n.º 8 de 31/10/2026, Estudo XI · “O sabbath do fluxo é um não-ato”
33. 6.4 · Decisão n.º 6 de 31/10/2026, Estudo XII · “nenhuma pessoa está fora da Lux”
34. 6.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I · “a luz não se acende — ela se revela”
35. 6.5 · Cânon v1.2, “Os Quatro Pilares”, I, “Prática” · “escondida”
36. 6.5 · Cânon v1.2, “A Regra da Misericórdia” · “Falhar na regra não apaga a luz”
37. 6.5 · Cânon v1.2, “O Abrigo” · “lamparina de museu”
38. 6.5 · Cânon v1.2, “As Águas Comuns” · “levada mais longe do que qualquer um iria sozinho”
39. 6.5 · Cânon v1.2, “Independência confessional” · “A filosofia não decide isso por ninguém”

APÊNDICE B — CONFERÊNCIAS PENDENTES

Conferências pendentes

Este estudo traz 44 passagens marcadas para conferir ([tese a confirmar], [localização a confirmar], [página a confirmar], [atribuição a confirmar]) e 1072 marcas de verificação ao todo. Nada abaixo é doutrina: são dados de fonte, página e edição que a leitura cuidadosa de um exemplar em mãos pode fechar. Os itens estão numerados entre parênteses dentro de cada célula. Preferimos uma lacuna marcada a uma citação falsa.

Tipo	O que falta
Edições não abertas	(1) Bíblias em português: a Bíblia de Jerusalém, a TEB e a CNBB não foram abertas; a Ave-Maria foi lida em cópia digital (JSON), não no impresso; o português bíblico do estudo é da ARA (bibliaonline.com.br) e da Ave-Maria digital. (2) Texto bíblico: o NA28 e o seu aparato (Jo 1,3-4; 1,9; 7,53–8,11; Lc 11,35; Lc 23,34; Jo 8,11; Rm 8,28), pois o grego é o SBLGNT (Holmes, 2010); Rahlfs (a Septuaginta lida é uma cópia digital ortodoxa); a BHS (lido o WLC); a Nova Vulgata (a latina é a Clementina, Migne 1880). (3) Autores em português: Agostinho, *Confissões*, Mammì; Santos/Pina; Paes Leme; Dias Pereira; Belmonte; Tomás de Aquino, *Suma*, Loyola; Bento, *Regra*, Lumen Christi; Inácio, *Exercícios*, Loyola; Calvino, *Institutas*, Waldyr Carvalho Luz; Kierkegaard, Valls; Arendt, Raposo; Ricoeur, Unicamp; Levinas, Vozes: nenhuma foi aberta; todo o português desses autores é do estudo, salvo onde vem marcado como Mammì via Estudo XII. (4) Documentos: *Gaudium et Spes* e *Lumen Gentium* (edição brasileira) e o *Nostra Aetate*, só por intermediário. (5) Originais e aparatos: o CCSL; o grego de Atanásio, de Gregório de Nissa e de Orígenes; o latim de Tertuliano (sobre a carne de Cristo), de Vicente de Lérins, de Lutero, de Calvino e de Trento; o francês de Pascal; os originais de Kierkegaard, Dostoiévski e Bonhoeffer.
Passagens com [página a confirmar], [localização a confirmar], [tese a confirmar] ou [atribuição a confirmar], por capítulo e seção	**Prólogo**: (1) Eckhart, Teresa e Pascal (*Escritos sobre a graça*) aparecem sem letra [tese a confirmar onde o Prólogo a usa]. (2) Resolvido: a Fonte 8 do Prólogo traz 1Cor 6,19 pela Ave-Maria (“templo”), com a ARA (“santuário”) dita. (3) Resolvido: o Prólogo indica [V-he] para Gênesis, Samuel, Salmos e Isaías. (4) O Prólogo cita a correção de Boécio pedida em 19/10/2026 como registrada no histórico do projeto; nenhuma fonte do estudo a localizou, e o fundador confirma. **Cap. 1**: (5) 1.2, Trento, a Ortodoxia, os protestantes e Niceia/Calcedônia [paráfrase; localização a confirmar]. (6) 1.3, Brown [tese a confirmar; página a confirmar]; Fox e Barclay [página a confirmar]; Atanásio (grego não conferido); Niceia/Calcedônia [localização a confirmar]. (7) 1.4, Irineu via Harvey; Gregório de Nissa [localização a confirmar]; Eckhart [tese a confirmar]. (8) 1.5, Dunn e Fitzmyer sobre Rm 5,12 e Rm 7 [tese a confirmar]; Mammì [página a confirmar]; Lutero via Winger; Trento (latim não conferido). (9) 1.8, *credo quia absurdum* [atribuição a confirmar]; Bonhoeffer via Kamphuis (alemão não conferido). (10) 1.9, Igreja e sacramentos [paráfrase; localização a confirmar]; Vicente de Lérins (latim não conferido). (11) 1.11, Inácio, n. 43, via Reig Pla. (12) 1.12 e 3.11, *extra Ecclesiam nulla salus*, sem fonte [localização a confirmar]. **Cap. 2**: (13) 2.1, Gregório de Nissa, Homilia 4 (linhas do GNO). (14) 2.5, Agostinho, *Cidade de Deus* XIV, 3 (edição portuguesa a conferir). (15) 2.6, Bonhoeffer; Rm 8,28 [tese a confirmar no aparato do NA]. **Cap. 3**: (16) 3.4, Dunn e Fitzmyer [tese a confirmar]. (17) 3.7, Bonhoeffer; Rm 8,28 (idem 2.6). (18) 3.10, Inácio (Loyola não aberta) e Bento (Lumen Christi não aberta). (19) 3.11, Orígenes condenado em 553 [tese a confirmar]; Balthasar via Brotherton [página a confirmar]. **Cap. 4**: (20) 4.9, Merton e Thich Nhat Hanh [página a confirmar; paráfrase]. (21) 4.10, Abhishiktananda e Panikkar [página a confirmar; paráfrase]. **Cap. 5**: (22) sem marcador de confirmação; as marcas do cap. 5 são de leitura e hipótese do estudo. **Cap. 6**: (23) 6.3, Newman, *Carta ao Duque de Norfolk*, §5 [V-en; tradução do estudo], como em 3.9; página a confirmar.

Tipo	O que falta
Passagens traduzidas pelo estudo	(1) O português de Agostinho, Tomás, Bento, Inácio, Calvino, Lutero, Pascal, Kierkegaard, Dostoiévski e Bonhoeffer é do estudo, sobre o latim, o alemão, o francês, o dinamarquês ou o russo, ou sobre a tradução inglesa citada ([tradução do estudo]: 166 no total). (2) O Cap. 1 concentra 61 e o Cap. 4, 47: no Cap. 4 estão as traduções do sânscrito e do páli (Gita, Dhammapada) a conferir em edição portuguesa. (3) Jó 2,13 vem da tradução do Tratado da Vigília, sem marcador. (4) Confissões X, 29, 40: o estudo marca "concede" como Mammì via Estudo XII; o a pesquisa de fontes do estudotraz "Dá o que ordenas" como tradução do a pesquisa de fontes do estudo.
As traduções fixadas e convenções	(1) Salmos: numeração ARA/hebraica contra a da Vulgata e da Ave-Maria; Sl 8,4-5 contra 8,5-6; Sl 88,18 contra 88,19. (2) Eclo 51,31 contra 51,23 (LXX). (3) Jo 1,3-4: a pontuação do SBLGNT difere da do NA28. (4) As variantes de Lc 11,35 e Jo 8,11 não são avisadas no texto.
Divergências de localização resolvidas	(1) Winger: o Cap. 1 traz "*On the simul*"; o a pesquisa de fontes do estudo, "Simul justus et peccator: Did Luther and the Confessions get Paul right?" (*Logia/Lutheran Theological Review* XVII, 2004–05, p. 94); conferir qual é o título da fonte. (2) Kierkegaard, *A doença para a morte*: p. 129 no estudo contra pp. 119, 129 e 131 no a pesquisa de fontes do estudo. (3) Trento: a tradução é a de Waterworth (1848); conferir a paginação. (4) Newman: a paginação é a de Longmans. (5) Fox e Barclay: página.
Intérpretes só por intermediário ou só nomeados	(1) Por intermediário: Irineu (Harvey), Lutero (Winger), Bonhoeffer (Kamphuis), Inácio n. 43 (Reig Pla), Balthasar (Brotherton), Dunn e Fitzmyer, Brown, Fox e Barclay. (2) Só nomeados, sem uso nos capítulos: Weil. Moltmann, Jonas, Rahner, Metz, Derrida, Nygren, Hadot e Cassiano saíram do Prólogo na revisão. (3) Abhishiktananda e Panikkar, Merton e Thich Nhat Hanh (Cap. 4): lidos por fonte secundária. (4) Exegetas e leitores brasileiros e portugueses: só entram se citados; nenhum foi aberto.
As frases virais	(1) "Ama e faze o que quiseres": Agostinho, *Comentário à Primeira Carta de João*, 7, 8 (localização dada; conferir a edição). (2) "Aqui estou eu" de Worms: atribuição disputada; não é citada. (3) "O cristianismo é platonismo para o povo": não localizada; não é citada. (4) *Credo quia absurdum*: [atribuição a confirmar]. (5) *Extra Ecclesiam nulla salus*: sem fonte. (6) "Deus escreve certo por linhas tortas" e "a fé move montanhas": só no a pesquisa de fontes do estudo; não entram no texto.
Datas duvidosas	(1) Jesus: c. 4 a.C., morte em 30 ou 33. (2) Paulo: c. 5 a c. 64/65, ou 64/67. (3) Evangelhos: datas aproximadas. (4) Irineu c. 130 a c. 202 (nascimento). (5) Orígenes c. 185 a c. 253 (alguns dão 254). (6) Gregório de Nissa: nascimento de referência geral. (7) Bento c. 480 a c. 547; a *Regra* c. 530–540. (8) Trento 1545–1563; Vaticano II, abertura em 11/10/1962 e encerramento em 08/12/1965 (referência geral). (9) As datas de Eckhart, Tomás, Lutero, Inácio, Teresa, João da Cruz, Pascal e Kierkegaard vêm de resumo da Wikipédia.
Divergências de edição e dados	(1) Decisões do fundador de 17/10 sem numeração no arquivo. (2) A decisão n.º 5 de 23/10 (Estudo IX) remete à n.º 3 de 19/10; a referência diverge e é citada à parte. (3) Regra de Vida com redação pendente (Dec. 19/10 n.º 9; Dec. 31/10, Estudo XIII, n.º 7). (4) Boécio não localizado. (5) "Prova" tomada em outro sentido (Estudo II, 3.2). (6) Mammì via XII contra o a pesquisa de fontes do estudoem Confissões X, 29, 40 (ver acima).
Referências da série a conferir	(1) A Antífona não é tratada neste estudo. (2) O cânon e os escritos entram com os Estudos VII a XIII e I–II, na forma dos resumos do projeto; conferir a numeração das decisões por data e estudo. (3) A Ficha de outubro (7 frases, 4 toques, 3 fronteiras) contra a proposta de Ficha reescrita em 5.4 (7 toques, 8 fronteiras); a fórmula proposta em 6.2 ("o Lumen Fluens aceita do cristianismo a anterioridade e recusa o juízo").
O que a decisão do fundador pode resolver	As questões abertas (by) a (ch), mais as herdadas (g), (j) e (k); a fórmula de 6.2; a Ficha reescrita de 5.4 (sete toques, oito fronteiras, graça entre os toques, só "quem dá" nas fronteiras); as quatro correções à Ficha. Só o fundador altera a doutrina.

Tipo	O que falta
(não conta como conferência)	

#

APÊNDICE C — PAINEL DE VERIFICAÇÃO

Contagem por `grep` nos sete arquivos-fonte (`00-prologo.md`, `cap-1.md` a `cap-6.md`), corpo mais Fontes citadas. Critério: conta-se cada grupo entre colchetes que contém o marcador (`grep -o -P '\[[^\[\]\n]*MARCADOR[^\[\]\n]*\]'`), excluindo do Prólogo a linha definitória "Por isso [V-gr] indica…". Um grupo com dois marcadores conta em cada linha.

Marcador	Prólogo	Cap. 1	Cap. 2	Cap. 3	Cap. 4	Cap. 5	Cap. 6	Total	no corpo	nas Fontes
[V-gr]	13	119	22	66	6	6	8	240	116	124
[V-la]	1	28	15	4	28	6	1	83	40	43
[V-he]	1	14	2	6	0	0	2	25	13	12
[V-pt: …] (com nome)	12	137	24	74	8	6	10	271	131	140
[V-pt] (sem nome)	0	4	0	2	8	0	0	14	7	7
[V-en: …] (com nome)	0	24	2	8	6	0	0	40	20	20
[V-en] (sem nome)	0	7	0	5	4	0	1	17	8	9
[V-es …]	0	6	2	6	11	2	1	28	12	16
[V-de/da/skt/pi …]	0	0	0	0	14	0	0	14	7	7
[V via secundária]	0	8	4	5	0	2	2	21	10	11
[tradução do estudo]	1	61	21	24	47	8	4	166	79	87
[paráfrase]	0	11	0	1	13	0	1	26	15	11
[tese a confirmar]	2	5	0	3	6	0	0	16	11	5
[localização a confirmar]	0	9	0	1	0	0	0	10	9	1
[página a confirmar]	0	8	0	1	6	0	1	16	7	9
[atribuição a confirmar]	0	2	0	0	0	0	0	2	1	1
[leitura do estudo]	4	3	10	15	8	6	8	54	54	0
[inferência do estudo]	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0
[hipótese do estudo]	2	0	7	5	1	9	2	26	26	0
[proposta do estudo]	0	0	0	1	0	1	0	2	2	0

Leitura do painel: as marcas [V-pt] sem nome do tradutor (14) e [V-en] sem nome (17) devem receber o nome da edição na próxima passada. A soma das quatro marcas "a confirmar" é 44 (tese 16, localização 10, página 16, atribuição 2), o número que abre esta seção. As marcas de leitura, inferência, hipótese e proposta do estudo (83) são juízo do estudo, não pendência de fonte.

Painel de verificação

Contagem, feita sobre o texto final, das marcas entre colchetes que acompanham citações e leituras. “Corpo” é o texto do Prólogo e dos capítulos; “Aparato” são as fontes por capítulo. Neste estudo as passagens do budismo foram conferidas, quando possível, no páli (SuttaCentral) ou no sânscrito dos originais, com as traduções inglesas e portuguesas à vista (ver o Prólogo, “Como ler este estudo”); o que não foi conferido em edição brasileira ou portuguesa vai como [V-pi], [V-skt], [V-en] ou tradução do estudo (ver o Apêndice B).

Marca	Total	Corpo	Aparato
[V-gr]	253	126	127
[V-la; tradução do estudo]	69	35	34
[leitura do estudo]	55	55	0
[V-en; tradução do estudo]	53	25	28
[V-he]	26	14	12
[V-es; tradução do estudo]	25	11	14
[V-pt]	24	13	11
[tese a confirmar]	17	12	5
[hipótese do estudo]	16	16	0
[V-la]	14	7	7
[V via secundária]	11	5	6
[paráfrase; … a confirmar]	8	8	0
[paráfrase]	8	4	4
[V-de; tradução do estudo]	6	3	3
[… a confirmar]	5	5	0
[V-de]	3	2	1
[V-es]	3	2	1
[hipótese do estudo xiii]	2	1	1
[proposta do estudo]	2	2	0
[V-skt; tradução do estudo]	2	1	1
[V-pi; tradução do estudo]	2	1	1
[v-da via estudo vii, 4.3; tradução do estudo]	2	1	1
[hipótese do estudo; proposta em 5.4]	1	1	0
[leitura do estudo, estudo xii, 3.5]	1	1	0
[inferência do estudo]	1	1	0
[hipótese do estudo i, 4.8]	1	1	0
[V-pi]	1	1	0

Marca	Total	Corpo	Aparato
[hipótese do estudo; estudo xiii, 3.6 e 2.8]	1	1	0
[V-skt]	1	1	0
[tradução do estudo]	1	1	0
[V-en]	1	1	0
[leitura do estudo, estudo xii, 4.1]	1	1	0

Citações entre aspas e palavras, por capítulo:

Capítulo	Citações	Palavras
Prólogo — O estado da questão e o método	93	5290
1. O cristianismo em sua melhor forma	121	5306
2. Onde nos tocamos	104	3890
3. Onde nos separamos	149	5548
4. O cristianismo diante das casas da série	94	3892
5. A Ficha e as prévias: o que a série já disse do cristianismo	88	3320
6. Síntese, fórmula e questões abertas	92	4376
Total	741	31622

Toda citação do corpo foi conferida, fragmento a fragmento, contra a pesquisa de fontes do estudo e contra o Cânon v1.2, os três Tratados, a Disputatio, o Catecismo, as Meditações, as decisões do fundador e os Estudos VII a XIII; nenhuma foi inventada. As que não puderam ser conferidas numa edição levam marca. Dentro das aspas fica a grafia da edição citada.